

Orelhas:

Estamos acostumados a ler Elmar Carvalho em formato de poesia, pois, foi como poeta que ele se celebrou no meio literário, e é reconhecido como um dos maiores da contemporaneidade piauiense. Mas, não somente de poesias vive e se alimenta o irrequieto autor de Rosas dos Ventos Gerais, seu livro de maior alcance, a sua obra primacial, e de Noturno de Oeiras, o mais belo poema já escrito em homenagem à Velhacap. Deste modo, já vemos que não apenas em uma única fonte bebe o nosso bardo campomaiorense. Vez por outra, e de forma agora muito amiudada, saem da sua pena fertilíssima, textos em prosa também. É nesse campo que o instigante autor tem se dedicado com mais afinco nos últimos tempos. Recentemente, fomos surpreendidos com duas obras da sua lavra que muito vêm corroborar com o que estamos afirmando: Confissões de um Juiz, a sua obra autobiográfica, e Bernardo de Carvalho, livro histórico sobre a vida do mestre de campo português que, afinal, veio a ser o fundador de Bitorocara, fazenda e arraial em cujo território nasceu a sua querida e aconchegante Campo Maior. A esses dois exemplos vêm se juntar uma série de outros trabalhos que ele publica no seu Blog do Poeta Elmar de forma sistemática, como a série de crônicas do seu Diário Incontínuo. Agora, não satisfeito com tudo o que já fez pela literatura piauiense, vem o trovador nos surpreender com uma obra romanesca: Histórias de Évora. E Elmar Carvalho vem até nós, munido da sua fonte inesgotável de criação, presentear-nos com uma obra ficcional de estreia densa e deliciosa. Com capítulos bem definidos, e que podem ser lidos de modo salteado, caso se decidam a fazê-lo assim, não se perdem nada da proposta inicial da sua trama, uma vez que a ordem natural do tempo foi controlada de tal modo que sempre se chegará ao fim da jornada com o conhecimento total do seu enredo. Tudo, porque de um capítulo para o outro, forma-se uma sequência de histórias com começo, meio e fim. Como, de resto, já elucida o próprio título do livro. Assim, veio o autor nos surpreender com uma série de histórias criadas em torno de um personagem central, o protagonista Marcos Azevedo, que poderia muito bem compor vários romances em um único tomo, caso ele desejasse assim o fazer. Para recheiar essas histórias, Elmar Carvalho criou uma sequência de personagens periféricos fortes, densos, com ênfase principalmente aos do sexo feminino, mulheres com as quais o seu protagonista se envolve ao longo das suas sagas. É nesse campo em que elas pululam, sobressaem-se, algumas como a amável, e amorável, Madalena, mulher forte e decidida que sai em busca de um objetivo predeterminado, e termina por envolver-se de forma intensa e indissolúvel com o personagem principal. Ou a prostituta Gracinha que, no que pese ser a “teúda e manteúda” de um endinheirado local, encheu-se de falsa castidade e almejava apenas e tão somente namorar candidamente o valoroso Marcos, guardando respeito aos velhos costumes que nunca levavam às vias de fato. Nesse campo, aliás, o das mulheres da vida, o autor vai fundo e descreve com maestria o funcionamento dos velhos lupanares de então, lugar onde dez entre dez jovens, em décadas passadas, faziam a sua iniciação sexual. É com riqueza de detalhes que mestre Elmar descreve não somente o ambiente físico dos prostíbulos simples, mas, e acima de tudo, o clima reinante naquelas casas, o ambiente contaminado pela fumaça dos cigarros, e a alegria impulsionada pela

bebida e por uma trilha sonora breguíssima, mas com fortes doses de paixão e sentimentalismo. O título de Zona Planetária, em que cada uma das chamadas “Boites” adotava o nome de um dos planetas do nosso sistema solar, foi também uma ótima sacada do autor, e confere um aspecto lúdico ao ambiente tão maldosamente tratado pelos detentores e falsos moralistas que sempre se referiam a ele através de termos pejorativos e preconceituosos. O livro, por tudo isso, é também uma aula para os jovens de hoje que não conhecem, por não precisarem, os velhos ambientes alegres de então, buscados por dez entre dez jovens para dar vazão à libido incontrolável naquelas épocas nem tão distantes assim. Em Évora não despontavam os esplendorosos Bataclans ou Vesúvios da obra cinematográfica de Jorge Amado, mas os cabarés simples e os bares tipo “Pé Inchado” como o “Recanto da Saudade”, que resistiam sem as luzes feéricas lastreadas nas riquezas emanadas pelo cacau do Recôncavo Baiano. Histórias de Évora é um livro para ser lido de um só fôlego.

José Pedro Araújo

Dados técnicos:

1ª Edição - 2017

Nome completo do autor: José Elmar de Mélo Carvalho

Gênero da obra: romance

Revisores:

Telde Soares Leal Melo Lima

Elmar Carvalho

Fotografia da capa: Elmar Carvalho

Folha de rosto:

À memória de

Rosália Maria de Mélo Carvalho, minha mãe,
e de meus amigos José Henrique de Andrade Paz
e Otaviano Furtado do Vale.

Índice:

Advertências

Histórias de Évora: uma ficção do erotismo, amor e saudade

I O triângulo encantado

II O dono do céu

III O apelo do sexo

IV No cantinho dos inocentes

V A iniciação sexual de Marcos

VI Évora e suas histórias

VII A balzaquiana Madalena

VIII As montanhas de Minas

IX Caça e caçador

X Consummatum est

XI Música e memória

XII Confissões (1)

XIII Confissões (2)

XIV Desfecho inesperado

XV Évora

XVI Gracinha

XVII Prostituição e tragédia familiar

XVIII O lendário Zé Lolô

XIX Montevidéu, ontem e hoje

XX Escândalo no QG

XXI Idílio algo bucólico

XXII A serra encantada (1)

XXIII A serra encantada (2)

XXIV Melancólica despedida

XXV A matrona de Évora

XXVI Amor sem esperança

XXVII O voo do Pardal

XXVIII Moto contínuo

XXIX Revelações

XXX Dança e namoro

XXXI O crime do padre Amaro

XXXII Aqueles olhos verdes

XXXIII Ester, serrana bela

XXXIV O segredo de Matilde

XXXV Uma história da cera de carnaúba

XXXVI E assim se passaram os anos

XXXVII Seus olhos são negros, negros

XXXVIII Epílogo

Anexo – Outras histórias de Évora

Síntese biográfica do autor

ADVERTÊNCIAS

Passei a me interessar por literatura aos dez anos de idade, quando me tornei viciado em livros, sobretudo de poesia e ficção. Aos 16, tentei iniciar um romance, mas logo minha autocensura me indicou que eu ainda não estava preparado para essa empreitada. Com vinte e poucos anos tentei novamente esse gênero literário, mas por diferentes razões desisti, ainda nos capítulos iniciais.

Durante quase toda minha vida literária alimentei o desejo de escrever um romance ambientado em Sete Cidades, até quando, talvez por comodidade ou pela lei do menor esforço, transformei esse sonho no conto Tragédia shakespeariana em Sete Cidades. Há quase um ano, no que denominei folhetim eletrônico, passei a publicar toda semana os capítulos de Histórias de Évora. Meia dúzia de leitores amigos o acompanharam, e me estimularam a prosseguir com os seus amáveis comentários.

No texto vestibular de seu livro Confissões de Minas, disse Carlos Drummond de Andrade: “É um livro de prosa, assinado por quem preferiu quase sempre exprimir-se em poesia. Esse suposto poeta não desdenha a prosa, antes a respeita a ponto de furtar-se a cultivá-la. [...] Mas a verdade é que se a poesia é a linguagem de certos instantes, e sem dúvida os mais densos e importantes da existência, a prosa é a linguagem de todos os instantes, e há uma necessidade humana de que não somente se faça boa prosa como também de que nela se incorpore o tempo, e com isto se salve esse último.”

Usando como mote o texto drummondiano acima transcrito, direi: embora seja mais conhecido como poeta, jamais desdenhei a prosa; antes a cultivei, como leitor e como literato. Com ou sem razão, talvez alguns venham a achar que este seja o romance de um poeta. De qualquer sorte, tentei injetar um pouco de poesia em suas páginas, dando-lhes um sopro do que poderia ser rotulado de prosa poética. E é certo que nelas procurei incorporar o tempo, sobretudo quando as amalgamei com substratos memorialísticos, na busca talvez inglória e proustiana de recuperar o tempo perdido de minha adolescência e juventude.

Publiquei o primeiro capítulo desta pequena obra romanesca na internet, no dia 14 de abril de 2016, e a sua última parte (Anexo – Outras histórias de Évora), em 1º de fevereiro. Elaborava e revisava os capítulos nos dois dias anteriores à publicação semanal. Após o término, fiz nova revisão, com pequenas podas e eventuais acréscimos.

Deixo logo bem claro que não desejei fazer uma obra de vanguarda. Quis apenas contar umas histórias, pois sempre entendi que um romance ou conto deve narrar algo. Em cretino trocadilho: um conto que nada conta, para mim não conta; para mim nada vale como conto, já que não conta. Será qualquer outro artefato literário, menos um conto.

Contudo, também não quis ser um simplório contador de histórias ou “causos”. Busquei dar ao meu texto uma dignidade literária, tanto através da linguagem como da

minha (possível) inventividade. Portanto, lancei mão dos recursos da estilística, no tanto e no quanto entendi apropriados.

A minha Évora é uma cidade fictícia, uma mistura de Parnaíba e Campo Maior dos anos 70 e 80, mas com uma pitada de outras cidades, a que sou ligado por laços sanguíneos e sentimentais.

Não há negar: em certos momentos Marcos Azevedo pode ser considerado como uma espécie de meu alter ego, porém em outras situações o meu protagonista é uma completa figura fictícia. Algumas histórias foram extraídas, em parte, de fatos verídicos, mas que eu transformei, reinventei, misturando-os, exagerando-os ou mitigando-os, e também lhes injetando forte dose de ficção. É que nada se tira do nada. Ou, como disse Pessoa, o mito é o nada que é tudo.

Conquanto o meu livro tenha seguido a tradição da romancística, procurei usar, embora com parcimônia, o arsenal literário trazido pela vanguarda, sendo que porfiei em manipular artefatos de minha própria invenção.

Este romance é também (mas não só) o que os teóricos chamam de bildungsroman, ou romance de formação. Versa a história de um adolescente dos anos 1970, passando a adulto, e termina quando ele começa a entrar na maturidade, no final dos anos 80. Abarca, portanto, o fim do ciclo do extrativismo econômico e dos cabarés, que se foram extinguindo em razão do uso dos vários tipos de preservativos e da concorrência das moças de programa.

Fiz várias intertextualizações, inclusive e principalmente com textos de minha própria autoria, e com letras de músicas. Talvez possa ter algo de metarromance. Deixo que os meus leitores e críticos elucidem esse aspecto. Também aborda, ainda que de forma sintética ou como pano de fundo, assuntos de interesse da economia, da sociologia, da antropologia e da história social recente.

Enxertei narrativas que julgo possam ser tidas e havidas como sendo do dito realismo fantástico e/ou mágico, ao menos nos capítulos referentes ao lobisomem e ao caçador abduzido na serra, e que teria se desnortado no tempo e no espaço.

Tem começo, meio e fim, e segue, quase sempre, a ordem cronológica natural. Eventualmente tem seus “saltos” temporais, retrocedendo para um passado mais distante ou pulando para um futuro mais remoto, mas, creio, sem confundir o leitor; ao menos, foi isso que tentei.

A vida de meu protagonista é contada por um narrador em terceira pessoa, nem sempre (ou quase nunca) onisciente, porquanto ele próprio tem suas dúvidas sobre as causas reais de muitos acontecimentos e não tem explicações peremptórias ou definitivas sobre muitos fatos.

Também não teve o intuito ou vaidade de encontrar a razão psicológica de certas atitudes das personagens. Por conseguinte, não teve a veleidade de fazer uso de certos

“psicologismos”, sabedor de que todos têm os seus mistérios, as suas razões e a sua face oculta.

Fugi, o mais que pude, ao maniqueísmo. Minhas personagens são apenas seres humanos, com qualidades positivas e negativas. Com relação às prostitutas, devo dizer que apenas retratei a realidade da época, em que o machismo e os preconceitos eram ainda mais severos.

Como todos sabem, de cerca de vinte anos para cá as mudanças sociais, comportamentais e tecnológicas, para o bem ou para o mal, foram bastante acentuadas. Por conseguinte, trata-se de um cenário bem diferente do que é focado em minhas histórias eborenses.

Quanto à qualidade, não me pronunciarei, vez que isso cabe aos críticos e leitores, e ademais não desejo receber a pecha de cabotino.

Considero este livro como sendo meu (quase ou possível) testamento literário, pois ele, com os devidos descontos e acréscimos, tem alguma coisa de confessional, embora, como já frisei, o protagonista não seja in totum um alter ego deste autor, e muitos fatos e enredos sejam apenas ficção.

Muitas “histórias de Évora” são contadas pelo meu protagonista, Marcos Azevedo, em primeira pessoa. Assim, sob esse aspecto, pode ser classificado o meu romance como sendo do formato moldura. Essas narrativas estão entre aspas e em itálico, pois não quis surpreender o meu leitor, nem lhe quis armar nenhuma pegadinha. Ao contrário, desejo que ele compreenda os meus enredos, entretidos e narrativas sem o menor embaraço.

E se isto acontecer, me dou como muito bem pago.

Teresina, 13 de fevereiro de 2017.

Elmar Carvalho

Histórias de Évora: uma ficção do erotismo, amor e saudade

O mistério das letras tem isso de atraente: torna-se mais espesso à medida que se tenta dissipá-lo.

Tzvetan Todorov, As estruturas narrativas.

Cunha e Silva Filho

Escritor e pós-doutor em literatura

PRELIMINARES. Mais conhecido como um respeitado poeta no seu Estado, o piauiense Elmar Carvalho não poderia ser considerado um estreante no gênero da prosa de ficção.

Há tempos tem escrito pequenos textos que se poderiam chamar de contos, narrativas regionais que misturam “realidade’ ficcional e imaginário popular e folclórico, adentrando-se até, em grau menor, em textos de cunho fantástico ou mágico que contribuem para um pitoresco painel dos costumes, hábitos da paisagem interiorana piauiense, de cidades do interior de seu estado natal. Lendo muitas deles, não me furto a fazer uma analogia com alguns textos narrativos de viés sobrenatural com algumas narrativas do escritor Bernardo Guimarães (1825-1884). Penso aqui no seu conto modelar que é “A dança dos ossos.” Extraído do livro Lendas e romances (1871).

Elmar Carvalho é um autor que há muito tempo venho lendo não só analisando-lhe a poesia que, - ninguém pode negar – é de ótima qualidade, tendo mesmo sido agraciado, pelo seu livro Rosa dos ventos Gerais (poesia reunida, 20002) com o importante prêmio “Ribeiro Couto” da União Brasileira de Escritores (UBE). Ademais, Elmar incursionou elegantemente pelo memorialismo e por algumas pesquisas de natureza histórica, pelo ensaio da pesquisa histórica, pela crítica literária, pela crônica.

Diria, em síntese, que o conjunto de textos em prosa que, até hoje, produziu já lhe garante um lugar definitivo entre os escritores mais prestigiados da literatura piauiense contemporânea.

Agora, Elmar Carvalho nos surpreende mais uma vez com uma novidade: a escrita de um romance, Histórias de Évora. O autor a classificou como romance; eu, porém a definiria como novela, pois se ressentia de um componente forte no romance: a simultaneidade dramática.”[1]

Deixo explícito, no entanto, que, nesta análise de alguns ângulos da linguagem e da sua estrutura ficcional, levarei em conta a sua íntima aproximação com o gênero do romance e até o tratarei com tal, sobretudo tendo em vista o cunho ensaístico desta introdução, o que equivale a dizer, que meu julgamento ou minhas concepções não são dogmáticas nem definitivas em terreno tão controvertido quanto a classificação de gêneros nos dias de hoje.

Tampouco divergi dele porque seja uma obra não muito extensa, mas por um romance ser uma narrativa que propicia uma visão totalizadora, da existência, da qual se poderia depreender melhor a cosmovisão do narrador sobre o mundo e seus problemas mais diversificados e complexos.

A novela, não. Tendo elementos praticamente semelhantes do romance, seu alcance narrativo é menor no tratamento destinado à trama, ao enredo, às personagens. A novela não seria um romance em ponto pequeno, mas seria um “romance incompleto,” suscetível de se prolongar indefinidamente em nosso episódios.

Por outro lado, esse espaço de introdução da obra em exame não objetiva levar-me a uma discussão teórica, genológica, mas apontar vias seguidas por Elmar nesta corajosa empreitada de se desincumbir bem no seu projeto de escrever ficção e estreitar como romancista em *Histórias de Évora*.

Preferindo seguir a linha de uma ficção de corte mais tradicional, até na linguagem, com ressonâncias de autores portugueses ou brasileiros do século XIX, mas ao mesmo tempo incorporando ao seu texto contribuições da narrativa contemporânea, segundo veremos mais adiante, Elmar Carvalho logrou êxito nessa combinação do antigo com o novo, o que, de certa maneira, sem forçar, se poderia aduzir que na obra em questão existem traços distintivos inegáveis de pós-modernidade.

Tal estratégia do autor o salva da pecha de uma narrativa em modos envelhecidos ou anacrônicos. O próprio autor, nas “Advertências” de abertura da obra, de certa maneira criteriosamente antecipa alguns pontos comuns entre o que ele pensa e o que eu penso acerca da construção de seu romance no que tange a algumas estratégias e técnicas narrativas por ele usadas. Desta forma, chama a atenção do leitor para sua opção pelo não utilização, na arquitetura de sua obra, do experimentalismo ou vanguardismo: “Deixo logo bem claro que não desejei fazer uma obra de vanguarda. Quis apenas contar histórias, pois sempre entendi que um romance ou conto deve narrar algo.” (grifos meus).

A QUESTÃO DO NARRADOR. Existem dois narradores nas *Histórias de Évora*. O narrador 1 e o narrador 2. O narrador 1 relata as exuberantes e ousadas experiências erótico- amorosas de Marcos Azevedo, protagonista do romance, desde a sua iniciação sexual com a famosa madame Doralice, até o final feliz do romance, à moda romântica, já casado com a auditora fiscal, Lívia Maria.

O narrador 2, que é interno, quer dizer, inserido numa narrativa primeira, é um narrador-personagem, só que, agora, na condição de escritor. Este, a partir do capítulo XI, será incumbido de narrar textos extraídos de suas obras na fase adulta e madura. São as obras Histórias de Évora, Mitologia de Évora e Memórias. Pelo que se viu, o narrador 1, de terceira pessoa, emprega o recurso digressivo e metaficcional, ou seja, a quebra do ilusionismo realista do chamado romance burguês do século XIX ao mostrar que o leitor está diante de uma história inventada, de “criatura de papel” no dizer de Roland Barthes e, por conseguinte, não referencial, não empírica. Na realidade, esse recurso metaficcional ou metalinguístico, desponta mais de uma vez na narrativa tanto sob o domínio do narrador 1 quanto do narrador 2. Daí advertir o leitor de que os relatos de Marcos Azevedo virão (...) em itálicos e entre aspas”(....) Importa acentuar que relatando, com minúcias, os saudosos grandes momentos de seu passado, os seu relatos tornam-se, por assim dizer, tanto ficcionais quanto fragmentos de memórias do escritor. E mais: a função narratológica do narrador 2 tem um caráter de complementaridade no conjunto do enredo do narrador 1.

Além disso, enquanto narrador 2, Marcos Azevedo se distancia um pouco do que conta, tornando, assim, sua narrativa mais objetiva e mais interessada em outras realidades não descritas nem expostas e nem discutidas pelo narrador em terceira pessoa, o que, para a engenharia do romance, evita descambar para uma tautologia. No conjunto geral do romance, essa segunda narrativa (narrador 2) em alguns capítulos, conseguem chegar a competir, em qualidade literária, com a narrativa primeira (narrador 1).

A condição de Marcos ser um escritor não deixa, dessa maneira, de funcionar como um recurso metanarrativo ou metaficcional, de vez que os textos dele, inseridos no texto maior (narrador 1), tendo como narrador central na primeira pessoa, segundo já frisei, são, em grande parte, narrativos memorialísticas de Marcos Azevedo. Portanto, os dois planos narrativos dialogam entre si posto que indiretamente, i.e., sem fazer explícita menção à narrativa primeira.

Não há paira dúvida de que, nos dois planos narrativos, tem-se um alter ego do autor (e isso é muito frequente em alguns autores), sobretudo evidente para quem, como eu, conhece a produção literária do autor e, além disso, mantém com ele laços de amizade. Entretanto, em literatura, a realidade, esse mundo referencial, sofre deformação ao se transmutar em obra de arte, ou seja, vira a mimesis da concepção aristotélica e não há senão que aceitar essa metamorfose, com toda a sua “astúcia” na criação literária.

Cumprir assinalar mais um recurso narratológico de Histórias de Évora de cunho metaficcional. Refiro-me a exemplos, ao longo do romance, considerados os dois mencionados narradores principais, de um deles estar reportando alguma história ou caso, fato ou acontecimento pitoresco ouvidos ou de que tenha tido conhecimento pela boca de terceiros, ao invés de delegarem a palavra a estes, preferem resumir o narrado e manter as rédeas da narração.

Ora, em exemplos como este se poderia bem falar aqui de recurso que mantém alguma semelhança do *mise en abyme*, [2] notadamente quando, no mesmo capítulo se encaixam outras histórias, outras narrativas ou fragmentos autônomos de narrativas.

Num exemplo último, no romance pude observar que, em alguns capítulos, se poderia identificar traços de polifonia ou dialogismo, sobretudo quando a narrativa se presta a introduzir duas ou mais versões ou depoimentos visando à elucidação ou não de um relato misterioso ou fantástico. São exemplares as histórias “A terra encantada (1)” (capítulo XXII) e a sua conclusão, no capítulo XXII., e “O lendário Zé Lolô” (capítulo XVIII).

Vê-se que a composição do romance de Elmar só aparentemente é simples. Ao contrário, ele exige redobrada atenção do leitor especializado no que se refere ao inventivo modo de elaboração formal do romance.

Superada essa dificuldade de natureza teórica, o romance *Histórias de Évora* vai, sem dúvida, agradar o leitor, seja o leitor comum, mais despertado pela sequência das aventuras erótico-amorosas do protagonista Marcos Azevedo, seja o leitor mais exigente por outras dimensões e leituras sugeridas pela obra.

Sabe por quê? Porque há na obra um chamariz contagiante da ordem do escatológico: o lado erótico, a sensualidade, de resto, não exagerados, não resvalando para uma baixa voltagem neo-naturalista, mas não deixando de aguçar a curiosidade e o espanto do receptor diante de algumas cenas do coito. Comparado a outros romances que tematizam esta dimensão escatológica, por exemplo, com o romance *Pilatos* (1973), de Carlos Heitor Cony, a ficção de Elmar é quase virtuosa. Elmar tem, na representação de cenas de sexo, uma habilidade narrativa especial e é criativo nesse ponto.

ROMANCE DE FORMAÇÃO. *Histórias de Évora*, por suas características estruturais, é mais um romance de formação a ser acrescido a esta linhagem de ficção na literatura brasileira que já conta com *O Ateneu* (1888), de Raul Pompeia, *Amar, verbo intransitivo* (1927), de Mário de Andrade, os romances ‘*ciclo do açúcar*’ (1933-1937), de José Lins do Rego, *Mundo dos mortos* (1937), de Otávio de Faria, e, na literatura portuguesa, *Fanga* (1942), de Alves Redol, *Manhã submersa* (1955), de Vergílio Ferreira e o ciclo de *A velha Casa* (1945-1966), de José Régio.[3]

Na literatura de outras línguas, sobretudo no alemão, onde mais se cultivou, temos o *Agathon* (1766), de Wieland, e o celeberrimo *Wilhelm Meister*, que (1795-1796), de Goethe. Na esteira da tradição em alemão, podem-se citar autores que cultivaram esse tipo de romance, chamado de *Bildungsroman*, igualmente denominado *künstlerroman*, como Tieck, Novalis, Jean-Paul, Eichendorf, Keller, Stifter, Raabe, Herman Hesse. Na língua inglês citar-se-iam Charlotte Brontë, Charles Dickens, Samuel Butler, Somerset Maugham[4], James Joyce, este último com o famoso *Portrait of the artist as a young man* (1916). Na França, *Romand Rolland*. [5]

O enredo dessa obra relata a formação de Marcos Azevedo, desde a infância em Évora, um topônimo com ressonâncias de Portugal, de Eça de Queirós (não é gratuito o título do capítulo XXI: “O crime do Padre Amaro, romance realista de Eça com título homônimo) passando pela adolescência, mocidade e maturidade e abordando sua iniciação sexual, educação escolar e intelectual, sua orientação familiar, suas amizades, seus hábitos e preferências, sua vida agitada e tórrida vida amorosa na adolescência e mocidade, suas alegrias, frêmitos e frustrações, seus relacionamentos sociais, seus amigos mais íntimos, seus familiares, sua atividade profissional e, no caso dele, sua atividade de escritor.

Por fim, o seu reencontro proustiano pela memória voluntária com seus correspondentes lugares nos quais fez o seu aprendizado sexual e – por que não? – amoroso, espaço irremovível da suas mil lembranças de situações vividas, sonhadas, de fatos pitorescos, decepcionantes, constrangedores, humorísticos, melodramáticos e tragicômicos.

Lugares da sua velha e afetivamente distante Évora, uma cidade modificada, agora, diante dos seus olhos saudosistas, românticos, sentimentais, segundo se constata com o capítulo final da obra. Ali se narra e se descreve tanto quanto se medita o tema do *ubi sunt* naquela atitude de flâneur deambulando pelos antigos, decadentes e amados lugares e tempos da juventude. Uma Évora modificada no seu antigo traçado urbanístico com novos prédios, que substituíram algumas antigas moradias levadas pelo progresso e pela ganância dos homens. Esse monólogo silencioso e elegíaco de Marcos para sempre o acompanhará até os seus últimos dias.

OUTRAS QUESTÕES DO ROMANCE. Histórias de Évora, no que se propôs o autor, se desenvolve com uma simplicidade de linguagem, correção, um leve sabor clássico e arcaizante de vocábulos, moderação no plano poético (traço corrente no conto, novela e no romance) desenvoltura nas descrições e trechos dissertativos do espaço literário, conhecimento da natureza, atilado poder de observação dos costumes e hábitos do interior, da sua cultura, da sua história, dos seus habitantes e da vida social estratificada.

O núcleo fulcral da história - não custa enfatizar – a vivência e as vicissitudes de um adolescente e seus arroubos amorosos assim como sua fase da mocidade e do início da velhice em cidade do interior piauiense entre os anos 1970 e finais de 1980. O ficcionista domina toda essa ferramenta que se faz necessária à articulação na escrita

Todavia, a sua capacidade narrativa não termina aí e, sob a superfície da enunciação/enunciado, o texto literário sinaliza para muitos artifícios retóricos que só elevam a sua qualidade textual.

Quero significar aqui a riqueza de diferentes recursos intertextuais, na obra, tais como as inúmeras alusões a autores e poeta de épocas diferentes, às citações de música popular, de obras de cordel, de filmes, da época da história narrada, assim como as autorreferências de versos do próprio autor, as nomeações de figuras importantes da vida cultural e literária do Piauí ou fora dele (traços de roman à clef), como a referência ao próprio nome do autor no corpo da narrativa.

Ora tais riquezas alusivas, paródicas, tornam o texto, em nível de leitura mais profunda uma narrativa de amplo espectro e alta taxa informativa. O narrador 1 não somente remete a objetos de uso pessoal, usos de comunicação do tempo da narrativa, mas inclui também os meios de comunicação da atualidade, como a internet, os CDs, e outras formas de comunicação da sociedade de massa.

Desta forma, a vida social daqueles jovens das décadas de 70 e 80 do século passado é reconstruída com rara acuidade: os lupanares, a prostituição, sobretudo no ápice do desabrochar da adolescência.

A vida das madames de cabarés, na “Zona Planetária,” um dos redutos de prostituição, tão bem visitada pela poesia de Elmar Carvalho, as carraspanas de jovens e velhos, as brigas por ciúmes, as traições conjugais, as tragédias amorosas, os subterreos da sexualidade, os desencantos amorosos, o romantismo da época, tudo isso é pintado com fortes cores e com fidelidade e verossimilhança nas descrições dos ambientes internos e externos das diferentes situações da realidade local, da sociedade alta com seus ricos, seus coronéis, seu apego ao dinheiro, suas hipocrisias e seus preconceitos, recriadas com muito vigor.

A passagem entre o período da riqueza extrativista da carnaúba e sua decadência é outro ponto alto no romance muito bem narrado no capítulo XXXVI, de título “E assim se passaram os anos.”

Por outro lado, em questões ideológicas na fase do final da adolescência, da mocidade e maturidade, não há sequer nenhuma indicação na narrativa à fase aguda da ditadura militar no país. Levando em conta que o personagem é um escritor, pessoa de visão, culta, sensível, bem informada, que produz artigos em jornais locais e, vivendo intensamente o seu tempo, em tal contexto histórico-social-cultural, seria quase inescapável alguma referência, posto que velada, aos anos duros do regime discricionário. É bem verdade que há dois parágrafos (o terceiro e o quarto) no romance, capítulo XVI, de título “Gracinha”, nos quais o narrador alude ao jornal O Liberal, fundado por ele e pelos amigos Fabrício, Mário Cunha, Cazuzza, e outros companheiros. Contudo, seria um periódico apartidário, mas não dispensando críticas aos governos federal, estadual e municipal.

No meio de tantos ângulos de visão propiciados por essa narrativa múltipla, o que me encantou como leitor foram os incidentes por que passaram Marcos e seus companheiros de juventude, ressaltando-se o Fabrício, o Milton Ferreira, o Cláudio Bastos, o Cazuzza, entre outros. E, para concluir essa já prolongada introdução, ficarão

também na minha memória de leitor aquelas mulheres da vida, desde as mais requintadas até as mais desprezadas.

Do ponto de vista de organização dos capítulos, julgo que o “Anexo” inserido após o epílogo, com pequenos fragmentos de um outro livro de Marcos Azevedo, de título *Outras histórias de Évora*, escrito aos 62 anos, melhor destino teria se fosse inserido como mais um capítulo da obra, circunstância que levaria o ficcionista a mudanças na ordem dos capítulos. As explicações que o narrador em terceira pessoa fornece ao leitor evidenciam seu viés metalinguístico. Os mencionados fragmentos descrevem a fisionomia, os traços físicos e psicológicos desse conjunto de tipos populares de Évora, alguns engraçados, alguns excêntricos, outros dignos de piedade, alguns patéticos, patéticos, desse tipos de seres, que, por seus defeitos ou até qualidades, passam a fazer parte da memória urbana e do seu anedotário. A caracterização desses tipos populares já tinha sido empregada por Elmar na sua poesia. Reporto-me à seção “PoeMitos de Parnaíba,” uma seção da quarta parte do livro linhas atrás citado, Rosa dos ventos gerais.

Outras ponderações teóricas e formas de leitura deixarei para analistas e intérpretes de literatura. Para os leitores não especializados, convido-os ao prazer da leitura simplesmente. Porém, a uns e a outros direi que a maior atração na leitura dessa obra foram as aventuras amorosas do Marcos Azevedo e seus desdobramentos felizes ou fracassados. O amor nem sempre é completo na vida tanto quanto na arte literária. Com as *Histórias de Évora*, o Piauí ganha mais um romancista. Que esta obra encontre muitos leitores.

NOTAS

[1] MOISÉS, Massaud. *A criação literária – poesia e prosa*. Edição revista e atualizada. São Paulo: Cultrix, 2012. Ver capítulo X: A Novela (p.334-380; Ver também capítulo XI: O Romance, p. 381-547.

[2] MARTIN, Gray. *Adicionar of literary terms*. 2nd edition, third impression, 1994,p.181.

[3] MOISÉS, Massaud., op. cit. Ver verbete “Bildungsroman”, p. 63.

[4] _____. Op. cit., p.63

[5] GRAY, Martin. Op. cit., p. Ver verbete “Bildungsroman,” p. 43.

Bibliografia consultada:

1. AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. *Teoria da literatura*, 8 ed. Coimbra: Livraria Almedina, 2011.

2. BOURNEUF, Roland e QUELLET, Real. O universo do romance. Trad. de José Carlos Seabra Pereira. Coimbra: Livraria Almedina, 1976.
3. BRASIL, Assis. Vocabulário técnico de literatura. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1979.
4. CHALUB, Samira. A metalinguagem. São Paulo: Editora Ática, 1986
5. KAYSER, Wolfgang. Análise e interpretação da obra literária. – Introdução à Ciência da Literatura. Coimbra: Armênio Amado Editora, 1985.
6. PAES, José Paulo e MOISÉS, Massaud. Pequeno dicionário da literatura brasileira. (Org.) . São Paulo: Cultrix, 1980.
7. REIS, Carlos. O conhecimento da literatura – introdução aos estudos literários. 2. ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1999.
8. _____ .M. LOPES, Ana Cristina Dicionário de teoria da narrativa. São Paulo: Editora Ática, 1998
9. SCHÜLLER, Donald. Teoria do romance. São Paulo: Editora Ática, 1989.
10. TODOROV, Tzvetan. As estruturas narrativas. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

Capítulo I

O TRIÂNGULO ENCANTADO

Eram duas horas da madrugada quando Marcos Mendes Azevedo acordou, com sede. Dirigiu-se à cozinha, onde ficava a geladeira. No percurso, notou que o quarto das irmãs estava com a porta entreaberta e com a lâmpada elétrica ligada.

Retrocedeu um pouco, para melhor olhar. Viu, então, expostas na rede, as roliças e rijas coxas de Neuza, a empregada, entreabertas. Eram brancas, grossas, firmes, e deviam ser macias. Uma tenra, quase transparente e dourada penugem as recobria.

Imaginou que deveriam ser suaves e agradáveis ao tato, principalmente se tocadas com as pontas dos dedos. Desceu o olhar em direção aos pés, em que não viu nada de especial. As panturrilhas, contudo, eram proporcionais às coxas, roliças, rijas e torneadas com esmero.

Em seguida, com o coração em disparada, com medo de que Neuza ou alguma das irmãs acordasse, abriu a porta um pouco mais, para olhar o que estava acima das coxas; ou o encaixe destas, como gostava de dizer um seu amigo. E viu o que procurava, com tanta ansiedade e medo.

A calcinha branca e simples mal cobria o grande, altaneiro e vertiginoso vértice. O púbis castanho, sem dúvida bem rebaixado, ornava a borda da sumária peça íntima. Entreviu o sopé e parte da encosta dos carnudos e protuberantes grandes lábios. Marcos sentiu uma tontura, quase como se fosse desmaiar. Mesmo assim viu a depressão em que se fendia a genitália, como um pequenino regato, que parecia morder o vinco central da calcinha. Era um bem esculpido delta, desde o monte de Vênus até a curvatura em direção ao períneo.

Sua vontade de tocá-lo era enorme. Espalmar-lhe a mão, e tê-lo em sua concavidade. Parecia um animal, que tivesse vida própria e palpitasse. Fez um esforço muito grande para se conter. Sua timidez e natural retraimento tentavam conter o ímpeto de sua mal desabrochada adolescência. Foi então que a moça abriu os olhos. Marcos temeu gritos escandalosos, estridentes, e saiu em passos de felino para a cozinha. Ficou aliviado com o silêncio. Teve medo de que ela lhe viesse ao encontro, para exigir explicações. Mas isso também não aconteceu. Tampouco no dia seguinte ela denunciou o fato aos seus pais.

Sentiu que ela tivera a exata compreensão do que acontecera, e lhe perdoara, ou mesmo se sentira envaidecida daquela silenciosa, inerte e contida contemplação fortuita. Foi a primeira vez que vira uma mulher (quase) desnuda. Pela primeira vez enxergara de tão perto e com tanta nitidez uma cona aureolada gloriosamente pelos esquilidos e pálidos pelos pubianos. Foi o marco inicial e inesquecível de seu adolescer.

Como um símbolo incandescente ficou em sua memória para sempre aquele triângulo encantado, que jamais veria novamente. Como no poema de Manuel Bandeira, foi o seu alumbramento, a sua visão do paraíso na terra e da terra.

Capítulo II

O DONO DO CÉU

Marcos Azevedo cursava o terceiro ano ginasial no Liceu Eborense. Tinha certo pavor à matemática, e estudava apenas o suficiente para passar de ano. Entretanto, era um dos primeiros alunos em História, Geografia, Português, Literatura e outras disciplinas da área de Humanidades.

Ele e mais cinco colegas do Liceu idealizaram um jornal mural, que tinha colunas com notícias, informações sociais, artigos, crônicas, contos e poemas. Era um de seus principais colaboradores, sobretudo com matérias literárias. Eventualmente divulgava seus textos através de fotocópias e mimeógrafo. O Arauto, assim se chamava o jornal estudantil, dispunha de um talentoso desenhista e pintor, Mário Cunha, que lhe fazia as caricaturas, charges e ilustrações. Ele e Marcos eram grandes amigos.

Por intermédio de seu pai, Milton Azevedo, chefe da Agência do IBGE em Évora, vez ou outra, publicava contos e crônicas no jornal tipográfico A Batalha, o único de Évora, na época. Escrevia seus textos à mão, com um emaranhado de correções, cortes e acréscimos, e depois os datilografava na velha Remington de seu pai. Por estudar à tarde, reservava a manhã para ler livros literários (muitos deles tomados por empréstimo de particulares e da biblioteca pública), bem como estudar e escrever.

Por volta das nove horas, saiu com o objetivo de se encontrar com seus amigos no Liceu, e trocaram as velhas matérias por novas, para que o jornal mural não perdesse a grande receptividade que tinha entre os alunos e professores do colégio e mesmo entre outras pessoas da cidade.

Ao passar pela Vila Inglesa, que tinha um grande terreno descampado na frente, viu uma linda garota loura, muito alva, de pele muito fina e sedosa, de olhos azuis. Ouvira falar que ela era uma neta do alto comerciante James Cavalcante Taylor, proprietário da Casa Britânica, a mais poderosa empresa do estado, com filiais em várias cidades do Brasil.

Marcos olhou para a jovem e lhe admirou as curvas e a beleza longilínea e esbelta; seus cabelos longos e dourados faiscavam à luz do sol, levemente agitados pela brisa que vinha do grande lago Galileia, situado perto. O rapaz, além de sua discreta timidez, ou por isso mesmo, cultivava certo retraimento orgulhoso, nos primeiros contatos. Mesmo assim olhou novamente para a ninfa, que lhe observava, a segurar sua nova e cara bicicleta, cheia de enfeites cromados e reluzentes. Seguiu adiante, sem apressar ou diminuir a velocidade.

Marcos não estranhou o olhar da moça, afinal era considerado um belo tipo de rapaz, moreno claro, de boa estatura e olhos esverdeados.

– Ei! Menino, venha cá – ouviu a garota chamá-lo, com uma inflexão que lhe pareceu levemente imperiosa. Foi até onde ela estava, com as suas roupas caras e a sua rica

bicicleta. Notou-lhe certo desdém no semblante e o olhar incisivo de quem se considerava acima dos outros.

– Você sabe de quem é esta Vila? É do meu avô.

E vendo estampada a perplexidade nos olhos do rapaz, continuou de forma fria e com certa arrogância:

– Você sabe de quem é este terreno onde nós estamos e que vai até acolá?... – e estendeu o indicador, como se quisesse abarcar o mundo todo. É do meu avô.

Marcos ficou decepcionado com essa moça tão linda, mas tão tola em sua ridícula presunção. Mais do que decepcionado ficou aborrecido, e o sangue lhe subiu à cabeça. Ele não sabia, algumas vezes, se conter, especialmente quando achava que o seu amor próprio havia sido golpeado; e se tornava impulsivo, sem medir as consequências de seus atos ou palavras. Por isso, fixando nos olhos a bela ninfa dourada, de rosto angelical, disse com toda sua altivez e desprezo:

– E, por acaso, seu avô é também o dono deste céu que nos cobre e deste ar que respiramos?

Virou-lhe as costas, e sequer ouviu o seu arremedo de resposta. Seguiu firme, com os versos do poeta Carlos Pena Filho a lhe borbulharem na cabeça e na alma: “Deu-lhe o frio esquecimento. E mais não podia dar.” Contudo, não a esqueceu inteiramente, e aquela beleza de cachopa presumida e fútil ainda o perseguiria por muitos anos.

Capítulo III

O APELO DO SEXO

Desde sempre e até muitos anos depois da adolescência de Marcos a maioria esmagadora das mulheres de Évora (e de outras cidades, sobretudo nordestinas) preservava a virgindade até o casamento. Algumas, quando confiavam no namorado e sob promessa de casório, abriam exceção. Quase sempre a promessa era cumprida, sob pena de escândalo e inimizade entre as famílias envolvidas. Como dizia o cantor Reginaldo Rossi, num de seus grandes sucessos da época, a pílula já existia, mas ninguém falava, e muito menos era usada pelas moças solteiras de então.

Desse modo, os jovens se iniciavam no sexo com as raparigas, como eram designadas as prostitutas. Algumas tinham foro de professoras, e várias gerações de “alunos” passaram pelo seu tirocínio pedagógico. Cada cidade tinha os seus bordéis, com seus nomes pitorescos e muitas vezes jocosos. Havia os de luxo, os caros, os populares e o chamado baixo meretrício; estes eram infestados por mulheres mais feias e mais velhas. Algumas das meretrizes eram “importadas” de outros estados, entre os quais Pernambuco e Bahia. Era raro, mas apareciam as estrangeiras, de preferência louras e de fala enrolada.

Os jovens, quase sempre sem emprego e sem dinheiro, passavam pelos cabarés, para espiar o movimento e os casais no salão, geralmente cheio de espelhos e envolto na penumbra de luzes negras. Às vezes, tinham recurso para tomar apenas duas ou três cervejas, enquanto ouviam os sucessos musicais do momento, sobretudo músicas românticas, recheadas de muita paixão, adultério, vingança e amores infelizes.

Das velhas vitrolas evoluíam as vozes de Waldick Soriano, Roberto Müller, Evaldo Braga, José Ribeiro, Carmem Silva e outros astros da posteriormente chamada música brega, conquanto sejam, com justiça, rotulados como “clássicos” desse gênero musical romântico e popular. Vez por outra um felizardo, metido a galã e conquistador, conseguia que alguma rapariga fosse com ele gratuitamente. Outros, mais sortudos ainda, tornavam-se gigolôs de madame (como era chamada a dona do brega) ou de alguma rameira de alta rotatividade.

Alguns mais afoitos, na ânsia incontida de apaziguar o sexo, iam para o quarto com alguma das mulheres, e somente após o coito declaravam não ter dinheiro. Era o chamado “passar o seixo”. Quase sempre as raparigas se revoltavam com o logro; faziam uso de palavrões e xingamentos, e algumas vezes lesionavam o caloteiro com giletes, navalhas ou facas, ou com unhas e dentadas. Algumas ostentavam as cicatrizes e hematomas de eventuais revides.

Marcos já fazia planos de fazer sua estreia, principalmente desde o seu alumbramento, ao ver Neuza desnuda. Via com frequência as revistas proibidas, que seus colegas e amigos lhe exibiam. Conseguia algumas por empréstimo, e ficava com elas durante alguns dias, até que o proprietário lhe cobrava a devolução. Um amigo seu, filho de

próspero comerciante, tinha o requinte de possuir um luxuoso almanaque pornográfico, em papel couchê e com fotos em policromia, recurso gráfico raro na época. Mas não o emprestava, e só deixava que outra pessoa o folheasse por poucos minutos, sob seu olhar atento e cuidadoso.

Seguindo o exemplo de seus colegas, gostava de observar as coxas das colegas do ginásio. Algumas, mais atrevidas, encurtavam as saias da farda, fora da vigilância materna. Outras, por displicência, malícia ou generosidade davam brecha, em que se podia flagrar pequena nesga triangular de calcinha, às vezes retesas, esticadas. Alguns seios mais volumosos pareciam querer voar da clausura do sutiã pelo decote da blusa. Mamilos mais aguçados espetavam os tecidos mais finos. Nada escapava aos olhares famintos e curiosos dos jovens que desabrochavam para o apelo do sexo, numa época em que ainda havia certo recato e o mistério, natural ou dissimulado, fazia parte da sedução e do fascínio.

Marcos Azevedo atingiu o ápice de notoriedade local quando escreveu a épica Ode à punheta, em que parodiava Vou-me embora pra Pasárgada, de Manuel Bandeira. Várias cópias mimeografadas do poema circularam na cidade, passadas de mão em mão. Alcançou o auge de sua glória quando o famoso boêmio e declamador Cazuza o recitou embriagado, em magnífica interpretação, ilustrada por esclarecedora mímica, no enorme “saloon” do Quartel General, ou simplesmente QG, um dos mais luxuosos lupanares da velha urbe, com sua voz grave, possante, levemente metálica e estentóricas. A estrofe inicial retumbou no saguão lotado de fregueses assíduos e convidados especiais:

Vou-me embora pra Solitária,

Em Évora não sou Dom João.

Em Solitária sou rei, e terei

As mulheres que sempre desejei

No côncavo de minha mão.

Certo dia estava ele na sala de sua casa, enquanto sua mãe fazia alguns afazeres, quando chegou Suzana, uma garota da vizinhança, doente mental. Ela era mais ou menos de sua idade. Não era considerada bonita, mas tinha seios empinados e encantadores. Por mistério insondável tinha forte inclinação para o sexo, embora, nos demais aspectos, fosse ingênua e inocente como uma criança, já que a sua idade psicológica era bem menor que a real. Corriam rumores de que alguns meninos já tinham transado com ela e feito outras saliências.

No entanto, ela gostava de dar esmolas, rezar, frequentar a igreja e cantar músicas religiosas, com sua angelical voz e ar de beatitude. Insistia para que seus pais fizessem caridade; com eles visitava o abrigo dos velhinhos. Viria a morrer pouco tempo depois, aos dezessete anos, vítima de fulminante aneurisma. Ganhou fama de alma milagrosa e seu túmulo se tornou o mais visitado do velho cemitério de Évora.

As duas irmãs e os dois irmãos de Marcos haviam saído para o colégio, de modo que a garota puxou conversa com dona Rita. Logo após, o rapaz resolveu ir para o seu dormitório a fim de ler uma antologia de poemas brasileiros, que a Fename – MEC havia publicado. Na verdade, ele já estava relendo alguns poemas dessa seleta, que conservaria para sempre.

Não demorou muito Suzana, aproveitando-se do fato de que dona Rita fora orientar Neuza sobre o preparo do almoço, entrou no quarto em que Marcos se encontrava. Entabulou rápida conversa, apenas para lhe atrair a atenção. Começou a se embalar. Em seguida, no sentido da largura da rede (e não do comprimento), entreabriu as grossas coxas, puxou o vestido para o busto, e curvou a cabeça e os seios para baixo, de modo a ressaltar o monte de Vênus, que já era naturalmente acentuado, vendo-se logo abaixo a concha de valvas bem cerradas.

Tirara a calcinha, e uma quase imperceptível e delicada penugem o recobria. Marcos, como se dizia na época, foi no outro mundo e voltou, mas tudo fez para se controlar. Como a moça notou que ele se mantinha distante, retraído, parecendo recear alguma coisa, com os dedos de ambas as mãos afastou os grandes lábios, e disse, com a voz embargada de desejo, sussurrante, vem, coloca teu pinto bem aqui, neste buraquinho.

Nesse curto instante, coisas demais passaram pela cabeça alucinada de Marcos. Recordou que Suzana era irmã de um amigo seu, grande craque de seu time. Lembrou os conselhos de seus pais, para que nunca agisse de forma precipitada e jamais fizesse coisas de que pudesse vir a se arrepender, que viessem a lhe pesar na consciência.

Vieram-lhe à mente certas lições do catecismo sobre pecado. Parecia ouvir as palavras severas do padre Alberto, ameaçando os pecadores com o infernal fogo eterno; castigo bem mais severo que a ofensa. Lúcifer, com as suas negras asas de morcego, com as suas garras longas e aduncas, parecia ter saído das ilustrações do livro de edificação religiosa e estar ali bem perto, a revoar. Pensou nas irmãs. Achou que se atendesse ao chamado de Suzana estaria se aproveitando de sua inocência de doente. Ela, no entanto, o instigou novamente. Vem, coloca teu negócio bem aqui... Tu vai ver como é bom. E acrescentou, talvez para forçá-lo a sair de sua indecisão: Parece que tu não é homem...

Chateado, constrangido e envergonhado, ele então lhe exibiu o membro, ereto, tinindo de teso, e pulsante. Você está vendo como estou, mas não quero. A qualquer momento a mamãe pode entrar aqui. A moça ainda disse, deixa de ser besta, a gente faz ligeiro.

Felizmente, nesse momento dramático e de alta tentação, sua mãe gritou, chamando-o, talvez temendo o que pudesse acontecer:

– Ei! Marcos, vem cá, vem ajudar a mudar este móvel para outro local.

O jovem, ainda afogueado, sentiu como se houvesse saltado uma fogueira, talvez a fogueira eterna do padre Alberto, em suas catilinárias sacras incandescentes, em que o perdão parecia não existir, em que a punição era infinitamente maior do que o pecado.

Capítulo IV

NO CANTINHO DOS INOCENTES

Desde o seu alumbramento, ao ver Neuza desnuda, e o assédio de Suzana, a que resistira brava e estoicamente, Marcos não pensava em outra coisa, a não ser em perder sua virgindade com alguma rapariga, ainda que do baixo meretrício. Falou desse plano ao Fabrício, que também fazia parte do grupo responsável pelo jornal mural, no qual publicava contos e crônicas, além de ser o dono, o técnico e um dos jogadores do Flamengo Eborenses Clube, time de futebol amador.

Era ele filho de um alto comerciante de Évora, proprietário de uma loja de eletrodomésticos, que vendia seus produtos para todas as cidades circunvizinhas. Tinha apenas uma irmã, de nome Marta. Recebia uma boa mesada de seu pai, mas era comedido, sóbrio, nunca esbanjava, e muito menos praticava ostentação. Simpático e previdente, quase todo dia passava pelo comércio do pai, com o intuito de obter experiência comercial e administrativa.

Fabrício exercia natural liderança sobre seus amigos e companheiros, desprovido que era de arrogância e empáfia, não obstante ser considerado rico, para os padrões da época e da localidade. Conquanto fosse o dono da farda rubro-negra eborenses, da bola de couro, do campo, que ficava num terreno de seu pai, não precisava dessas “prerrogativas” para integrar a equipe, pois era um dos melhores goleiros do futebol amador. Tinha grande elasticidade e coragem. Inteligente e intuitivo, sabia se posicionar muito bem, e parecia antever a trajetória da bola, fechando os ângulos em direção ao gol. Quando necessário, arrojava-se aos pés do atacante para impedir o chute ou desviar o curso da pelota.

Dava belas “voadas” ou “pontes”, em que parecia revogar a lei da gravidade. Tinha grande habilidade em encaixar a bola nas mãos ou entre o peito e os braços. Quase nunca “batia roupa”, que é o lance em que o goleiro não agarra a bola, mas a rebatia ou espalmava para fora da zona de perigo. Pelo que se sabe, nunca engoliu um “frango”. Às vezes se auto escalava para jogar na lateral ou na ponta direita, em que atuava com boa desenvoltura, embora não fosse propriamente um craque nessas duas posições.

Ficou acertado, entre ele e Marcos, que se encontrariam no sábado, no início da noite, no bar e mercearia do Zé Afonso, para tratarem da incursão à zona meretrícia. Convidaram também o Mário Cunha, que já tinha incipiente experiência nessa seara. Fabrício, pela sua própria condição financeira, tinha razoável prática em fornicção. Foi a seu convite que Marcos bebeu pela primeira vez, com certo receio, relutância e mesmo remorso. Ficou mais alegre e espirituoso, e ria aparentemente sem motivo, pelo que recebeu admoestações de Fabrício, para que se contivesse.

No estabelecimento de Zé Afonso existia um espaço denominado Cantinho dos Inocentes, em que o chamativo letreiro vermelho, pintado na parede, formava um ângulo de noventa graus. Portanto, o Cantinho dos Inocentes ficava efetivamente em

um canto do comércio, e dispunha apenas de uma mesa de madeira e quatro cadeiras. O encanto estava apenas no sugestivo e poético nome.

Os amigos pediram meio litro de Ron Montilla, coca cola, limão, gelo e três copos, e passaram a tomar, sem pressa, sucessivos copos de cuba livre, então muito na moda. Passaram a montar a estratégia para o que denominaram de Operação Descabaçamento de Marcos. Fabrício foi peremptório em dizer que a estreia sexual deste deveria ser no Quartel General, ou velho QG, e não numa espelunca qualquer; que faria as tratativas com puta experiente, verdadeira professora em prática sexual, e mormente sem as indesejáveis doenças venéreas.

Coadjuvado por Mário, transmitiu a Marcos o que sabia e o que fingia saber dessa hedonística atividade. Recomendou que ele procurasse ter calma e não demonstrasse ansiedade. Mário Cunha, além de ter largo conhecimento livresco e teórico sobre o assunto, tinha uma imaginação fértil, com vasto arsenal de truques e simpatias, muitas sem a menor base científica. Explicou que o Ron Montilla, bebido com moderação, era uma espécie de afrodisíaco e retardava a ejaculação.

Recomendou ainda que, uma hora antes da relação, Marcos fosse ao banheiro e praticasse uma bronha, para que o coito fosse mais demorado. O rapaz ficou mais apreensivo e impressionado, ante tantos aconselhamentos e recomendações. Desconfiou que a bronha poderia ensinar, talvez, muito mais uma broxada. Na verdade, ficou mais nervoso do que já estava. Mas se manteve firme, e não pensou em bater em retirada.

Marcos empunhou o litro vazio de rum, olhou demorada e fixamente o seu rótulo, em que o esvoaçante papagaio pousava sobre o ombro esquerdo do estilizado pirata caolho, e se lembrou com indisfarçável emoção do livro A Ilha do Tesouro, cuja leitura tanto lhe encantara em sua meninice. Tocado de leve pelo espírito da garrafa, se autoproclamou pirata Gran Montilla, desbravador dos sete mares ou bares, e concitou:

– Partamos, meus amigos, para a ilha da Fantasia, do Tesouro ou da Utopia, onde iremos chafurdar no reino da putaria!...

Gargalharam e partiram. Sem pressa, contando anedotas e fazendo chistes, em prosa e em versos, sob a bênção prateada de uma esplêndida lua cheia, com a vida toda pela frente a lhes sorrir, estuante, cheia de graças e de flores, os três amigos seguiram a pé para o QG.

Capítulo V

A iniciação sexual de Marcos

O QG ficava no centro histórico de Évora. Era considerado um dos melhores cabarés da cidade. A madame Doralice, embora educada e também instruída para os padrões da época, impunha respeito e ordem no ambiente, de modo que todos se comportavam de maneira conveniente, sob pena de o infrator ser convidado a se retirar. Ocupava um casarão antigo, conhecido como Solar da Rosa dos Ventos, que se via estampada nos mosaicos do imenso salão, que na verdade era o átrio, de onde, através do largo corredor, se acessavam os quartos, que lhe ficavam de um lado e outro.

Quando Marcos e seus amigos chegaram ao Quartel General havia poucos clientes, de modo que eles escolheram uma mesa posta num dos cantos, ao fundo, onde ficariam mais à vontade. O plantel de mulheres já estava em “exposição”, em lugares estratégicos, como se elas fossem manequins em vitrine. Quase todas vestiam roupas curtas e de generosos decotes, e se apresentavam maquiadas e com unhas bem cuidadas.

Uma delas, uma cabrocha morena, quase ainda uma ninfeta, de carnes firmes e de acentuadas curvas, era muito assediada, e no intervalo de apenas duas horas foi, sucessivamente, para o quarto com quatro ou cinco rapazes. Estava sendo muito rentável para a casa, pois, além da bebida consumida pelos clientes, estes ainda tinham que pagar a chave do “abatedouro”, cuja taxa ficava toda para a proprietária. Os honorários das raparigas eram pagos “de fora à parte”, quase sempre combinados antes de adentrarem a alcova.

Fabício Moreira se dava com a madame Doralice, que sempre lhe fornecia carne fresca, saudável, recém-chegada ao lupanar. Ela era cliente da loja do pai do rapaz. Graças à intermediação deste comprara no crediário, em módicas e suaves prestações, a mais luxuosa e eficiente vitrola disponível, possuidora de um dispositivo em que poderiam ser colocados vários LP's de uma única vez, que ela ia tocando de forma automática.

Logo após o segundo copo de cerveja, ele foi falar com Doralice, sobre a possibilidade de ela ser a “professora” de Marcos em sua iniciação sexual, tendo ela ficado muito honrada com a missão. Seria ele recebido, com todas as honras e cuidados, em seu próprio dormitório, o maior e o mais luxuoso do prostíbulo.

Ficou acertado que tão logo Marcos se sentisse mais à vontade a procuraria. Fabício retornou à mesa onde estavam seus amigos e explicou a Marcos o que acertara com a madame, mulher bonita, asseada, ainda nova e, segundo comentavam, muito fogaosa. Talvez ela tivesse entre 35 e 40 anos, mas ainda se mostrava exuberante em suas formas curvilíneas e na textura da pele sem manchas e cicatrizes.

Doralice, após algum tempo, veio até a mesa dos três rapazes, para cumprimentá-los, e quando se despediu, Marcos a acompanhou. Foram para a grande suíte. Marcos, no

ímpeto de sua juventude, a beijou com sofreguidão e a acariciou, graças à experiência angariada nas danças e nos “amassos” ou “pinos” de seus eventuais namoros. Aos poucos foram se desnudando, até se deitarem no grande e fofo colchão. Não irei, amigo leitor, entrar em detalhes sobre o que aconteceu ou deixou de acontecer. Deixo-o livre para imaginar o que bem lhe aprouver, conforme a sua capacidade imaginativa.

Contudo, algo inusitado aconteceu. Doralice, em dado momento, estrebuchou e escaramuçou agoniada; gemeu muito, e pronunciou sons ininteligíveis, que mais pareciam grunhidos, como se fosse morrer. De repente, distendeu-se toda, e retesa abraçou o parceiro com muita força, como se quisesse (na velha imagem) fundir-se com ele, suada e tremendo, como se estivesse tendo um ataque de sezão ou calafrio. Ao retesar-se, as juntas de sua espinha dorsal estalaram, como se estivessem se partindo, semelhante às vergas de um navio ante forte temporal. Com as pernas o enlaçou com força, como se fosse o bote de uma jiboia, fazendo com grande maestria a conhecida chave de pernas.

Todavia, o rapaz simplesmente não conseguiu atingir o orgasmo. Talvez ansioso, com medo de falhar, ou sugestionado com a conversa do Mário Cunha, sobre os supostos ou verdadeiros efeitos da bebida, não ejaculou, de modo que seu membro se manteve ereto por quase uma hora, até que Doralice, com bons modos, muita delicadeza e muito veludo em sua voz suave, perguntou se o jovem não desejava “dar um tempo”, tendo ele aceitado a sugestão.

Ela então o aconselhou a não pensar em sexo. Induziu-o a relaxar. Pegou uma cerveja da geladeira que havia no quarto, e convidou o rapaz para acompanhá-la. Iniciou uma conversa amena, mas foi aos poucos revelando os seus conhecimentos, mostrando que era de fato e de direito uma verdadeira mestra e sacerdotisa do prazer, do qual dominava todos os mistérios, ritos e mitos, tanto na prática como na teoria. Na estante podiam ser vistos, além de romances, alguns livros sobre sexo, inclusive um luxuoso e ilustradíssimo Kama Sutra, em que eram vistas as mais mirabolantes, extravagantes e acrobáticas posições sexuais, cujas pinturas foram executadas por renomados artistas.

Revelou a moça que, por ocasião de uma doença, fora consultar-se na capital com famoso médico, que lhe fez várias perguntas sobre sua vida e hábitos. O esculápio terminou por lhe dizer que ela nascera para o sexo, e se não fosse mulher da vida, como na época se dizia, talvez viesse a ter graves problemas mentais ou psicológicos, de tal sorte que não podia ficar muito tempo afastada desse mister. Após a segunda garrafa de cerveja, convidou Marcos para irem tomar banho. Primeiro, se assearam com o uso da ducha. Em seguida, foram para a suntuosa banheira, onde se beijaram e se acariciaram a valer.

Refrescados e perfumados voltaram para a cama. A madame, mostrando então todo o seu conhecimento, obtido nos livros e na experiência, para estimular a sensibilidade de Marcos, fez coisas inefáveis, que ele jamais havia imaginado, mesmo nos sonhos mais libidinosos. Nunca ele havia sentido língua e dedos tão macios e peritos, tão adestrados, hábeis e certos, que mal pareciam tocar a pele.

A luz da alcova não fora apagada, de modo que o rapaz via o lindo corpo feminino, flexível e felino, refletido no espelho fixado no teto, sobretudo as costas e a esplêndida coluna dorsal, já que Doralice tomara a iniciativa de ficar por cima. Quando a mulher baixou a cabeça, para colocá-la ao lado da sua, e alteava e baixava o bumbum, no ritmado movimento, ele lhe pôde ver o perfeito contorno dos rijos glúteos, que desenhava um coração, como na monumental Apoteose de Niemeyer. Nos movimentos ascendentes via o períneo distender-se sobre seu membro, o que mais o enlouquecia. Era quase como se estivesse se vendo e vendo a mulher de fora de seu próprio corpo.

Por fim, sentada triunfalmente sobre o rapaz, Doralice fez evoluções, revoluções e revolutes de verdadeira contorcionista, mostrando invejável elasticidade e preparo físico, em que girava 360 graus, e fazia movimentos ascendentes e descendentes, revolvendo-se para todos os lados, de forma espiralada, como se estivesse contornando os sulcos de um parafuso ou de uma rosca infinita. Quando descia, colocava todo o peso de seu corpo sobre os grandes lábios; o rapaz lhes sentia a umidade e o relevo no entorno da base de seu sexo. Até explodir num jato denso, intenso e quente.

Capítulo VI

Évora e suas histórias

Além de escrever poemas e crônicas, que publicava no jornal mural O Arauto, e esporadicamente no jornal tipográfico A Batalha, Marcos tinha o projeto literário de escrever três livros. Num deles iria contar fatos pitorescos, picarescos, jocosos e mesmo escabrosos acontecidos em sua cidade; teria o título de Histórias de Évora. Os outros dois seriam intitulados Memórias e Mitologia de Évora.

A idealização deste último fora inspirada no livro PoeMitos da Parnaíba, do poeta Elmar Carvalho, com quem se correspondia, através de cartas enviadas pelos Correios. Seria em prosa, mas a exemplo de PoeMitos, iria falar das figuras populares, folclóricas, engraçadas de Évora; pessoas que jamais fariam parte da chamada história oficial, mas que integravam a paisagem humana eborense, com toda a sua pungência, tragicidade, humor e folclore, cujos episódios, muitos revestidos de uma aura lendária e fantástica, eram refertos de encanto e magia.

Não bastasse a sua prodigiosa memória para armazenar estórias, histórias e “causos”, tinha uma caderneta em que fazia suas anotações. Para concretizar seu projeto literário, fazia entrevistas com prostitutas, madames de cabaré, pessoas idosas, e principalmente com os protagonistas dessas histórias, ou, na falta destes, com os seus descendentes, amigos e familiares. Colhia informações em lápides de igrejas e cemitérios, em velhos alfarrábios e acervos de sacristia, cartórios e delegacias, além de arquivos particulares e públicos. Mitologia de Évora foi escrito e publicado quando Marcos completou 36 anos de idade, já casado e com dois filhos. Histórias de Évora veio a lume quando completou meio século de vida, e foi o presente de aniversário que ele se deu a si mesmo.

As Memórias foram iniciadas no dia em que completou 60 anos e encerradas exatamente um ano depois. Ao longo de sua vida ele havia lido e relido o livro homônimo de Humberto de Campos, que considerava um dos melhores do gênero.

Alguns dos trechos antológicos dessa obra ele já conhecia desde a sua meninice, como o episódio do cajueiro, que o ilustre memorialista plantara quando ainda era criança e morava em Parnaíba, perto de onde hoje se ergue a imponente Praça Santo Antônio, com a sua elegante penumbra proporcionada pelos enormes e frondosos oitizeiros. Também lhe comoveram as narrativas da morte de seu pai, ocorrida em Miritiba, no Maranhão, hoje cidade que leva o seu nome, e o episódio do brinquedo roubado, pungente, a nos ferir a sensibilidade e a alma.

A fim de angariar experiência nesse filão memorialístico, que foi praticamente um projeto de toda a sua vida, leu e releu Confesso que vivi, de Pablo Neruda, com as suas fantasias e a sua torrencial e poética linguagem, pictórica, pluviosa, cheia de imagens, goteiras e metáforas. Degustou todos os volumes da monumental obra memorialística de Pedro Nava, considerada paradigmática no gênero.

Com invulgar atenção leu Tomei um Ita no Norte, do escritor parnaibano Renato Castelo Branco, que num estilo elegante, conciso e cristalino contou muitos fatos interessantes e pitorescos da pequenina Parnaíba de sua meninice, além de vários outros que permearam a sua longa existência de homem das letras e da publicidade. O livro é povoado de figuras humanas dos mais diferentes caracteres, algumas excêntricas, outras boêmias, todas notáveis a seu modo. Renato tinha o que contar. E sabia contar.

Por último, com muito encantamento, leu a colossal (tanto no tamanho como na qualidade) obra memorialística Rua da Glória, em quatro volumes, de Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro. Escrita com esmero, com riqueza de detalhes, em linguagem enxuta e torneada, contudo sem desnecessários floreios, narra fatos que nos atraem a atenção, pelo que têm de pungente e de inusitado, além de referir pessoas com quem manteve contato, parentes ou amigos. De tudo isso e também por causa das referências e transcrições, se depreende que o seu autor, além de erudito, é metuculoso, exato e apegado, tanto quanto possível, à realidade objetiva dos fatos, e não apenas à verdade subjetiva, tal como registrada em sua memória.

Com a leitura dessas e de outras obras, de posse do vasto material armazenado em sua memória e anotado em sua caderneta, Marcos, em sua maturidade e no dealbar de sua velhice, com o seu estilo literário já consolidado, se sentiu apto a escrever as obras que havia planejado, todas precisando de sua boa memória. Não esperou mais, com medo da visita da “indesejada das gentes” ou do abominável alemão Alzheimer.

E pôde escrever as suas fantásticas, fantasiosas, corriqueiras, contraditórias e verdadeiras Histórias de Évora.

Capítulo VII

A balzaquiana Madalena

Certo dia, quando Marcos fazia o primeiro semestre do terceiro ano ginásial, dona Marciana, a diretora do Liceu, imponente, quase marcial, verdadeira matrona romana, entrou na classe e pediu à professora para transmitir uma mensagem, na verdade, em suas palavras, uma convocação ao civismo, ao exercício da cidadania e da solidariedade.

De posse do diário de classe e de uma lista com o nome das principais ruas da cidade, ela pediu para que os alunos fossem de casa em casa falar da importância da campanha de vacinação contra a varíola, e pedissem para que as famílias não deixassem de comparecer aos postos de vacinação, no período indicado.

– Vocês estarão prestando um grande serviço de civismo e de amor ao próximo. E com isso estarão contribuindo para que essa doença seja erradicada de nossa mui amada e invicta Évora.

Não sabia Marcos ao certo de que Évora seria invicta, pois não lhe constava que ela tivesse participado de alguma guerra ou batalha. No máximo a sede da Fazenda Ingazeira, que quatro ou cinco anos depois seria destruída pelo proprietário, para fazer um centro comercial, abrigara uma tropa do tenente Simplício José da Silva, quando este seguiu em perseguição ao comandante português João José da Cunha Fidié, em verdadeira guerra de guerrilha, com algumas escaramuças, durante trecho do percurso do velho cabo de guerra em direção a Caxias – MA.

Coube-lhe percorrer duas grandes ruas, no centro da cidade. Embora seus pais fossem zelosos na criação dos filhos, induzindo-os à responsabilidade nos estudos e no respeito ao próximo, mormente aos mais velhos, e a não praticarem o mal, Marcos era criado com bastante liberdade e sem necessidade de executar trabalhos domésticos ou outros, de forma que esse serviço de visitação aos moradores das ruas Cajueiro e Marechal Taumaturgo de Azevedo foi o primeiro serviço de monta, que iria realizar.

Apesar de sua inexperiência laboral, encarou a missão com muita responsabilidade e afinco. Foi metódico e determinado, e entrou em todas as casas, fossem as mais ricas ou as mais pobres, com exceção apenas, claro, das que se encontravam fechadas, que registrou, para depois retornar. Explicava com toda paciência as vantagens da vacinação; esclarecia que não havia efeitos colaterais e, se necessário, anotava em um pedaço de papel os dias, o horário e o endereço dos postos em que haveria a aplicação. Ele mesmo ficou um tanto admirado de seu senso do dever e de responsabilidade, e incorporou essas virtudes por toda a sua vida, sobretudo quando veio a se tornar servidor público federal.

Numa das casas da Rua Cajueiro encontrou Madalena. Teria ela em torno de 35 anos de idade, um pouco mais, um pouco menos. Estatura mediana, morena, de curvas bem definidas, porém esbelta, talvez porque não tivera filhos. Os cabelos castanhos,

ondulados, lhe desciam até a altura dos ombros. A sensualidade lhe parecia emanar de todos os poros.

Marcos a conhecia de vista, e lhe admirava a beleza e a elegância, e mais ainda o discreto requebro de seu caminhar, algo sinuoso, quase a insinuar uma dança. Seu marido era um médico do SESP, já considerado um tanto envelhecido. Talvez fosse vinte anos mais velho que ela, mas a calvície lhe emprestava bem mais idade. Ambos eram naturais de Belo Horizonte. Madalena recebeu o rapaz com um leve sorriso, e notando-lhe certa timidez o tratou com muita cortesia.

Pedi que Marcos se sentasse a uma grande mesa, que havia na sala, e pediu licença para fazer algumas recomendações à empregada, que se encontrava na cozinha. Quando retornou, poucos minutos depois, uma onda de inebriante e agradável perfume envolveu o ambiente.

Capítulo VIII

As montanhas de Minas

Marcos estava de pé, a contemplar umas fotografias e umas pinturas, postas em belas molduras afixadas na sala. Madalena, ao retornar, postou-se a seu lado. O jovem, ao longo de sua vida, jamais se esqueceu do perfume agradável, que evolava da mulher e lhe ficou como que impregnado nas narinas para sempre. Com voz suave, quase em murmúrio, ela lhe perguntou:

– Você gosta de fotografia? E de pintura?...

O rapaz se voltou para ela, e a fitou nos olhos. Na verdade, enquanto olhava os quadros, esquematizara um breve comentário, para tentar impressioná-la.

– As fotografias foram tiradas por mim, nas vezes em que visitei Congonhas, e as pinturas são mais ou menos da mesma época, quando ainda morávamos em Belo Horizonte.

As fotografias, em preto e branco, mostravam os profetas e a Última Ceia, obras de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. As pinturas a óleo retratavam os casarões de Congonhas e uma bucólica ermida, vendo-se ao longe as montanhas de Minas. Em lugar à parte ficava uma pintura moderna.

Marcos já tivera oportunidade de ler uma biografia do Aleijadinho, na qual foram expendidos comentários sobre algumas de suas obras, inclusive sobre as que se encontravam expostas nas fotografias da sala. Também lera alguns livros sobre pintores famosos, de diferentes escolas, com ênfase no modernismo. Quando seu pai, meses atrás, comprara uma câmera fotográfica teve o cuidado de ler o manual, em que eram ministradas breves lições sobre essa arte.

Portanto, ao comentar as fotografias, elogiou a composição da imagem, o perfeito enquadramento das esculturas. Em algumas, a foto fora tirada de baixo para cima, ficando a obra de Aleijadinho recortada contra o céu, de forma centralizada. Em outras, ficava a estátua num dos lados, para que pudessem ser vistas ao longe o casario e as serras. Via-se que ela tivera o cuidado de procurar diferentes ângulos, alguns inusitados.

O rapaz, pela direção da luminosidade, percebeu que foram batidas em diferentes horários; teceu comentários elogiosos sobre o aproveitamento do jogo de luz e sombra, que bem servira para ressaltar certos detalhes da imagem, seja a expressão do rosto e eventuais rugas, seja a composição das vestes com suas dobras. Disse que se notavam certos “exageros” do barroco, alguma desproporção entre o tronco e as pernas, mas que nada disso empanava a genialidade do mestre brasileiro; de quebra, ainda evidenciou alguns aspectos marcantes de sua biografia.

Quanto às pinturas foi mais sintético. Enalteceu nas figurativas a perfeição da proporcionalidade, o domínio da técnica da perspectiva e o uso clássico e realístico das

cores, embora tenha dito perceber nas pinceladas lições do impressionismo. Falou com entusiasmo de sua pintura moderna, sublinhando que houvera um perfeito casamento entre o cubismo e a pintura abstrata, e que isso lhe dava um cunho de originalidade.

Ela demonstrou muita admiração por seus conhecimentos e por sua capacidade de observação e de crítica, mormente levando-se em conta a sua idade. Marcos foi modesto, e lhe esclareceu que isso só fora possível graças aos livros de arte plástica que lera, quase todos por empréstimo da biblioteca pública.

Acrescentou que seu pai, uma ou duas vezes por mês, costumava comprar a revista O Cruzeiro; que gostava de olhar com atenção as suas fotografias e reportagens fotográficas, sobretudo as de autoria do grande fotógrafo piauiense José Medeiros. Disse que havia lido, já não se lembrava em que revista, um pequeno ensaio sobre fotografia.

Na sala, em lugar de destaque, havia um belo retrato figurativo de Madalena, em que um raio de sol lhe banhava o rosto de aurifulgente luz, sugerindo quase uma auréola. Era obra de célebre artista mineiro, que fora seu colega de faculdade. O rapaz, após demonstrar enorme admiração pelo quadro, comentou:

- Faz alguns anos li um conto em que um monarca oriental chamou três pintores para fazerem seu retrato. O vencedor receberia um grande prêmio. O primeiro desenhou o rei tal como ele era. Foi degolado. O segundo o embelezou, corrigindo-lhe o monstruoso nariz. Não teve melhor sorte; foi enforcado. O terceiro e último artista, temendo ter o mesmo destino de seus antecessores, simulou o soba numa caçada, e lhe escondeu o horroroso nariz detrás da coroa da espingarda, quando ele mirava um enorme e feroz leão. Escapou da morte e ainda ganhou o prêmio. É claro que com a senhora esse problema não existiria.

A mulher nada respondeu. Apenas sorriu brevemente, feliz e desvanecida com o erudito e sutil galanteio do adolescente.

Madalena era formada em artes plásticas, e fora professora de desenho e pintura durante pouco tempo, já que tivera de acompanhar o marido em suas remoções funcionais. Era culta, uma vez que era leitora voraz, embora fosse discreta em sua conversação, porquanto detestava empáfia e exibicionismo. Tirou algumas dúvidas do rapaz, corrigiu-lhe pequeno equívoco, e chamou-lhe a atenção para a expressão facial dos apóstolos e de Cristo, e para a muda eloquência dos gestos e postura.

Convidou Marcos a voltarem à mesa, para que ele cumprisse a sua missão. Ficaram frente a frente. No decurso da conversa, mesmo com o seu natural retraimento, o jovem lhe pôde admirar o belo rosto, emoldurado pela não menos bela cabeleira, e lhe viu o generoso (mas não exagerado) decote, que lhe permitiu imaginar os seios como sendo perfeitos e altaneiros.

Associou-os aos morros das pinturas, executadas pela dona que os ostentava. Vieram-lhe à lembrança os versos de Alberto de Oliveira. E ele viu, através do que apenas lhe era entremostrado, “montanha por montanha, / Longe as montanhas de Minas”.

Capítulo IX

Caça e caçador

Após as explicações sobre a campanha de vacinação, Madalena, notando a timidez do rapaz, mas também percebendo o seu olhar embevecido e guloso ao mesmo tempo, sobretudo direcionado ao seu colo e ao seu rosto, com cautela e habilidade, caçou conversa. Perguntou-lhe se ele gostava de literatura, principalmente de ler poemas e romances, tendo ele lhe respondido afirmativamente.

Marcos lhe falou sobre suas produções e projetos literários. Acrescentou que publicava alguns contos, crônicas e poemas no jornal mural e no tipográfico; que já lera todos os livros da pequena biblioteca de seu pai, mas que este tomava livros emprestados de uma pessoa amiga e ele próprio recorria aos livros da biblioteca pública, cujo prazo máximo para devolução era de dez dias.

Percebendo a mulher que o jovem, embora a olhasse com admiração e desejo, jamais iria tomar qualquer iniciativa, por retraimento, receio ou respeito, pousou, muito de leve as suas mãos sobre as dele, que de imediato reagiu, entrelaçando nos seus os cálidos dedos de Madalena.

Num impulso, quase sem pensar, cego de paixão e desejo, o rapaz se levantou, contornou a mesa, e foi em direção à mulher, que também se levantara. Olhando-a profundamente nos olhos, segurou as suas têmporas, em seguida a enlaçou com suavidade, e colheu nos seus os carnudos lábios dela. Ela correspondeu, mas em seguida, com muita delicadeza, se afastou.

– Olhe, aqui não, cuidado, a empregada pode nos ver. Por favor, me acompanhe, venha conhecer a nossa biblioteca.

Foram para um amplo compartimento, onde se encontravam grandes e altas estantes de madeira, repletas de livros. Para não chamar a atenção da empregada, ela puxou a porta, mas a deixou entreaberta. Para a realidade da época, era uma grande biblioteca particular.

Em suas estantes se enfileiravam os volumes da Enciclopédia Britânica, do Tesouro da Juventude, dos Clássicos Jackson, da Biblioteca do Prêmio Nobel, das coleções Clássicos da Literatura Brasileira e Clássicos da Literatura Universal, todos em capa dura, com vinhetas, cercaduras e letras douradas, além de centenas de livros avulsos de poemas, contos, fábulas e romances.

O moço contemplava tudo isso com ternura, e uma quase beatitude, tal qual estivesse diante de um tesouro sagrado. Retirava alguns exemplares e os folheava com delicadeza, em verdadeira carícia. Chegou a roçar o nariz em alguns deles, como se os estivesse cheirando e beijando.

Com muita suavidade e cuidado, passou páginas e páginas da Poesia Completa de Manuel Bandeira, impressa em papel bíblia. Nada disso escapou aos olhares furtivos e periféricos de Madalena, que lhe franqueara escolhesse alguns livros, que só deveriam ser devolvidos quando ele concluísse a leitura, que deveria ser atenta e sem pressa. Ela imaginou a pele suave de seu rosto afagada por dedos tão hábeis e tão macios, conforme já pudera constatar, ainda que por instante demasiado fugaz.

Marcos escolheu dois romances e Poesias Escolhidas, de Castro Alves, edição comemorativa do centenário do poeta, obra publicada em 1947 pela Imprensa Nacional. Ela se aproximou dele. Fitou-o nos olhos, e emocionada e nervosa disse, com a voz embargada:

– Peço todo sigilo e que não pense mal de mim. Não sou uma leviana e nem doidivanas. Amo e respeito meu marido. Não sei o que deu em mim. Quando você voltar para devolver os livros, conversaremos novamente...

Marcos lhe fez discreta reverência e, sério, a fitou nos olhos, mas não tentou beijá-la ou afagá-la. Não era caçador, mas se fosse, jamais espantaria uma incauta e entontecida gazela.

Capítulo X

Consummatum est

No liceu, Marcos teve rápida conversa com Fabrício. Este lhe disse que estivera no QG e que a madame Doralice perguntara por ele.

– O menino Marcos está difícil, nunca mais apareceu. Diga a ele para aparecer. A casa continua de portas abertas para ele, e eu continuo a mesma e de braços abertos...

O rapaz gostou da notícia. Estava lendo, com muita atenção, os livros que Madalena lhe emprestara. Dera especial importância aos prefácios, estudos introdutórios e notas de rodapé, para só então devolvê-los. Estava ansioso para rever a mulher do médico, para enfim consumir o que mal iniciara, se tal fosse possível.

Ante o que Fabrício lhe contara, de forma auspiciosa, decidiu ir ao QG naquela mesma noite de quarta-feira, em que o movimento no lupanar não era tão grande, como nos finais de semana. Com certeza o entrevero amoroso com a madame lhe serviria para apaziguar a sofreguidão que sentia em reencontrar Madalena. Teria mais tenência, e não iria com tanta sede ao pote. Dessa forma, poderia se esmerar nas carícias e nas chamadas preliminares.

A madame, levando muito a sério a sua missão de mestra do jovem, que espontaneamente se impusera, resolveu se exceder nas lições práticas e teóricas. Indicou-lhe as carícias e manipulações que mais excitavam uma mulher. Mostrou-lhe as principais zonas erógenas. Enfatizou que os toques preliminares eram de capital importância para o sucesso de um amante, sobretudo os mais sutis em certas partes da anatomia feminina.

Disse-lhe que ser o gatilho mais rápido só era importante nos filmes de faroeste ou bague-bague. Deixasse isso para Ringo, Billy the Kid ou Django. Como no velho brocardo, a pressa era inimiga da perfeição. Os dois repetiram as performances e pultricas anteriores, e inventaram outras mais. Doralice, demonstrando ser a sacerdotisa suprema do sexo, exercitou a arte do pompoarismo, o que levou Marcos ao delírio, no embalo de sucções e fricções tão ritmadas.

Com essas novas aprendizagens, e após a leitura meticulosa dos livros, o rapaz se sentiu apto a retornar à casa de Madalena, sob o pretexto de devolvê-los. Tocou a campainha. Um pouco depois a dona da casa apareceu, e o cumprimentou com um breve e discreto sorriso. Pediu-lhe para que entrasse e sentasse à mesa da sala, em que ele depôs os livros. Foi até a cozinha, de onde retornou com um delicioso suco de cajá. Com paciência o rapaz o sorveu, demonstrando sentir muito prazer nessa lenta degustação.

Madalena, quase como se fosse uma dedicada mãe a tomar as lições do filho, fez várias perguntas, tanto sobre o conteúdo das obras como sobre o estilo dos autores. O jovem, para impressioná-la e para provar que fizera cuidadosa e profunda leitura, falou com

muita vivacidade sobre os livros e seus autores. Falou, inclusive, da escola literária a que eles pertenciam, enunciando suas características mais notáveis.

Nessa breve conversa o rapaz notou que a mulher o mirava com ternura e encantamento. Por seu turno, ele não lhe regateou olhares em que tentou expressar admiração e desejo. Com embevecimento contemplou seu rosto de incomparável formosura, e com certa cobiça mergulhou seus olhos nas colinas de seu colo, tentando adivinhar as curvas, os detalhes, os contornos e a textura dos seus seios, empinados e firmes. Tentando disfarçar a impaciência, ela o convidou a ir até a biblioteca, para que ele escolhesse novos livros.

Marcos só era tímido no primeiro contato. Feita a conquista, tinha a desenvoltura e traquejo de um verdadeiro amante. Observou que, dessa feita, Madalena cerrara a porta. Ele sabia que um livro era bem mais delicado que uma mulher, pois uma simples lágrima podia danificá-lo e manchá-lo para sempre; um simples toque inadequado ou canhestro podia amarfanhar suas folhas. Mas a tocou com muito mais suavidade do que tocaria uma página feita do mais delicado e frágil papel.

Afagou-lhe os cabelos e as têmporas. Em seguida, seus dedos percorreram-lhe as sinuosas e bem delineadas sobrancelhas. Seguiram o contorno da boca. Pousou o côncavo das mãos sobre as maçãs do rosto em inefável massagem. Após fixá-la em profundidade, olhos nos olhos, como se quisesse lhe devassar os mais recônditos pensamentos, colheu-lhe os lábios entreabertos, ansiosos. Beijaram-se longamente, em frenesi, enquanto se abraçavam.

Marcos se afastou um pouco para poder lhe tocar os seios ainda velados pela blusa. Quando quis desabotoá-la, ela lhe afastou as mãos, e o beijou novamente. Depois, conduzindo-o, abriu a porta que separava a biblioteca do quarto do casal. O rapaz, então, a desnudou completamente. Viu a magnífica beleza de seu corpo, cheio de curvas, relevos e encantamentos. Beijou-lhe os seios esculturais. Afagou-os com suavidade e vigor, de baixo para cima, até se fixar nos túmidos mamilos de eriçadas e áureas aréolas. Foi metódico, quase ritualístico. Sussurrou e ofegou ao seu ouvido, como se seguisse profano breviário.

Aplicou em Madalena tudo o que aprendera com Doralice, ponto por ponto, milímetro por milímetro, até a consumação suprema da própria consumação. E ainda assim, como na música, o cio venceu o cansaço.

Música e memória

Julgo de bom alvitre, até para quebrar eventual monotonia desta narrativa, em que trato, sobretudo, dos anos da puberdade e da juventude do meu protagonista, intercalar alguns trechos de suas memórias e de suas lembranças de Évora, bem como de alguns eborenses que ficaram na história oral dessa cidade.

Portanto, a seguir e em outros capítulos deste livro, interpolarei escritos de Marcos Azevedo, elaborados, alguns, em sua madureza, e, outros, quando ele já descambava para a terceira idade. Os textos, desentranhados de Histórias de Évora, Mitologia de Évora e Memórias, serão transcritos em itálico e entre aspas, para que não paire nenhuma dúvida sobre a autoria, porém, sem indicação expressa de título da obra e autor. Passo-lhe a palavra:

“Marcel, o narrador dos romances de Proust, disse que ao degustar uma madeleine, mergulhada numa xícara de chá, teve remotas lembranças despertadas, e de maneira tão viva, que ele veio a recordar pormenores já completamente esquecidos.

Afirmam outros que suas memórias são aguçadas por algum tipo de perfume ou cheiro, que sentiram na época em que os fatos ocorreram. Na parte que me diz respeito, os maiores catalisadores de minhas lembranças são os sons, sobretudo os provenientes da música, e a visão de velhos prédios e logradouros.

Por muitos anos, quando quis recordar certos episódios de minha vida, no intuito de aproveitá-los em algum texto literário, mormente em poemas evocativos, contemplei vetustos sobrados, velhas casas solarengas; percorri algumas praças e ruas que não haviam sido desfiguradas, que ainda mantinham os traços que vi em minha infância e adolescência. E pude relembrar certos momentos de minha vida, que já se esfumavam em minha memória.

Dessa forma consegui capturar um pouco do clima emocional e psicológico da época. Contudo, como muitos afirmam, a memória é seletiva, e certos fatos são completamente esquecidos; de alguns só voltamos a relembrar através da memória dos outros, amigos ou parentes. Acredito mesmo que alguns fatos, que incorporamos como sendo frutos exclusivos de nossa memória, são na verdade lembranças de outras pessoas, que acabamos acolhendo como sendo parte original de nossa reminiscência própria.

Por outra parte, como a tessitura das lembranças é muito frágil, diáfana e se esgarça com facilidade, suponho que algumas de nossas memórias, com o passar dos anos, com o surgimento de muitos e novos fatos ao longo de nossa existência, terminam por se modificar, por se transformar, seja por obra de nossa fantasia, seja por se entrelaçar com outras recordações.

Acredito que deficiências nos neurônios e em suas complexas conexões e mecanismos eletroquímicos podem causar essas modificações, mitigando ou exagerando alguns

acontecimentos, associando-os a outros. Alguns episódios poderiam ser apagados completamente de nosso cérebro, enquanto outros, segundo imagino, poderiam ser criados, através de falsas lembranças.

Diferentemente de Marcel, o famoso narrador proustiano, a minha madeleine não foi o bolinho embebido no chá; foram os sons e as músicas que mais me marcaram em minha meninice e juventude. Por exemplo, o canto de uma rolinha fogo-apagou me provoca funda e saudosa melancolia, ao passo que o trinado de um bem-te-vi sempre me alegra. Ambos me despertam lembranças antagônicas, que não irei, agora, expor.

Já casado, com filhos e entrando na idade madura, passei a ouvir essas músicas com insistência e de forma, às vezes, repetitiva e quase obsessiva. Primeiro através de velhos discos de vinil, que consegui adquirir, fossem eles remasterizados ou fossem as melodias novas versões.

As capas e as canções desses antigos LP's, muitos dos quais adquiri em lojas de produtos usados, quando já descambava para a chamada terceira idade, me permitiram reconstituir minhas recordações, me possibilitaram interligar as memórias fragmentadas de minha adolescência e juventude. Ruminava, nostálgico e comovido, as minhas mais caras e ardentes lembranças. Quase sentia as mesmas emoções da época em que os fatos aconteceram. Para coroar tudo isso, comprei uma eletrola em estilo retrô e vários álbuns sobre a Jovem Guarda, nos quais eram estampadas as capas mais famosas dos ídolos de então.

Depois, com o progresso tecnológico, encontrei muitas dessas velhas canções reproduzidas em CDs, originais ou que eu mandava gravar, com as músicas que eu indicava. Mais adiante, fiz passar essas dezenas e dezenas de CDs com minhas músicas favoritas para o sistema MP3, que me facilitava ouvi-las, especialmente no carro, tanto em viagem como nos deslocamentos na cidade. Também as ouvia em libações e degustações dominicais.

Por último, aprendi a passar as músicas que encontro na internet para um pendrive. Com as minhas lembranças, consultas a amigos contemporâneos, pesquisas nos sites de buscas, muitas vezes utilizando pequeno trecho das letras, fiz uma rigorosa seleção dessas melodias que me encantaram, como já frisei, na minha meninice, adolescência e juventude. Ao ouvi-las, em diferentes ocasiões, elas potencializaram a minha memória, tornando nítidos e vivos certos episódios e momentos, que pensava haver esquecido.

E pude recordar, com o mesmo encantamento, tristeza, saudade e emoção, os acontecimentos que marcaram minha vida, bem como pessoas que conheci ou de quem ouvi falar. Tenho tentado reviver e restaurar essas pessoas e esses fatos através de minhas memórias e outros escritos. É a precária ressurreição de um tempo que insiste em permanecer.”

Capítulo XII

Confissões (1)

Marcos e Fabrício combinaram se encontrar no bar e mercearia do Zé Afonso naquele sábado, por volta das sete da noite. Tomariam umas talagadas de calibrina no Cantinho dos Inocentes, e depois se deslocariam para a Praça Lucas Mendes Furtado, no centro da cidade, onde tentariam fisgar alguma garota na tertúlia dançante do Évora Clube.

Quando Marcos chegou, estavam no local alguns conhecidos, alunos do Liceu. Entre eles se encontravam Milton Ferreira, sempre risonho, alegre, brincalhão, e Cláudio Bastos, meio fechado, sem senso de humor e um tanto antipático. Este último tinha a má fama de derramar a bebida, dissimuladamente, após fingir bebê-la, para posar de resistente e até para debochar dos colegas que porventura ficassem embriagados. Marcos considerava esse tipo de atitude um defeito grave, uma grande deslealdade e sinal de mau caráter. Quando os rapazes se despediram, jovial e bem-humorado, disse:

– Grande Milton, você é um verdadeiro pai-d’égua, um legítimo cavalo batizado.

– Cavalo batizado não, gigante; eu ando batizando os cavalos – retrucou o outro, a gargalhar, com a sua esfuziante e ruidosa simpatia. Marcos não se deixou abater, e respondeu em cima da bucha:

– Pois corre, vai buscar água, e batiza primeiro a ti próprio, porque você é o mais cavalo de todos nós.

– Marcão, rapaz, você não tem jeito mesmo... Não quer perder nenhuma parada – disse Milton, a balançar a cabeça, retirando-se com seus amigos, por entre ruidosas gargalhadas e feliz algazarra.

Enquanto aguardava a chegada de Fabrício, Marcos foi se sentar numa das cadeiras do Cantinho dos Inocentes. Um homem desconhecido, que se encontrava no local, de aparentemente 58 anos de idade, perguntou a Marcos se poderia ocupar uma das cadeiras da mesa, tendo o rapaz respondido que sim.

O homem trouxe um litro de uísque, que colocou sobre a mesa. Parecia estar já um tanto tocado pelo álcool. Perguntou se o rapaz não lhe desejava fazer companhia na bebida, não tendo Marcos se feito de rogado. Logo chegou Fabrício, que virou de imediato um generoso trago, para compensar o pequeno atraso.

O homem disse se chamar Pedro Pinto Pereira, mas que os amigos, por brincadeira, muitas vezes o chamavam de PPP. Parecia ansioso, com vontade de conversar, como se algo o afligisse.

– Sou tenente reformado do Exército. Não sou daqui. Sou carioca. Mas fui amigo de um colega desta cidade, que me falava tão bem daqui, com tanto entusiasmo, que resolvi, ao me tornar inativo, vir morar em Évora. Estou gostando muito da cidade e aqui pretendo refazer minha vida até a chegada da velha ceifadeira, que já deve andar me

rondando. Não tenho filhos e faz uns dez meses que me separei de minha mulher, após um casamento de mais de trinta anos, por motivo que tenho até vergonha em revelar.

Contudo, algumas doses depois, após promessa dos rapazes de que guardariam sigilo de sua conversa, resolveu contar os motivos que o levaram à separação. Debulhou uma longa história, por sinal um tanto estranha e escabrosa, cheia de detalhes, que segue aqui resumida e sem muitos pormenores.

Capítulo XIII

Confissões (2)

Pedro Pinto Pereira contou que logo na primeira noite de sua lua de mel achou algo de estranho nas atitudes de Carmem, sua mulher. Um tanto nervosa e inquieta, mesmo com as luzes apagadas, relutou em se despir. Apenas após alguma insistência de sua parte, e com a sua ajuda, foi se despidendo aos poucos, dando mostras de se sentir pouco à vontade.

Quando, após as carícias regulamentares e de praxe, mas sem as limitações da época de namoro, ele tentou possuí-la, notou que ela se contraiu toda, como se o rejeitasse. Ante a sua firme insistência, ela sussurrou deixe que eu coloco. De forma inusitada dobrou as pernas, puxando os joelhos em direção à cabeça, para dessa maneira erguer as partes glúteas. Em seguida colocou o pênis no reto, com a indispensável colaboração do parceiro. Este pensou em resistir; mas resistir quem há-de? – como diria o poeta.

Achou que se recusasse o que lhe era ofertado criaria uma situação mais embaraçosa ainda. Certas proibições e tabus são mitigados sob o argumento de que se deve evitar escândalo, pelo menos diante de certas situações em que não há prejuízo e nem derramamento de sangue. Que prejuízo haveria, se foi ela quem provocou aquele desfecho inesperado?

Após a conclusão do ato, do qual ela terminou participando com muito gosto e gozo, haja vista os estrebuchamentos, os grunidos, ganidos e gemidos, os ais sussurrados em voz estrangulada, ele preferiu ficar abraçado com ela, beijando-a e cheirando-a suavemente, em silêncio, até que ela dormiu ou fingiu dormir, não tinha disso certeza.

Ao amanhecer, quando a procurou novamente, a mulher, sob o lacônico argumento de que estava naqueles dias, repetiu tudo de novo. Para encurtar o relato, direi que esse tipo de relação sexual foi mantido durante mais de trinta anos. Por várias vezes o bravo tenente tentou que ela permitisse o coito vaginal (ou como ele dizia, normal ou natural), mas ela sempre se escusava, em muda teimosia ou em peremptórias e não convincentes justificativas, invariavelmente monossilábicas. Por isso o casal nunca pôde ter filho.

Como ela fosse muito limpa, higiênica, cheirosa e tivesse a fenda muito apertada, e aparentasse ter muito fogo e prazer, ele acabou, meio a contragosto, por aceitar essa preferência de sua esposa. Além do mais, forçoso foi confessá-lo, ela tinha uma bunda magnífica, escultural, rija, muito bem torneada, na verdade uma lídima obra de arte. Para evitar possíveis surpresas e contaminações, passou a usar sistematicamente camisa de vênus. Algumas vezes, quando ela estava mais ardente que o habitual, exigia-lhe não usar o preservativo, para que melhor fossem sentidas as ranhuras, texturas e nervuras.

Nostálgico do bom e velho sexo vaginal, ele, de vez em quando, do modo mais discreto possível, o praticava de forma esporádica, com uma ou outra cachopa que não lhe fosse pegar no pé. Ela nunca soube dessas puladas de cerca, ou simulou não saber, aceitando

isso como consequência natural de sua exigência na cama. Seria uma espécie de imposto que ela deveria aceitar sem resistência, sem queixas e recriminações.

– Mas a que o senhor atribui o fato de ela nunca aceitar o sexo vaginal, tenente? – perguntou Fabrício, tão logo o relato foi concluído.

– Não tenho a menor ideia. No início andei perguntando algumas vezes, mas ela sempre se recusou a me dar uma explicação aceitável, e se irritava quando eu lhe indagava a esse respeito. Ficava muito chateada, e até se recusava a fazer sexo durante alguns dias, de modo que achei melhor não mais fazer perguntas. Mas nos últimos anos comecei a me aborrecer com essa inexplicável tirania, comecei a ficar enjoado e enjoado dessa longa sodomia, e resolvi me libertar com a separação.

Levantaram-se na roda algumas hipóteses sobre essa exclusiva preferência sexual. Marcos achou que a ex-mulher do tenente poderia ter alguma anomalia de que sentisse vergonha, como vaginismo ou corrimento, embora o tenente tenha dito que ela era muito limpa, higiênica e cheirosa.

Talvez ela, em algum momento difícil de sua vida, tenha feito promessa a algum santo de sua devoção de nunca perder a virgindade, caso o problema fosse resolvido, argumentou Fabrício. Acrescentou que, mesmo que ela tivesse preferência por essa modalidade de sexo, poderia praticar, ainda que raramente, o vaginal, ao menos para quebrar a rotina, ao menos para satisfazer o marido.

Várias outras hipóteses, algumas estapafúrdias, foram aventadas, mas é claro que, sem o esclarecimento de Carmem, nenhuma poderia ser tida como verdadeira. Ainda mais naquela época, sobretudo em Évora, em que o sexo anal era considerado pecaminoso, mesmo pelas prostitutas. As duas ou três que sabidamente o praticavam eram discriminadas pelas próprias colegas, que as chamavam de cuzeiras, e delas mantinham ostensiva e enjoada distância.

As que praticavam a sodomia e a felação eram tidas como mulheres completas, e se falava que faziam cabelo, barba e bigode, incluindo-se nesse tripé a modalidade convencional. Havia uma rapariga, cheia de pudicícias e negaças, que sequer se despia com as luzes acesas. Outra nem mesmo permitia que seus seios fossem tocados, quanto mais o sexo, que se destinava apenas à penetração de praxe, sem saliências e bolinações. Como há gosto para tudo, todas tinham a sua clientela fiel.

Embora de forma um tanto relutante, já que não desejava ser professor de ninguém, muito menos em tão controvertido assunto, Marcos explicou que lera num dos livros da madame Doralice que esse tipo de sexo era repelido por muitas religiões e seitas, que o consideravam contrário à natureza, até porque não permitia a concepção, já que a parte anatômica utilizada não fora feita para isso; que alguns dos parceiros depois se arrependiam e sentiam remorsos, como se houvessem praticado alguma abominação; que a maioria das mulheres se sentia desconfortável, humilhada, constrangida e/ou envergonhada, e só o aceitava para agradar ao seu homem, mormente quando na fase da paixão. Entretanto, algumas confessavam sentir enorme prazer e contentamento

nesse tipo de relação. Finalizou dizendo que era um assunto de interesse exclusivo do casal, não cabendo a ninguém nele se imiscuir.

Fabrcio disse que o sexo tinha os seus mistrios, e que muitas vezes tinha razes desconhecidas pela prpria razo. O ser humano era um poço de mistrio e escondia segredos insondveis pelo prprio indivduo. Normalmente ele era discreto, mas resolveu contar um fato pessoal, para melhor esclarecer o que fora discutido.

Relatou que, dois anos atrs, saia com uma mulher casada, e a levava a um chat, o mais discreto e luxuoso de vora. Quando l chegando, a mulher, por sinal da alta sociedade eborense e de mais alta beleza, se recusou a praticar o sexo comum, sob o argumento de que jurara fidelidade ao marido. Mas sem nenhum pudor e constrangimento, aceitou tudo o mais, inclusive praticar caprichada e meticulosa felao. Parecia ser a sua maneira prpria, peculiar, cmoda e prazerosa de manter a sua fidelidade conjugal.

Para descontrair o ambiente, que estava muito srio, contou um caso anedtico acontecido com uns parentes de sua amizade. Sua me recebera uma carta de uma prima, na qual esta lhe contava que um filho bulira com a namorada, e que talvez fossem, ela e o marido, obrigar o filho a se casar com a moa, filha nica de um casal amigo e vizinho. Dias depois, todavia, recebeu outra missiva, trazendo novos esclarecimentos; na verdade, o rapaz no mexera no principal, “mas apenas no seu vizinho”, pelo que o jovem no mais seria compelido “a reparar o erro”, com o casrio.

– Tudo vido dentro de um quarto, desde que no haja imposio; desde que o homem e a mulher aceitem numa boa as preferncias do outro e se sintam bem; desde que ambos sintam prazer e no se sintam constrangidos – pontificou, doutoral, Fabrcio, que naquele dia estava muito inspirado. E arrematou: Afinal, como disse Pessoa, tudo vale a pena se a pessoa no for de mentalidade pequena.

Capítulo XIV

Desfecho inesperado

Marcos notou que Madalena parecia um tanto perturbada e triste. Contudo, ela o amou como nunca, quase com desespero e frenesi. Abraçava-o com força, quase como se estivesse se agarrando a uma tábua de salvação. Apegou-se a ele por tempo indefinido. Após a ânsia inicial, permaneceu colada nele, agora quase inerte, afagando-o com leveza e beijando-o com suavidade. Era como se desejasse que esse momento nunca tivesse fim. Após longo tempo, em que ambos se mantiveram em absoluto silêncio, disse que precisava lhe explicar um assunto muito sério, na sala da biblioteca.

Marcos temeu pelo que lhe seria dito. Sem dúvida algo de suma gravidade lhe seria revelado por Madalena, sempre discreta e sóbria, mesmo em seus ímpetos sensuais. Já há quase dois meses vinha tendo esses encontros amorosos, uma vez por semana. Tinha a premonição de que esses conciliábulos mais dia menos iriam acabar, por um motivo ou por outro. Desejava apenas não terminasse de maneira trágica ou pelo menos dramática.

No início do relacionamento, ficava um tanto nervoso, mormente com a possibilidade de serem flagrados pelo marido ou pela empregada, mas ela, demonstrando grande tranquilidade, afirmou que seu marido nunca chegava antes das 12 horas e a empregada só limpava o quarto e a biblioteca na parte da tarde. Ante a firmeza de Madalena, ele não mais tocou no assunto, e passou a agir com mais serenidade. Nunca mais demonstrou receio.

Quando deixaram a alcova e passaram à biblioteca, a amante pediu-lhe sentasse numa das poltronas, sentando-se em outra. Fitando-o com os olhos amorosos e tristes disse:

– Não sei direito como começar, mas tenho que lhe dizer e direi... Esta foi a última vez que nos amamos. Talvez nunca mais nos vejamos. Voltaremos para Minas Gerais, depois de amanhã. As passagens já foram compradas.

Em seguida, lhe contou tudo o que se passava entre ela e o marido.

O médico já quase não tinha interesse por sexo, mas a amava em demasia, disso não tinha dúvida. Também era incapacitado para gerar filhos. Por essa razão, a incentivara, nos últimos tempos, a encontrar um amante ainda novo, solteiro e discreto, que não os expusesse a falatório. Pediu-lhe apenas não se apaixonasse, muito menos o amasse. Nada de apego e sentimento de posse entre ela e o felizardo jovem.

Infelizmente, essa exigência não pudera cumprir; ninguém tem domínio sobre o coração. Também o marido lhe recomendou o avisasse, quando surgisse esse amante. Ele deveria ter uma boa formação moral e de preferência pertencer a uma família bem constituída, porquanto desejava ela engravidasse. Criariam a criança como filho biológico, sem necessidade de adoção, que pudesse suscitar escândalo ou comentários maliciosos.

Portanto, ela, desde o início, pusera o marido a par do que acontecia entre ambos, não tendo ele demonstrado o menor aborrecimento. Ao contrário, pareceu contente em que ela o tivesse seduzido. Revelou que nunca se empenhara em cumprir a recomendação do esposo, porquanto o amava e respeitava, embora desejasse ter um filho, que mais consolidasse o casamento. Ademais, nunca tomara a iniciativa em conseguir namorado, mesmo quando adolescente.

O marido já havia completado o interstício temporal exigido para obter remoção para outra cidade ou até para outro estado. Um pouco antes de ela e Marcos iniciarem o relacionamento, um amigo do marido, colega de formatura, assumira a direção geral do SESP. Quando ela informou ao cônjuge que sua menstruação falhara, ele imediatamente pediu para que ela fizesse o exame de gravidez na capital. O teste comprovou a suspeita. Estava grávida.

Diante desse fato e antes que alguma pessoa pudesse notá-lo, seu marido telefonou para o amigo, pedindo-lhe a remoção para Belo Horizonte. O diretor, para dar maior celeridade ao deferimento e também para que o médico tivesse ajuda de custo, o removeu ex officio e para ocupar cargo de confiança na capital mineira, o que ainda lhe daria a vantagem da gratificação funcional.

Os móveis e os livros seguiriam em caminhão já contratado. E eles tomariam um avião na capital, na próxima sexta-feira. Estavam numa quarta, não de cinza, mas de muita tristeza. Até o tempo cinzento, nublado, chuvoso, friorento conspirava para o aumento da melancolia que se lhes infiltrava na alma. Marcos sentiu uma tontura, como se lhe faltasse terra sob os pés, ou como se estivesse em vertiginoso redemoinho. Sentiu ânsia de vômito. Nunca antes sentira tanta tristeza e tanta amargura. Como na música de Maysa, seu mundo caíra. Fora golpeado pelo destino ou pela vida, não sabia ao certo. Talvez não houvesse destino. Ou havia? Pagava pelo seu pecado. Ou todos seriam inocentes, como no romance de O. G?

Quando conseguiu se erguer, sem pronunciar uma só palavra, Madalena também se levantou. Os dois, como se estivessem desesperados, cheios de ânsia e amargura, se abraçaram como jamais haviam feito, e se beijaram com sofreguidão. Quando se afastaram um pouco, para se fitarem ainda uma vez, um viu que o outro também chorava.

A mulher soluçava suavemente, em surdina, de forma contida, afinal tivera tempo para se preparar para esse final. Marcos estava transtornado ante esse final brusco e de todo inesperado. Era um the end algo melodramático, em que as luzes não seriam acesas. Tampouco haveria replay.

Capítulo XV

Évora

“Tenho vagas recordações da Évora de minha infância mais remota. Suponho que algumas se confundem com outras posteriores, de modo que eu não saberia precisar o ano exato de sua origem. Talvez, literariamente, seja melhor assim, sem essa rigidez de relatório burocrático, bem demarcado no tempo.

Muito vivo ainda sinto o cheiro da cera de carnaúba, amontoada num grande depósito da Casa Machado e outros armazéns. Havia as pardas, escuras, de menor valor comercial, e a cera flor, mais clara, amarelada, de bem mais alta cotação. Recordo o cheiro acre das amêndoas de babaçu e tucum, que eram revendidas para Fortaleza, Recife e outros centros exportadores.

As calçadas desses armazéns eram lisas, impregnadas pelo pó que ia aos poucos se desprendendo dessas ceras, e eram alisadas pelo pisotear constante dos transeuntes, que vinham fazer suas compras ou exercer suas atividades laborais no centro comercial. Eram figuras emblemáticas os carregadores, de forte compleição, que carregavam grandes sacas desses produtos sobre a cabeça, protegida apenas por uma rodilha de pano, e os porcos d'água, que atuavam no porto improvisado do Paraguaçu, com os seus pequenos trapiches, toscos depósitos e acanhado guindaste.

Évora, nessa época, no início de sua decadência comercial, devia ter em torno de 45 mil habitantes. Na Rua Grande, cujo nome foi mudado para Presidente Juscelino Kubitschek, havia os sobrados mais antigos e os luxuosos chalés e palacetes de seu apogeu comercial, da época áurea do extrativismo, da industrialização do pó da carnaúba, da maniçoba, do jaborandi, da oiticica, do algodão e do óleo babaçu, além de outros produtos. Eram expostas, em algumas firmas, peles bovinas, ovinas e caprinas, assim como as de gato maracajá e de outros animais silvestres, enroladas ou espichadas por varas.

No centro histórico, no entorno do qual ficavam as principais casas comerciais, viam-se a igreja matriz, sob a invocação de São Gonçalo, santo português e, segundo se dizia, tocador de viola, alegre e festeiro, e a grande Praça Lucas Mendes Furtado, português, considerado o fundador da cidade, por haver ali instalado a Fazenda Évora e sua casa-grande, em cujas proximidades ergueu a igreja de São Gonçalo, ainda conservada quase sem alterações. Ao redor desses dois prédios, nasceu e floresceu a cidade.

O templo, segundo a lápide em seu frontispício, foi concluído em 1717. Sua frente era voltada para a praça, que até dez anos atrás fora um grande largo em terra nua, com pedras jacaré traçando passeios, alamedas, caramanchões e vielas, circundando árvores e contornando jardins geométricos, retangulares, quadrados ou formando círculos. Mesmo em sua simplicidade rústica, era um belo largo, talvez o mais belo do estado.

Em volta da praça da matriz, como também era conhecida a Praça Lucas Mendes Furtado, erguiam-se velhas casas solarengas, vetustos sobrados, antigos casarões em estilo colonial. Alguns desses prédios eram muito simples, quase rústicos, outros

ostentavam certo luxo, como assoalhos de mosaico, paredes externas revestidas de azulejo, beirais, e portas e janelas em madeira de lei, lavradas e ornadas com certa arte e requinte. Apesar da incúria administrava, a maioria era bem conservada.

Acerca de 70 metros da igreja ficava o Évora Clube, instalado em secular casarão colonial. Nele eram realizadas as festas da elite eborense. Ali bebiam e dançavam os poderosos empresários, políticos, os gerentes de grandes firmas e os servidores públicos graduados. Os jovens realizavam tertúlias dançantes nas melancólicas tardes de domingo, ao som de possante vitrola. Eram empolgados pelo iê-iê-iê e pelos embalos da jovem guarda, com suas estridentes guitarras, que irritavam os ouvidos e o gosto musical dos mais velhos.

A menos de 150 metros da matriz, localizava-se a Zona Planetária. Segundo a lenda, esse nome fora posto pelo seu proprietário, Lulu Freitas, que fora coronel da Guarda Nacional e poeta bissexto. No final da década de 1940 ele alugara suas casas, agrupadas em um grande quarteirão, para várias madames de cabarés, o que provocou o afastamento de locatários familiares. Exigira que cada lupanar ostentasse o nome e a pintura de um dos planetas, sob a denominação geral de Zona Planetária.

Ele mesmo pagou o melhor pintor de paredes da cidade, que também fazia belas pinturas a óleo, para fazer os letreiros e pintar cada um dos planetas com as suas cores e características principais. Portanto, ali eram vistos Saturno e os seus belos anéis, que pareciam coloridos discos de vinil com os seus sulcos espiralados; Marte e a sua cor sangrenta, que lembrava o mênstruo das mulheres ou a violência homicida dos ciúmes; Vênus e os seus vapores azulados de aconchegantes e penumbrosas alcovas, e a Terra a rodopiar com a Lua pelos espaços infindos... Ali estavam o nome e a pintura de cada um dos nove planetas, já que na época Plutão ainda não fora destronado.

Por causa disso, o coronel Lulu Freitas, fazendeiro, flautista e poeta, ganhou a infundada fama de apreciador das raparigas. Infundada sim, porque ele podia ter sido (e fora) protetor delas, mas na verdade era quase casto, enclausurado em seu claustro, efetivamente um vetusto sobrado, de linhas austeras, franciscanas, sem nenhum adorno e muito menos luxo. Sexo mesmo ele só o fazia, seguindo a sua dieta ou escassa ração, com a sua rotunda mulher, a matrona Donana, de muitos anéis de ouro e virtudes. Mas isso não os impediu de terem uma dúzia de filhos, dois deles falecidos em tenra idade.

Em Évora, num percurso de menos de 250 metros, em pleno centro histórico, podiam ser encontrados a igreja matriz, o clube dançante, a praça dos namoros, senão castos, ao menos cautos, outros nem tanto, e os principais cabarés da cidade, aglutinados sobretudo na Zona Planetária.

Por essa razão, Cazuzo, o laureado boêmio da cidade, o maior orador popular e declamador melodramático, mormente quando em estado etílico, certo dia proclamou:

– Na amada Évora, de muita história, fumaça e tradição, cidade onde tive o berço natal e onde espero ter a campa final, num raio de apenas 250 metros, existem o clube para

a gente dançar, a praça para o namoro nos excitar, o cabaré para nos apaziguar e a nossa fome matar, e a igreja para nos perdoar! E vade retro, com tantas rimas em a.”

Capítulo XVI

Gracinha

Após a partida de Madalena, Marcos mergulhou em profunda tristeza, que tentava disfarçar o mais que podia. Não chegava a ser uma depressão, mesmo porque na época não se ouvia falar nessa palavra, a não ser no sentido de profundidade material. Refugiou-se em suas leituras literárias e nos estudos colegiais. Quando indagado por sua mãe ou por algum amigo mais chegado sobre por que estava um tanto circunspecto, respondia com evasivas ou alegava preocupações com as provas, que já se avizinhavam.

Por outra parte, tornou-se mais assíduo na prática do futebol, para com essa atividade física fugir da saudade que lhe remoía o espírito. Foi nessa época que, tanto por idealismo como para fugir de sua melancolia, reuniu Mário Cunha, Fabrício Moreira, Cazuza, Wilton Meneses e outros amigos para criarem um jornal alternativo, mimeografado, cujo nome seria O Liberal. Seria informativo, opinativo e teria um espaço literário, para publicação de crônicas, contos, poemas e artigos. Nele Mário Cunha e outros artistas poderiam divulgar seus desenhos e caricaturas, com a utilização de estêncil adequado.

Não seria vinculado a nenhum partido ou grupo político. Contudo, buscariam algum recurso financeiro através da propaganda de algumas firmas comerciais ou mesmo de alguma pessoa física simpatizante dessa iniciativa. Seria impresso no mimeógrafo da escola da mãe de Fabrício, que terminaria por arcar com a maioria das despesas.

Todavia esse apoio deveria ser mantido em sigilo, para não prejudicar o seu pai em eventuais transações mercantis, mormente com o poder público. Seria publicado mensalmente, e faria críticas às três esferas de governo – federal, estadual e municipal – bem como aos três Poderes, mas sempre apontando soluções e sugestões. Teria até coluna social, para atrair os leitores mais ligados em fofocas e na vida alheia.

Foi nessa época que Marcos soube que havia sido instalado um cabaré a três quarteirões de sua casa, numa antiga chácara, denominada Montevideú, que pertencera a um rico da cidade. O casarão ficava no meio de um grande terreno, de aproximadamente 120 por 150 metros. Alguns rapazes da vizinhança já estiveram lá algumas vezes, à noite, por simples curiosidade, ou para tomarem três a cinco garrafas de cerveja, que a magra mesada lhes permitia.

Ficou sabendo que a velha e desativada chácara fora alugada por Gracinha, que ali instalara o seu prostíbulo. Apenas ela, a mãe e um irmão residiam na casa. Entretanto, a partir das sete horas da noite várias raparigas novas ali faziam ponto, algumas de domingo a domingo. Segundo os boatos, Gracinha, ainda bem nova, tivera um namoro muito apimentado com um rapaz da sociedade eborense, filho de um fazendeiro abastado.

Notando sua mãe que Gracinha, mais cedo ou mais tarde, provavelmente mais cedo, terminaria por “dar com os burros n’água”, tratou logo de “vender” a sua virgindade em flor a um alto comerciante, frequentador assíduo dos principais cabarés eborenses. Para

isso utilizou os serviços e a lábia de Pachola, seu filho, boêmio e um tanto malandro, que gostava da boa vida e de serviços maneiros, conquanto não descambasse para o furto, mas apenas para a “esperteza” e os expedientes de praxe do famigerado “jeitinho brasileiro”.

A velha, de nome Lurdinha, tinha notável experiência nessa seara. Ao ficar viúva, ainda nova e com dois filhos, e sendo assediada por vários comerciantes e altos funcionários da cidade, não tardou a ceder seus encantos a alguns desses pretendentes, em troca de uma boa remuneração. Durante cerca de três anos foi “teúda e manteúda” de um rico coronel da carnaúba, que lhe deu casa, comida e dinheiro, mas exigindo rigorosa fidelidade.

A fidelidade, que jamais fora rigorosa, logo foi quebrada, seja porque ela fosse fogosa, e o velho tivesse pouco apetite, seja porque ela desejasse ainda alguma pecúnia a mais. O ricaço a deixou e ela continuou a ter encontros com um e com outro, em sua própria casa. Com o avançar da idade, esses encontros rendosos foram escasseando, de modo que Lurdinha passou a fazer ponto num dos cabarés de Évora.

Quando até esse meio de vida se tornou pouco rentável, com a diminuição da clientela em decorrência do avançar da idade (como um artilheiro que passasse a reserva e depois a massagista), passou a fazer serviços de lavar e engomar roupa para as colegas do ramo, além de botar botequim de bebidas quentes e tira-gosto de tripa em festas na periferia da cidade ou mesmo em povoados perto da urbe. Embora contasse, vez ou outra, com a ajuda de Pachola e de Gracinha nesses labores, começou a se sentir alquebrada e cansada desses serviços. Foi então que lhe adveio a ideia de negociar a quebra da virgindade de Gracinha.

Tranquilizou a consciência ao admitir que isso, sem dúvida, iria acontecer a qualquer momento, sobretudo quando flagrou a filha em calientes amassos e pinos, com muitos beijos e esfregações escandalosas, nos escondidos das esquinas e das praças, perto de canteiros ou no encosto de uma árvore. E foi assim que ela, em conluio com Pachola, contratou o defloramento de Gracinha.

Não lhe foi difícil vencer a frágil relutância da filha, convencendo-a de que a virgindade era apenas uma película descartável, e que só era perdida uma única vez e para todo sempre. A jovem, ansiosa em conhecer novos prazeres, e tendo tido ao longo da vida o exemplo e o magistério da mãe, e vendo nisso uma fácil e agradável maneira de auferir lucro, acabou por aceitar de bom grado o que lhe era proposto.

E foi assim que a graciosa Gracinha começou a navegar mares nunca dantes navegados; mas sempre desejados e imaginados em sua ainda incipiente navegação de exígua cabotagem.

Capítulo XVII

Prostituição e tragédia familiar

Com a finalidade de colher informações para o jornal mimeografado O Liberal e para futuros trabalhos no campo da história social recente e da sociologia eborense, Marcos fez várias entrevistas com idosas e jovens prostitutas, e também com antigos frequentadores de lupanares. Ele tinha ciência própria de certos fatos, histórias e costumes, porque esporadicamente fazia as suas incursões e “vistorias”, tanto na alta como na baixa zona meretrícia, bem como sabia de fatos que lhe foram repassados pelos seus colegas e amigos. Dizia estar fazendo laboratório literário.

Em decorrência desse seu trabalho jornalístico e intelectual ficou sabendo que muitas mulheres caíram na difícil “vida fácil” após terem se entregado, em confiança, a seu noivo, que lhes prometia casamento; algumas por gosto, e outras por certa irresponsabilidade ou ingenuidade juvenil. Quando os pais tomavam conhecimento, por causa de gravidez ou não, de que a filha não era mais virgem, as expulsavam de casa. Muitos chegavam a dizer que a filha “desonrada” era um “dedo cortado fora”. Não servia para nada.

Sem estudo e sem aptidão para o trabalho doméstico, que não tinha as garantias trabalhistas atuais, muitas iam exercer o meretrício, que, ao menos enquanto eram jovens, era muito mais bem remunerado. Mas Marcos suspeitava que muitas iam em busca da chamada vida fácil, do trabalho menos estafante e mais bem pago, e algumas desejavam mesmo o hedonismo do sexo, da dança, da música e da bebida. Sentiam prazer no exercício da profissão e do gozo cotidiano e repetido com diferentes parceiros, como se isso fosse uma constante ventura e aventura.

No mês de junho alguns cabarés costumavam fazer os arraiais dos folguedos de São João e São Pedro. As quadrilhas eram animadas e tinham muitos participantes. Algumas eram bem simples, enquanto outras tinham certo requinte. Os sanfoneiros afamados eram convocados, e traziam seus parceiros, tocadores de pandeiro, triângulo, chocalho e zabumba. O carnaval também era comemorado, com bailes alegres e cheios de enfeites. Muitas raparigas ostentavam belas fantasias e enigmáticas máscaras. Os instrumentos de sopro imperavam, com repertório de esfuziantes marchinhas e saracoteantes frevos.

Mas a prostituição tinha os seus riscos e mazelas, que seguem sinteticamente enumerados: gravidez indesejada, doenças venéreas, sífilis, abusos de homens grosseiros ou embriagados, logro na hora do pagamento dos honorários e brigas com outras raparigas e homens por causa de ciúmes e outras rixas, às vezes antigas, que afloravam durante as bebedeiras. Muitas mulheres, quando não recebiam o pagamento combinado, puxavam uma lâmina de barbear, uma faca ou um canivete para compelir o parceiro a cumprir a avença verbal. Se mesmo assim o homem não efetuava o pagamento, algumas chegavam a lhe provocar lesões, havendo mesmo alguns casos de

morte. Por causa de indesejada gravidez, alguns abortos eram executados pelas “fazedoras de anjos”, mediante perigosas beberagens e curetagens.

Algumas dessas mulheres, as mais belas, mais jovens e mais afortunadas, eram aceitas no alto meretrício, onde tinham quarto e cama mais confortáveis, mais higiênicos, e onde a comida era de melhor qualidade. Outras, as mais feias ou mais velhas, só conseguiam alugar um quartinho, guarnecido apenas por uma tosca e estreita cama, de colchão de palha, e uma rústica mesinha, sobre a qual eram colocados um espelho pequeno, uma bacia de alumínio, um litro d’água, um sabonete, quase sempre da marca Gessy, e um pote de talco Cinta Azul. Muitas colocavam na parede um enorme pôster de seu ídolo favorito, cantor ou ator de fotonovela, que vinha encartado em revista feminina da época.

Quando a prestação de serviço terminava, o homem segurava a bacia com as duas mãos e a mulher lhe fazia as abluções na genitália, com a garrafa d’água e o sabonete. Isso não era considerado uma humilhação da meretriz. Era aceito como o complemento indispensável e natural do seu trabalho.

Alguns homens, os mais delicados ou sensíveis, dispensavam essa higiene, e eles mesmos se asseavam como podiam. Os quatinhos mais humildes sequer dispunham de luz elétrica e tudo isso era feito à luz mortiça de uma lamparina a querosene. Muitas dessas mulheres tinham na pele marcas de doenças, como sarampo ou varíola, e cicatrizes de facas, dentadas ou unhas, resultantes de brigas com clientes ou colegas.

Gracinha, além de filha de uma viúva que veio a exercer o meretrício, como já foi dito, era neta materna de Marlene, afamada prostituta de Évora, nos áureos tempos da carnaúba e de outros produtos do extrativismo. Nos seus anos de juventude e beleza fora a de mais extensa e seleta freguesia. Além de bela, era perita em sua arte, e se esmerava em bem tratar os homens que a procuravam, dando-lhes carinho e palavras amorosas e de delicado estímulo. Tinha ou fingia êxtases que deixavam os homens com o ego lá em cima, como se fossem o maior amante do mundo. Se se sentiam enganados, jamais reclamavam de tão reconfortante logro.

Contudo, não foi Marlene perfeita em sua profissão, porque veio a se apaixonar por um de seus amantes, o que ainda hoje é tido como erro grave. Deu-lhe tudo, tudo, até mesmo dinheiro; perdeu dinheiro, ao afastar-se dos amantes mais lucrativos, para se dedicar ao gigolô que tanto amava. Um dia ele, sem medir e sem adoçar as palavras, lhe disse de chofre:

– Depois de amanhã vou me casar. Nunca mais virei aqui. Não me procure mais e não me mande recado.

Nada mais disse, nem procurou ouvir. Virou as costas e se foi, sem aceno e sem palavras convencionais de despedida e desculpas, e sem se voltar uma única vez.

No dia do casamento, à boca da noite, Marlene foi até uma mercearia e bar, que havia perto. Sorrindo, cumprimentou uns homens que tomavam cerveja. Pediu um litro de querosene. Os homens a olharam com admiração, pois, apesar de seus 37 anos de idade,

ainda era uma formosa, simpática e atraente mulher. Um pouco depois chegou a notícia: uma rapariga se matara, incendiando as próprias vestes e lençóis, embebidos de querosene.

Capítulo XVIII

O lendário Zé Lolô

“Logo no início d’ O Liberal tive a ideia de escrever pequenos textos em prosa sobre algumas figuras lendárias, populares e folclóricas de Évora, para publicar nesse periódico mimeografado e no jornal mural do Liceu. No futuro, quando eu tivesse condição financeira, iria reuni-los em livro, acrescidos ou não de outros perfis que viesse a escrever. Nesse tempo não se falava em indenização por danos morais, ao menos em nossa cidade. De modo que por isso e também por causa de certo destemor próprio da idade, não me preocupei com essas evocações. É claro que tive algum cuidado, em certos episódios, como mudar o nome do protagonista e omitir ou mitigar algumas nuances das histórias, para evitar briga com familiares do personagem.

Quando eu tinha em torno de seis anos, fui com meu pai participar de uma missa dominical, cedo da manhã, na matriz de São Gonçalo, após a qual iríamos assistir a um faroeste estrelado por Giuliano Gemma, no Cine Galileia. Quando ultrapassamos a feira ou mercado de venda de peixes e aves, como capote, pato e galinha caipira (nessa época não havia as de granja), meu pai se virou para mim, e disse em voz baixa:

– Marcos, preste atenção naquele homem que vem ali...

Meu pai não precisava me chamar a atenção para aquele homem, se é que ele era realmente um homem, tal a magnitude de sua feiura. Há quem diga que é pecado comparar-se um homem a um macaco, embora o cientista Charles Darwin de certa forma o tenha feito. Mas o fato é que a criatura parecia um misto de chimpanzé, gorila e homem. Seus cabelos e barba eram desalinhados, opacos e duros como crinas de cavalo. O caminhar era desengonçado e bamboleante como o de um símio.

De estatura abaixo da mediana; no entanto era forte, entroncado e de membros grossos e curtos. Tórax musculoso e repartido. Os bíceps eram avantajados, como se fossem os de um pequeno Maciste, que eu conhecia através da tela panorâmica do velho Cine Galileia. Trajava uma esgarçada camisa de mangas curtas, aberta ao peito, o que deixava à mostra os braços e o peito de densos pelos hirsutos. Conduzia um cofo de palha de carnaúba ao ombro e segurava uma fieira de pequenos peixes espetados num cipó, a que davam o nome de cambó.

Meu pai me esclareceu que ele era um pescador, mas que também vendia lenha e água, retirada de alguma das várias cacimbas do lago Galileia, para algumas famílias do centro da cidade. Na época o sistema de abastecimento d’água ainda estava sendo implantado, e aos poucos ia se expandindo, do centro para a periferia. Já então estava inativo o antigo cata-vento do principal chafariz.

– O nome dele é José Malaquias, mas é conhecido como Zé Lolô, pois as pessoas ignorantes acreditam que ele vira lobisomem – acrescentou meu pai. Como eu lhe indagasse sobre o que era um lobisomem, meu pai esclareceu:

– É um bicho muito malvado, perigoso, valente, feio, cabeludo e fedorento, mistura de lobo e homem.

Nada mais ele disse e nada mais lhe perguntei. Não mais revi Zé Lolô, que parecia, no dizer do povo, o cão em figura de gente. Soube que veio a falecer um pouco depois, afogado, ao tentar desenganchar uma tarrafa, prisioneiro de sua própria armadilha, de modo que não mais voltei a ouvi falar nesse esquisito personagem. O medo que senti quando o vi pela primeira e única vez, e que me provocou alguns pesadelos, foi aos poucos arrefecendo, e terminei por esquecê-lo quase completamente.

Contudo, quando fui escrever a série de artigos a que me referi acima, lembrei-me dele para ser a matéria inicial. Conversei sobre Lolô com alguns colegas do Liceu, tendo um deles me dito que seu vizinho lhe contara, certa vez, uma estarrecedora história desse misterioso homem. No dia combinado, o meu colega me levou até a casa de seu vizinho, cujo nome era Francisco Cardoso. Cardoso então me fez um tenebroso relato, que resumirei a seguir.

Vivia da venda de peixes, lenha e água potável, conduzida numa espécie de pipa rolante, chamada roladeira, protegida por dois aros de borracha, que ele puxava com o uso de um cambão. Morava numa casinha muito pobre, de taipa e palha, quase uma tapera, em local próximo ao centro da cidade, alagadiço na época das chuvas, conhecido como baixa. As portas e as janelas eram tapadas por esteiras de palha. O casebre tinha somente dois dormitórios, separados apenas por um tapume de palmas de babaçu. Num deles ficava o casal, no outro, oito filhos, sendo três meninos e cinco meninas, das quais três púberes.

O senhor Cardoso, um tanto constrangido e penalizado, aduziu que corria o boato de que o próprio Lolô se encarregava de deflorar as filhas, pois, segundo ele mesmo justificava, não ia plantar melancia para os outros comerem. Diziam que quando os seios das meninas começavam a despontar e ele notava que as axilas começavam a ter penugem, mandava a garota subir num galho de árvore, para examinar se a ‘fruta’ já estava ficando inchada e empenujada, e, portanto, de vez.

Elas o acompanhavam nas pescarias, noturnas ou diurnas, para levarem algum utensílio e para tratarem os peixes, tirando-lhes as escamas e as vísceras. Enquanto ele pescava com uma tarrafa, lançando-a em diferentes locais, elas, debaixo de uma árvore ribeirinha ou resguardadas por uma moita, usavam os anzóis.

Muitas vezes a tarrafa enganchava numa pedra ou em alguma raiz; Zé Lolô, homem de muita coragem e longo fôlego, então mergulhava, para desembaraçá-la. Em duas ou três ocasiões, ao fazer esses mergulhos, foi atacado por jacaré. Atracou-se com o bicho, trazendo-o para fora do rio, até dominá-lo e esfaqueá-lo. Chegou a ser comparado a Tarzan, pois numa das películas da época esse herói cinematográfico cometia essa façanha, que hoje seria considerada de pequena monta, sem nada de espetacular. Ganhou notoriedade com essa proeza, embora alguns dissessem que isso não passava de história de pescador.

Um caçador, conhecido de Francisco Cardoso, lhe narrou que certa feita foi fazer uma caçada, numa noite de quinta para sexta-feira. O céu estava um tanto nublado, e nem sempre a lua cheia se mostrava em toda sua glória. Mas, no momento em que os cachorros latiram desesperados, a acuar um bicho, ela saiu de uma grande nuvem escura, e brilhou com toda intensidade. O caçador viu que eles rodeavam um grande animal, de espécie que ele jamais vira.

O bicho era peludo e tinha o tamanho de um urso, embora não fosse gordo e demonstrasse ter muito mais velocidade e agilidade. Em determinado momento, o homem viu as suas orelhas grandes e pontudas, e os seus olhos brilhantes e vermelhos como dois tições em brasa viva. Apontou-lhe a arma e atirou. A assombração, que só podia ser um lobisomem, soltou um alto e pavoroso esturro de ódio e dor. Deu um enorme pulo por cima dos cães, e seguiu mata adentro como um raio. As pegadas eram enormes e não se pareciam com a de nenhum outro bicho da região.

O caçador jurava com a mão sobre a bíblia que a sua história era verdadeira, e que a marmota era um lobisomem. E que o lobisomem era Zé Lolô, pois dias depois ele ainda apresentava um ferimento no ombro. Todavia, Francisco Cardoso, para não passar como tolo ou bisonho, arrematou sua narrativa dizendo que tudo talvez não passasse de história de caçador.”

Capítulo XIX

Montevidéo, ontem e hoje

A chácara Montevidéo pertencera ao coronel e fazendeiro Marcolino Ferreira, que nela passava os finais de semana com a sua família. Às vezes ele convidava amigos para eventuais comemorações, à base de churrasco e cerveja. Todavia, no meio da semana, em frequência que variava de quinze a trinta dias, o coronel levava uma mulher, prostituta ou não, para passar uma tarde com ele nesse sítio.

Já cinquentão, no começo dos anos 60, seja por mérito exclusivamente seu ou com a intermediação de pessoa de sua confiança, começou a ter um caso com três irmãs, sendo uma viúva e duas outras solteironas. Acredita-se que ele começou esse relacionamento com a primeira, que depois teria aliciado as irmãs. A filha única da viúva já era casada e morava na capital, de modo que as irmãs Alvarenga moravam na mesma casa. Não se sabe por que inusitado capricho o coronel, embora na periodicidade já referida, as “usava” na mesma ocasião, e não em dias diferentes. Também se desconhece o motivo pelo qual elas aceitavam essa situação digna de um harém. Nunca se soube se elas iam para a alcova ao mesmo tempo, ou se em diferentes momentos do conciliábulo amoroso.

Comentava-se em Évora que o coronel Marcolino era como sarampo, atacava a família toda. Na época, um homem com mais de cinquenta anos já era tido como velho. Por isso mesmo, as pessoas se admiravam de seu vigor. Contudo, quem conhecia a realidade dos fatos era o farmacêutico Sousa Santos, que detinha em sua memória uma fórmula milagrosa, que nunca partilhou com ninguém, levando-a para o túmulo.

Acrescente-se que esse notável boticário era o principal responsável pelas curas das famigeradas doenças venéreas, não raras vezes através de métodos heterodoxos e dolorosos. Ante algumas situações introduzia ardentes bastonetes em vaginas e uretras, untados com as poções miraculosas que ele próprio preparava. A vítima urrava e estrebuchava de dor. Era ele quem sarjava os árdegos cavalos de crista, pégasos tão abomináveis quanto indesejados, e espremia ou extirpava os venéreos tumores e úlceras, jamais veneráveis. Prescrevia dietas e receitas.

Uma hora antes do colóquio amoroso do coronel com as irmãs Alvarenga, o Sousa Santos, debaixo de muita discrição e cautela, lhe injetava diretamente no membro esse precursor do Viagra, que fora originalmente criado para controlar problemas cardíacos. O fato é que ele provocava severos problemas colaterais, inclusive óbito, especialmente quando usado como afrodisíaco. Em vários casos, era tiro e queda: matava mesmo.

Assim, o bravo coronel veio a falecer com apenas 63 anos de idade, no início dos anos 70. As irmãs Alvarenga não botaram luto fechado, porque isso seria uma afronta à família de Marcolino, sobretudo a sua esposa, de quem elas eram amigas, apesar dos rumores, mas passaram a usar roupas escuras, sempre muito discretas. E nunca mais se ouviu falar em relacionamento amoroso de nenhuma delas. A chácara terminou ficando

de herança para um dos filhos de Marcolino, que veio a se tornar próspero comerciante e fazendeiro.

Segundo comentários ouvidos por Marcos, o cabaré Montevideu de Gracinha estava indo de vento em popa. Os carros, lambretas e vespas ficavam bem resguardados, dentro do cercado da antiga chácara, longe da vista de passantes curiosos e de fofoqueiros ditos profissionais. A clientela vinha aumentando a olhos vistos, talvez por causa de prostitutas novas e bonitas que ali marcavam presença. Em consequência, novas raparigas passaram a fazer ponto no Montevideu, e isso, por sua vez, atraiu novos fregueses, em contínuo processo de retroalimentação.

Ante essas notícias, ao se encontrar com Fabrício e Mário Cunha, Marcos os convidou para uma “incursão” ao prostíbulo. No sábado, cedo da noite, os três seguiram para lá. Em face do horário, o salão principal ainda tinha algumas mesas vagas. Alguns preferiam beber no alpendre, e outros, debaixo do enorme e frondoso oitizeiro, sobretudo à tarde, quando uma brisa soprava, vinda, ao que se dizia, das bandas do lago Galileia.

Tudo parecia indicar que o empreendimento de Gracinha se tornara rentável. Além da grande venda de cerveja, refrigerantes e outras bebidas, como uísque, conhaque, rum e vermute, a diligente madame contratou uma cozinheira para preparar saborosos tiragostos, além de pesadas refeições, entre as quais panelada, mão de vaca e rabada. A bem da verdade, diga-se que muitos não iam ao prostíbulo em busca de mulher, mas apenas dessas iguarias e de uma cerveja bem gelada, do tipo “véu de noiva”.

Os jovens e bravos mosqueteiros não estavam à procura de mulher naquela noite, pois acertaram demorar pouco, com o objetivo de irem a uma festa no Évora Clube. Observaram o plantel, e viram que algumas raparigas eram bonitas e apetitosas, e circulavam com certa discricção, à cata de possíveis clientes. Sem dúvida descartavam os estudantes, quase sempre sem dinheiro, e apenas preparados para ratear três ou cinco cervejas, ou oito em dia mais propício. Mas sempre disponíveis para uma “trepada por amor”, como eles jocosamente diziam, em suas gabolices juvenis.

Quando Marcos e seus amigos já se preparavam para deixar o recinto, chegou uma das mulheres, bem vestida, com certa sobriedade, talvez para imprimir respeito. Usava uma pulseira e brincos de ouro, mas sem ostentação. Logo foi identificada como sendo a dona do ambiente. Fabrício tratou de providenciar uma cadeira, para que ela se sentasse, e foi logo pedindo uma cerveja para lhe oferecer um copo, que ela delicadamente recusou.

Gracinha falava em voz baixa e suave, quase a sussurrar, não obstante o bolero que a vitrola tocava. Fez algumas perguntas triviais, e disse que estava gostando do local. Esclareceu que não permitia música em alto volume, para não incomodar as famílias, que precisavam de repouso. Dessa forma cultivava a política da boa vizinhança e evitava retaliações, como denúncias ao prefeito ou ao delegado, sob o argumento de perturbação ao sossego público. Perguntou se eram apenas estudantes, ou se exerciam algum trabalho.

Marcos e Mário responderam que trabalhavam em jornal alternativo, mas sem nenhuma remuneração. Fabrício disse que, de vez em quando, prestava algum serviço na loja de seu pai, mais no intuito de aprender o modo como um comércio do seu tipo funcionava; em consequência seu pai lhe aumentava a mesada e lhe dava algum presente.

A madame, furtivamente, vez ou outra, olhava para Marcos, com indisfarçável interesse. O rapaz podia ser cauto, mas não era cego e muito menos ingênuo. Logo percebeu esses olhares de admiração, embora sua eventual vaidade fosse bem administrada. Considerou que ela gostara de seu porte físico e de seu comportamento. Por isso, achou estratégico lhe revelar que morava perto, a apenas três quarteirões.

– Ora, você é quase um vizinho. Pois apareça por aqui, de manhã, quando não tem movimento, nem clientes e nem mulheres, para a gente jogar conversa fora, se isso não lhe causar problema com seus pais. Geralmente, estou sozinha, apenas com mamãe e a empregada.

O rapaz lhe agradeceu o convite, e prometeu que breve a visitaria, na parte da manhã, por volta das dez horas. Em seguida, pagaram a conta e seguiram para o centro da cidade. Marcos, sem afoiteza nem açodamento, apertou a mão de Gracinha e a beijou no rosto, como via fazerem os mocinhos elegantes das películas cinematográficas.

Capítulo XX

Escândalo no QG

“Em minha puberdade, quando voltava de alguma festa, tertúlia ou da Praça Lucas Mendes Furtado, gostava de dar uma passada na Zona Planetária, para olhar a movimentação de pessoas ou mesmo tomar duas ou três cervejas com meus amigos. Raramente ficava com alguma mulher. O medo de doença venérea e a escassez de dinheiro, para pagar a ‘chave’ ou a mulher eram o principal empecilho. Em alguns dos prostíbulos, no apogeu da cera de carnaúba e de outros produtos do extrativismo, muitos fazendeiros, gerentes de poderosas empresas, comerciantes e industriais fecharam grandes negócios, a tomarem um aperitivo antes do almoço.

Uma vez ou outra, fui até a zona do baixo meretrício, onde ficavam os cabarés Cai n’água, Isabelão e o Corujão da Meia-Noite. O primeiro, como o nome sugere, ficava na beira do rio Paraguaçu. Quando algum malandro não queria pagar a conta da bebida ou a rapariga, corria e pulava no rio; daí a pitoresca denominação. O nome do segundo era em virtude de a rotunda e matronal madame se chamar Isabel. Nele fazia ponto a Juriti, que tinha esse silvestre apelido em virtude de, algumas vezes, aceitar acoitar-se nas finas areias das moitas do rio, para que o parceiro não pagasse o quarto.

O Corujão, cujo nome usávamos sempre abreviado, ficava aberto a noite toda. Vendia uma cachaça muito ruim, barata, mas sempre aguada ou ‘batizada’, e uma panelada gordurosa, idem na ruindade. Por esse motivo, Cazusa, parafraseando o poema-piada de Oswald de Andrade, dizia com sua tonitruante voz: ‘Cachaça e panelada do Corujão é beber, comer e ir ao chão, vítima de mortal congestão.’

Numa das vezes em que fui ao QG, vi um homem de cerca de quarenta anos de idade, que conhecia de vista, sentado a uma mesa, com dois amigos, a beber cerveja. Era baixote, um tanto gordinho e já ostentava uma acentuada calvície. Falava alto e gesticulava muito, mostrando sinais de que a bebida já começava a fazer efeito. À socapa a canalha o chamava de peito de pombo ou garnisé empavonado. Andava empertigado, como se desejasse aumentar a reduzida estatura. Era um alto funcionário da Fazenda Estadual, e chefiava a antiga Mesa de Renda local.

Não demorou muito, três mulheres, das mais vistosas do ambiente, vieram para a mesa dos três homens. O baixinho colocou uma delas em seu colo, e começou a acariciá-la e beijá-la, com certeza já se preparando para levá-la ao quarto. Sua mesa estava perto de um dos pontos cardeais da rosa dos ventos, estampada no mosaico, no centro do salão.

De súbito, como uma tempestade não prevista pelos meteorologistas, chegou uma linda mulher, a mais linda mulher de Évora, assim considerada por homens e mulheres em voz geral e uníssona. Estava deslumbrante, em seu vestido apertado e um tanto curto. O sapato de salto alto ainda mais realçava o seu porte magnífico. Tinha um belo rosto e curvas estonteantes de legítima Calipígia. Não tinha quem a visse e não lhe admirasse a prodigiosa beleza, digna destes e de outros adjetivos.

Em não programada estratégia, suponho, ficou bem no centro da rosa dos ventos, rosa pisoteada por outra rosa mais bela. Colérica, começou a imprecar de forma incontida contra o marido, que outro não era senão o fazendário baixinho:

–Olha bem, seu cretino, por que tu não faz comigo o que está fazendo com essa cunhã? Por que tu não bebe lá em casa e me coloca em tuas pernas e me beija? Eu sei o que tu merece... Tu merece é que eu te coloque um bom par de chifres! Aí tu vai ver, covarde, se é bom ser enganado.

E continuou por mais algum tempo com a sua arenga e rajada de impropérios. O marido, estupefato e tomado de surpresa, não esboçou a menor reação. Estava no ponto norte da rosa dos ventos, mas ficou completamente desnortado. Quando conseguiu se levantar e caminhar em sua direção, a esposa lhe deu as costas e foi embora em passos apressados. Essa destemperada e violenta demonstração de ciúme parece demonstrar que a bela mulher gostava do marido, e apenas estava a requerer maiores atenções e carícias. Tanto que o baixinho contava aos amigos que a reconciliação fora ‘uma verdadeira delícia, uma segunda lua de mel revista, aumentada e melhorada’.

Eu conhecia essa formosa mulher e lhe admirava o esplendor à distância. Era uma verdadeira deusa da beleza e despertava olhares de admiração em todo mundo. Era uma formosura completa, dos pés à cabeça. Foi a partir da contemplação de seu corpo escultural que eu desenvolvi uma tese que rebatia a do Zé Limeira, chamado o Poeta do Absurdo.

O notável repentista paraibano teria dito estes versos, em sua inocente loucura e genialidade, em homenagem à mulher de seu anfitrião, em noite de cantoria: ‘Cantar para Dona Zefinha / É só isso que me aumenta, / Pois conheço a muié boa / Pelo buraco da venta (...)’ De minha parte, sempre defendi o entendimento de que toda mulher (desde que não seja obesa) que tenha a panturrilha grossa, possui um corpo todo bonito e harmonioso, ao menos do queixo para baixo. Até hoje não tenho visto exceção. Médicos como o doutor Gisleno Feitosa e renomados causídicos têm concordado comigo.

Para que se tenha uma pequena ideia do encanto sem igual da mulher do fazendário, contarei o seguinte: certa vez em que eu participava de um treinamento para o desfile de 7 de setembro, ao passarmos por uma das ruas do centro da cidade, ela estava parada, em pé, numa das esquinas; todos os rapazes de dois pelotões masculinos, como sob o efeito de algum sortilégio, se voltaram para ela, o que pode ter provocado torcicolo em algum deles. Em vez de ela passar em revista a tropa, nós é que a passamos em revista, em completo alumbramento e justa homenagem. Só nos faltou lhe batermos continência.

Todavia, não demorou muito, seja por vingança, seja também por carência, em face da desídia injustificável do cônjuge, a beldade cumpriu a promessa: ornamentou-lhe a testa com um belo e imponente par de chifres. O felizardo foi conhecido malandro e ganhão da cidade. Parece que ela escolheu esse boêmio para dar uma lição no marido, e para

demonstrar que não queria nada a sério com ninguém, mas apenas lhe aplicar um corretivo, para que ele não mais lhe fosse infiel e desdenhoso.

O marido entendeu a advertência. Conseguiu rápida e oportuna transferência para a capital, onde continua com ela, ainda bonita e desejável, apesar da idade.”

Capítulo XXI

Idílio algo bucólico

Marcos, conforme convite e recomendação feitos por Gracinha, após alguns dias, foi ao cabaré Montevideú. Encontrou-a na sala, a conversar com a mãe. Pachola arranjara uma amigaçãõ como uma das mulheres que frequentavam o ambiente, e fora morar numa casinha, distante vários quarteirões, de modo que só aparecia à tarde, para resolver algum problema ou ajudar na arrumaçãõ de mesas e cadeiras.

O rapaz se manteve de forma discreta, a certa distância da madame, que se encontrava bem vestida e com vestígio de haver saído do banho há pouco tempo. Morena clara, de finos e lustrosos cabelos, que lhe desciam ondulados até o ombro, sua pele era fresca, macia, sem manchas, denotando muita limpeza. De seu corpo evolava suave perfume. Seu rosto era bonito, porém de feições regulares, sem nenhum traço de exotismo. De boa estatura, era ainda bonita, mas já começando a dar sinais de que tinha tendência a engordar.

Gracinha e Marcos entretiveram breve conversa. A mulher lhe perguntou acerca de algumas coisas do bairro e de como iam seus estudos. Como se não tivesse muito interesse, simulando certo descaso, indagou-lhe sobre suas paqueras e namoradas. Marcos respondeu que no momento não tinha nenhuma, ao que ela, sorrindo, retrucou:

– Mas não é possível... Um rapaz tão jovem e bonito, e com tantas garotas por aí, esperando por um namorado.

O rapaz, que não era nada bobo, tinha o seu tanto de ator, e se fez de encabulado. Baixou um pouco a cabeça, e fingindo hesitaçãõ:

– Pois é, para você ver, uns com tantas e outros sem nenhuma.

O jovem, alegando que tinha um problema a resolver no centro da cidade, disse que tinha que ir. Gracinha o acompanhou até o alpendre, quando lhe tomou as mãos, como se o toque fosse quase casual. Marcos, ante essa iniciativa, se voltou, e se curvou um pouco, como se lhe fosse dar um beijo convencional de despedida, mas, em premeditado erro de cálculo, lhe tocou os lábios.

Ela correspondeu e o abraçou, mas logo se afastou. O rapaz não insistiu, renovando apenas o tchau de despedida. Ela, com um simpático sorriso, reiterou o seu convite de dias atrás:

– Não se acanhe; volte sempre. De preferência, pela manhã. Você será sempre bem-vindo.

Marcos, para se valorizar, resolveu retornar apenas na semana seguinte, no mesmo horário. Gracinha ficou muito alegre em revê-lo, e disso deu demonstrações com acolhedoras palavras e sorrisos, e lhe ofereceu um delicioso suco de bacuri. Dona

Lurdinha, não se sabe se, por recomendação da filha, ou se captando mensagem em troca de olhar, tratou de deixar a sala, e seguiu para o interior da antiga chácara.

A madame, sentada na poltrona, ao seu lado, começou a afagar a mão direita de Marcos. Às vezes, a beijava e lhe roçava os lábios carnudos e macios em seu dorso e dedos; outras vezes, a colocava entre as suas ou sobre o coração. O rapaz se levantou, tomou-lhe as mãos e a fez se levantar. Abraçou-a e a beijou com intensidade. Após breve intervalo, Gracinha se afastou de seu corpo, contudo sem lhe soltar as mãos. Marcos quis conduzi-la para o quarto que sabia ser o dela, mas sob o pretexto de que sua mãe poderia retornar, simulando recato de casta donzela, a madame o puxou em direção ao quintal, que era cheio de frondosas árvores.

Subiu ao galho baixo de um velho cajueiro, recostando-se no grosso tronco. Marcos subiu até onde ela estava, e começou a acariciá-la com ternura. Voltou a beijá-la com volúpia. Notou, porém, que a mulher, novamente fingindo pruridos de arisca virgem, não deixava que ele lhe encostasse o sexo, vibrante, vivo e intumescido, negaceando o corpo, aceitando-lhe apenas os afagos no rosto e os beijos.

Sequer permitiu que ele lhe explorasse os empinados, rijos e volumosos seios. Marcos se sentiu um poeta árcade, em cenário bucólico, a cortejar sua virginal “pastora”, ninfa dos bosques, musa de seus idílios e de suas odes líricas e castas. Próximo, ouvia-se o canto rascante e melancólico de uma cigarra, e, ao longe, um sabiá soltava seus melodiosos gorjeios.

Capítulo XXII

A serra encantada (I)

“Desde menino a visão da serra me fascinava. Vista de todos os pontos da cidade, parecia um debrum do céu, no sobretom de seu azul diferenciado. Nas manhãs friorentas de inverno, a Serra do Cachimbo parecia cachimbar as névoas pousadas em seu cume; daí o seu nome. Como disse um poeta louco, nostálgico daquele azul esfumaçado, nevoento:

Ao longe, nas manhãs de inverno,

a serra cachimbava suas névoas.

As névoas se misturavam com as nuvens

que rondavam sobre o cume.

Conforme o horário do dia, a serra mudava de cor, tomando as mais diferentes nuances de azul, indo do mais escuro ao mais pálido, intercambiando a opala e a esmeralda quase azulada, em perfeito furta-cor. Ao pôr do sol, era um espetáculo de beleza e suave melancolia ver-se a serra refletida no Lago Galileia, que se transformava em imenso e mágico caleidoscópio, variável conforme as águas estivessem onduladas ou não.

Na primeira metade da década de sessenta, uns aviões esquisitos sobrevoaram Évora durante uma semana, seguindo em direção à serra. Os mais estranhos boatos e especulações surgiram. Uns diziam que uma guerra estava para estourar. Outros afirmavam que os estranhos objetos voadores eram americanos, dotados de modernos aparelhos, e estariam descobrindo e mapeando nossas jazidas de metais e de pedras preciosas, além de areia monazítica.

A revoada aeronáutica durou pouco tempo e logo os boatos cessaram. Mas para sempre me ficou essa lembrança. Não sei se a memória que guardo da forma desses aviões corresponde ou não à realidade. Muitos anos depois, à noite, quando parei minha motocicleta nas imediações da Serra do Cachimbo, vi umas luzes estranhas, no meio da escuridão, a cinquenta metros da estrada e a dez metros de altura. Mas aí já é outra história, que não desejo contar.

Muitas vezes, em minha infância, vi uns clarões na encosta da serra. Na vez primeira, um tanto assombrado e imerso em deslumbramento, perguntei a minha mãe sobre o que seria aquilo. Ela me respondeu que talvez fosse uma queimada de roça ou alguém procurando o tesouro escondido por jesuítas em fuga, há mais de dois séculos. Disse que muitos acreditavam que ela fosse uma cidade encantada; que quando o sortilégio fosse quebrado suas pedras e árvores se transformariam em casas, palácios, templos, carruagens, pessoas e bichos.

Contou-me algumas dessas lendas ou credices do povo simples. Segundo diziam, em lugar esconso e quase inacessível, havia uma furna repleta de objetos de ouro e prata,

como taças, cálices, lampadários, candelabros, ostensórios, rosários, pulseiras, colares e outras joias. Entretanto, quando um homem, dotado de invulgar coragem, tentou recolher esses objetos, foi atingido por forte vendaval, que rugia de forma assustadora no interior da gruta. Também ouviu gritos pavorosos, gemidos, imprecações medonhas, arrastar de correntes, uivos e esturros de animais ferozes. Quando ele conseguiu sair, viu que sua luta e coragem tinham sido em vão. As joias que conseguiu retirar se transformaram em cinza e poeira.

Guardei com muita nitidez uma dessas histórias, que muito me impressionou. Mais tarde, quando planejei escrever as minhas Histórias de Évora, obtive mais informações com os parentes e amigos do protagonista, e eis que a conto agora, algumas décadas depois, não sei se envolta em amálgama de ficção involuntária.

No final da década de cinquenta, o senhor João Galdino foi caçar na região da serra em companhia de uns amigos. Foram os quatro homens num Jeep Willys, do tipo cara alta. Cada um seguiu à procura de uma 'espera', já no final da tarde. Combinaram se encontrar no local onde ficou o carro, por volta das cinco da manhã. Todos retornaram, menos Galdino.

Às seis da manhã, seus companheiros começaram a ficar preocupados, temendo tivesse ele sofrido algum acidente, como queda da árvore, em meio a fatal cochilo, ou que teria sido atacado por algum animal selvagem. Até mesmo picada de cobra ou eventual ataque cardíaco não foram descartados.

Procuraram o companheiro num raio de três quilômetros, tocando fortes e estridentes apitos, mas sem nenhuma resposta por parte de João Galdino. Os caçadores contrataram os serviços de dois mateiros, residentes na região, para que continuassem as buscas no dia seguinte. Deram-lhes quase todo o dinheiro que conduziam, e prometeram pagar-lhes uma boa quantia pelo trabalho, sobretudo se o indigitado companheiro fosse encontrado, morto ou vivo.

Retornaram no final da tarde à cidade, para comunicar o fato ao prefeito, ao delegado de Polícia Civil, ao comandante da Companhia de Polícia Militar e aos seus familiares, para que novas buscas fossem empreendidas nos dias seguintes. Durante mais de uma semana foram feitas expedições à procura de João Galdino, mas sem a obtenção de nenhuma notícia sobre o seu paradeiro. Todos o deram como morto.

Três meses depois um homem desconhecido, de barba longa e esquelética, bateu à porta de sua família. Sua aparência denotava sujeira, e suas roupas estavam em frangalhos e encardidas. Trazia feridas e arranhões em certas partes do corpo, com certeza produzidos por pedras e espinhos.”

Capítulo XXIII

A serra encantada (II)

“O homem de barba longa, de face tostada pelo sol, após bater palmas e gritar, por duas ou três vezes ‘oi de casa’, foi recebido pela dona do imóvel e dois filhos, um adolescente e uma moça. Sem delongas, foi logo dizendo:

– Parece que vocês não estão me reconhecendo... Sou João Galdino e vocês são minha mulher Dulce, minha filha Joana e meu filho Gonçalo. Tive uns problemas na serra, que depois irei contar. Me perdi e só agora estou de volta, cinco dias depois de minha saída pra caçar. Vim a pé, pois não encontrei mais meus companheiros.

O homem se assustou com a sua aparência, quando se viu num espelho. Quando lhe foi informado que saíra de casa há três meses, e que já era dado como morto, ficou deveras perplexo. Em seguida narrou uma estranha e longa história, já com a presença de dois vizinhos, que foram chamados. Só lhe deram algum crédito porque nunca se ouviu falar que ele tivesse mentido alguma vez. Seguirei fielmente o que ele contou.

Ao se separar de seus colegas caçadores, afastou-se da estrada carroçável, entrando na mata cada vez mais cerrada, até um altiplano na encosta da serra, onde a floresta era menos densa, e havia uma clareira, ao longe, na qual ele avistou um objeto grande, de formato arredondado. Embora a mata fosse rala, não o distinguiu direito. A curiosidade o impulsionou em sua direção. Com certo temor, caminhou com muita cautela, procurando não fazer barulho, e ocultando-se atrás de árvores e moitas.

Em dado momento, foi acometido de repentino e irresistível sono. Quando voltou a si, estava no que considerou ser o salão de um palácio, porém diferente dos que já vira em filmes, retratos e ilustrações. O recinto era cheio de teclas, luzes e botões. Em certos locais parecia o painel de um carro luxuoso ou de um avião comercial, conforme já vira em revistas, mas com muitas diferenças.

Os materiais de que era feito esse salão pareciam estranhos, pela textura, cores e brilho. Alguns eram tão flexíveis ou diáfanos, que tinham o aspecto de sombras ou coisas quase imateriais. Estava deitado numa espécie de cama ou maca. Uns aparelhos ou instrumentos apontavam para ele. Todavia, não estava ligado a nenhum, pelo menos por fios.

Estava ladeado por três seres, que aparentavam ser duas mulheres e um homem. Suas feições e cor eram um pouco diferentes das encontradas na Terra. O corpo era muito esbelto, mais alto e mais retilíneo que o dos seres humanos. Os dois seres, que considerou do sexo feminino, tinham dois seios e quadris mais proeminentes. Em lugar de cabelos, tinham uma espécie de carapaça, algo semelhante a um capacete. Ou talvez a carapaça fosse mesmo um capacete.

Vestiam uma espécie de túnica volátil, esvoaçante, inconsútil. Essa vestimenta parecia não provocar nenhum incômodo ou constrangimento, conquanto fosse um tanto

ajustada ao corpo desses estranhos seres. Se deslocavam suavemente, como se deslizassem ou levitassem, mas com extrema rapidez. Contudo, tinham pernas e pés. Após o que ele considerou ser um breve tempo, foi interrogado por eles, não por palavras, mas exclusivamente através do pensamento. Galdino lhes entendia o pensamento, e eles compreendiam o seu, sem necessidade de sons ou palavras. Talvez existisse a intermediação de algum aparelho tradutor de pensamento.

De súbito, sentiu um sono profundo, e não sabe o que aconteceu depois. Quando voltou a si, estava deitado no mesmo lugar em que dormira anteriormente. A única diferença é que havia uma esfera em sua mão, de material jamais visto em nosso planeta. Não se sabe se era feita de pedra preciosa ou de metal, ou de uma substância fabricada em outro planeta.

João Galdino ficou desorientado e se perdeu na serra. Parece que andou em círculos, por cerca de três dias, ferindo-se em pedras e espinhos, e dormindo ao relento, no frio intenso das madrugadas serranas. Perdeu também a noção do tempo, apesar de achar que saíra de casa no dia anterior. Passou frio, sede e fome, mas nunca perdeu a esperança, e por isso nunca pensou em desistir.

Após muito andar, encontrou um pequeno regato. Resolveu lhe seguir o curso correnteza abaixo. Terminou encontrando uma palhoça, onde moravam um casal e quatro filhos, em completa pobreza. Como já era quase noite, dormiu nesse casebre. No dia seguinte, o caboclo o conduziu até a estrada, que levava a Évora. Deu ao matuto o pouco dinheiro que trazia, e marchou em busca de sua casa e de sua família.

Muitas pessoas acharam que tudo não passava de um sonho, e que Galdino o tomara como sendo uma realidade. Outras, cétricas, diziam que ele tivera uma loucura momentânea e passageira. A maioria, entretanto, era de opinião que ele encontrara uns alienígenas e fizera uma viagem espacial a outro planeta, fora do sistema solar. Contudo, os que defendiam a tese do sonho ou da loucura não sabiam explicar o lapso do tempo que Galdino passara fora de sua casa. E muito menos tinham explicação sobre o material, jamais visto, de que era feito o pequeno globo que ele trouxera.

Décadas depois, numa roda de intelectuais e boêmios eborenses, o advogado Aauto Pessoa defendeu a tese de que a esfera não passava de uma fraude, pois nunca se ouvira falar de que ETs deixassem algum objeto com as supostas pessoas contatadas. Arrematou dizendo que nem mesmo a cantora Elba Ramalho, que afirmava haver sido abduzida algumas vezes, trouxera algum objeto comprobatório.

O rábula Possidônio Vogado, que gostava de se contrapor à empáfia de Aauto, obtemperou:

– Ilustre colega, o Galdino foi abduzido por ETs do bem; quiseram demonstrar que não queriam lhe fazer qualquer mal. Por isso, deixaram essa esfera para sinalizar nesse sentido, como se nos mandassem uma mensagem.

O advogado franzira o cenho, em sinal de contrariedade, quando foi chamado de colega pelo provisionado, afinal este não tinha canudo de bacharel. Para não entrar em disputa com quem considerava inferior, tratou de mudar logo de assunto.

Hoje, após ter lido sobre a teoria da relatividade e ter assistido a filmes de ficção científica, acredito que ele foi mesmo abduzido, e levado em viagem espacial, naquilo que chamamos disco voador ou óvni, a um planeta distante, em velocidade quase igual à da luz, donde a distorção no tempo entre ele e os que ficaram na Terra.

Acredito nisso porque Galdino nunca perdeu a lucidez nos anos que se seguiram, e jamais foi flagrado em mentira ou contradição. E porque vi as estranhas luzes a que já fiz referência. A inexplicável esfera é uma prova desse contato imediato de quinto grau.”

Capítulo XXIV

Melancólica despedida

Uma ou duas vezes por semana, Marcos aparecia no cabaré de Gracinha. Quando ela não estava na sala ou no alpendre, o rapaz notava certa má vontade de Lurdinha, sua mãe, como se em seu íntimo não lhe desejasse a presença. Existia mesmo certa antipatia recíproca. Ele também não morria de amores pela “velha bruxa”, como a chamava em pensamento. Mas quando Gracinha chegava, afável e risonha, o cenário parecia mudar, e até Lurdinha fingia lhe ter simpatia.

Após algum tempo, os dois iam para o quintal. A rapariga o tomava em seus braços, e se tornava pródiga em afagos, carícias e ternura. Aliás, ela se tornava, com o passar do tempo, cada vez mais meiga e amorosa. Contudo, Marcos já estava ficando enjoado desse namoro pudico com uma meretriz, e sempre tentava ir “às vias de fato”.

Gracinha, porém, com muita perícia se esquivava, o que deixava o jovem ainda mais fremente e ansioso. Entretanto, parecia ser isso o que ela desejava, valorizar-se com essas esquivanças e negaças, e fazê-lo ainda mais apaixonado. O rapaz, já com alguma experiência prática e por via de leituras especializadas, sabia dessas intenções, e no começo não se enfadava com isso. Chegava a ter certo prazer nesse jogo amoroso.

Contudo, achava que isso já estava se tornando um tanto enjoativo e prolongado em excesso. Afinal, a madame transava com qualquer homem que a sustentasse ou a remunerasse bem; por que não ia aos “finalmente” com ele? Por que ficava nessas infundáveis preliminares com ele, que sequer eram preliminares, mas apenas um namoro com certo recato de donzela virgem?

Talvez, como uma espécie de compensação psicológica ou coisa que o valha em psicologismo romanesco, ela, nesse namoro, quisesse recordar os seus tempos de adolescente “encabaçada” e pura. Ou talvez pensasse que se Marcos a possuísse iria achá-la igual a todas as outras raparigas, e fosse logo se cansar dela; a não lhe ter mais ternura e respeito, como demonstrava ter, ou pelo menos o fingia de forma convincente.

Já na idade madura, Marcos leu um poema, salvo engano de Goethe, em que uma mulher prolongava o momento de permitir a penetração, para que o seu homem ficasse por mais tempo ardendo de desejo por ela. Essa fêmea sabia que o seu macho, ao se saciar, já não lhe daria a mesma importância de antes da fornicação e do gozo. Esse texto lhe fez lembrar as manhas e artimanhas de Gracinha, as suas carícias mais ternas, mais etéreas, os seus avanços, recuos e negaças de puta ardilosa, que desejava tirar onda de santinha do pau oco.

Um dia, de chofre, talvez para testar seus sentimentos e reação, Gracinha lhe deu a notícia de que iria se mudar para longe, para o Bairro Floresta, do outro lado do Paraguaçu. Não lhe deu o motivo dessa mudança. Segundo notava, ela não gostava de

pedir favores e muito menos se queixar. Agia com profissionalismo, tanto na administração do prostíbulo como no trato com as raparigas e os clientes.

Marcos ouviu comentários contraditórios. Uns diziam que o proprietário do imóvel não quisera renovar o contrato ou pedira um valor exorbitante. Outros diziam que um alto comerciante lhe propusera tê-la como teúda e manteúda, desde que ela fosse exclusividade sua e se mudasse para o Bairro Floresta, onde ficaria num imóvel de sua propriedade. Prometera lhe doar esse sítio, caso se mantivesse fiel, durante o tempo em que mantivessem a mancebia.

O novo ponto de Gracinha ficava a aproximadamente três quilômetros da casa de Marcos, na periferia da cidade, quase no início da zona rural. Duas semanas após a mudança, o rapaz foi visitá-la no novo endereço. Mais uma vez constatou a antipatia de Lurdinha, que foi logo lhe dizendo, sem cumprimentá-lo:

– A Gracinha está no quarto, dormindo.

Não fez a menor insinuação de sorriso, e muito menos o convidou a se sentar. Tampouco puxou conversa. Marcos se sentiu chateado, mas entrou na sala e se sentou. Afinal, não queria que os três quilômetros que percorrera em sua velha e pesada bicicleta da marca Bristol fossem em vão. Quando a “velha bruxa”, por não revelado motivo se ausentou, Marcos entreabriu a porta do quarto em que estava Gracinha. Sentou-se na cama, ao seu lado, e tentou abraçá-la e afagá-la. Ela correspondeu por um breve instante, mas logo se levantou, algo nervosa, e disse de forma firme, quase ríspida:

– Não, Marcos, peço que vá embora. Estou esperando o Feitosa. Ele pode chegar a qualquer momento. Peço, por favor, que não volte mais, pois ele sempre chega em momentos inesperados, e pode haver olheiros entre os vizinhos.

O rapaz se sentiu um tanto ofendido e frustrado. A frustração se devia ao fato de nunca haver conhecido Gracinha, no sentido bíblico do termo. Por isso mesmo, decidiu que na semana seguinte voltaria. Pretendia manter relação sexual com ela, e dela se afastar para sempre, de forma digna e sem melodrama. Não desejava criar-lhe nenhum tipo de problema, e nem tampouco ter aborrecimento com o comerciante, que tinha uns bajuladores e capangas.

Conforme planejara, retornou na semana seguinte, na sua velha Bristol. Era um dia de quarta-feira, feriado, final de tarde, já quase escurecendo. Não encontrou ninguém na sala. Foi até o quintal, onde havia umas árvores frondosas. Debaixo de uma mangueira notou que estava havendo uma bebedeira, com a participação de homens e mulheres.

Viu Gracinha curvada, a beijar um velhote gordo, de enorme papada, escacholado, quase a cair da cadeira. Havia uma quantidade enorme de garrafas de cerveja, e tanto os homens como as mulheres riam e falavam alto, denotando os efeitos do álcool. Travessas e pratos de comida guarneciam a grande mesa de madeira. A vitrola tocava um bolero em alto volume.

Marcos demorou um pouco. Viu que Gracinha percebera sua presença. Triste e decepcionado, se afastou do local, em passos lentos. Quando atravessava a sala, para sair, foi alcançado pela mulher, que o agarrou e tentou beijá-lo, já com fortes sintomas de embriaguez, a exalar o hálito amargo da bebida, que lhe pareceu repulsivo.

– Marcos, não vá agora. Não fique com raiva de mim. Eu te amo. Da próxima vez, eu vou deixar você me comer. Vou fazer tudo o que você quiser, do jeito que você desejar, mas não fique com raiva de mim.

O rapaz fixou bem o rosto de Gracinha. Mais do que mágoa, raiva ou frustração, sentiu tristeza e pena dela. Seus olhos úmidos estavam avermelhados pelo excesso de bebida. A boca suja de farofa e da baba gosmenta do velho lhe provocou uma espécie de asco. Marcos a repeliu, sem violência, mas com bastante firmeza, até sentá-la no sofá.

Pedalou forte, para se afastar com rapidez. Ainda ouviu, quando dobrava a curva do caminho, através da vitrola possante, em melodramático diálogo musical, o vozeirão do cantor implorar: “Não se vá!” E a voz suave da cantora, mais trágica ainda, rebater: “Estou partindo porque sei / Que você já não mais me ama...”

Capítulo XXV

A matrona de Évora

“Na minha infância, aos domingos, quando eu ia com meu pai participar da missa da manhã, para depois assistirmos à sessão matinal do Cine Galileia, vi algumas vezes dona Ângela Fontenele sentada na larga calçada de seu vetusto sobrado solarengo. Simpática, gentil, sempre com um sorriso nos lábios, cumprimentava todos os passantes. Às vezes nos dirigia breves palavras. Aprendeu meu nome. Certa vez disse, talvez para aumentar minha autoestima:

– Para onde você vai, Marcos, tão bonito, tão bem vestido? Parece que vai a um baile, ou então se encontrar com alguma namoradilha...

Fiquei encabulado e nada respondi. Meu pai respondeu por mim:

– Vai pra missa, aprender a rezar, e depois vai assistir a um filme de faroeste, com Giuliano Gemma.

– Ah, muito justo. Como vai dona Rita? Estimo que esteja bem, nunca mais tive o prazer de encontrá-la.

– Vai bem, obrigado, dona Ângela. Só que sempre muito ocupada com os afazeres de mãe e dona de casa.

Ângela Fontenele era uma mulher alta, considerando-se a época e a região. Na juventude, segundo soube, era esbelta, conquanto não fosse magra. Comentava-se que havia sido uma muito bela mulher, alva e loura, de olhos claros, verde-azulados. Descendia de franceses, que se fixaram na lbiapaba. Com o tempo, tornara-se um tanto corpulenta, mas não gorda, o que lhe dava uma imponência de matrona romana. Vestia-se com elegância, mas sempre com sobriedade, de modo a jamais afrontar a pobreza de quem quer que fosse. Sua voz era suave, audível, porém nunca elevada.

Morreu quando eu tinha uns quinze anos de idade, ou um pouco menos, já não sei ao certo. Teve, creio, uma morte suave, discreta, sem sofrimento e sem testemunhas. Faleceu à noite, em sua cama. A empregada, de manhã, quando foi chamá-la para o café, já que ela não viera espontaneamente para a enorme mesa de refeições, como era seu costume, a encontrou morta. Seu velório e cortejo fúnebre foram o de maior acompanhamento de que já se teve notícia. A igreja matriz ficou lotada durante a missa de corpo presente.

Provocado por minha curiosidade e consequentes perguntas, meu pai, aos poucos, foi me contando a vida de dona Ângela. Também fui sabendo de outros pormenores através de diversas pessoas. Sem dúvida, sua vida dava um romance, porque fora um verdadeiro romance, a que não faltou um pouco de picaresco e de tragédia. Irei resumi-la, o máximo que me for possível.

Seus avós e parentes eram retirantes, fugidos da Ibiapaba, por causa de terrível seca, que assolou a região, no final do século 19. Passaram a morar em Évora, com ânimo definitivo; afinal haviam vendido tudo que possuíam na Serra Grande. Seu avô, gracejando, dizia que em Évora poderiam até morrer de fome, por preguiça, mas jamais de sede, pois que ali havia o grande lago Galileia e o caudaloso Paraguaçu. A sua graciosa e querida Viçosa perdera o viço naquela seca medonha.

Quando Ângela completou catorze anos, e a sua beleza começou a esplender com muita intensidade, entrefechado ou entreaberto botão de rosa, como cantou, em versos nada originais, enfatuado vate eborense, o rico comerciante Constantino Cardoso, que recentemente ficara viúvo, a pediu em casamento, através de seu pai. Não me deram detalhes sobre essas tratativas.

Mas o certo é que Constantino, além de sua sortida loja de tecidos e de grande mercearia, tinha um enorme armazém atacadista, que fornecia produtos comestíveis, higiênicos e de limpeza aos pequenos comércios a varejo, entre os quais bodegas, bares, lanchonetes e botecos. O pai de Ângela sustentava a família com sua pequena mercearia, localizada no bairro Rabo da Gata, nas imediações do lago Galileia. Abastecia seu pequeno comércio graças ao crédito que possuía junto ao grande empório de Constantino. Algumas vezes atrasava o pagamento, que deveria ser mensal, mas o proprietário, condescendente, lhe dilatava o prazo.

Dizem que Ângela, a princípio, se opôs ao casamento, por achar Constantino feio, rude e muito velho para ela. Relutou, relutou, mas acabou aceitando, em face dos argumentos e da insistência dos pais. Faria esse sacrifício para o bem de sua família, sobretudo pais e irmãos. Os boatos diziam que até a saúde do opulento comerciante, que não era boa, e a sua expectativa de vida, que parecia curta, foram levadas em conta. Consta que o rico comerciante, antes do casamento, de forma dissimulada, passou alguns bens e dinheiro para o futuro sogro, que atravessava percalços financeiros.

Os seus parentes, irmãos e sobrinhos, posto que ele não tinha filhos, foram radicalmente contra o casamento, mas Constantino impôs sua vontade férrea e se casou civilmente com a bela adolescente. Foi magnífica a cerimônia religiosa, realizada na matriz de São Gonçalo. Ângela estava deslumbrante em seu vestido de noiva, cravejado de pedras preciosas, com a sua linda grinalda, de ricos bordados e rendas, tudo feito pela mais afamada modista da capital. Foram residir no suntuoso palacete, onde ele morara com sua falecida mulher, no centro histórico de Évora.

Não se passou um mês, quando estourou a notícia de que Constantino morrera. Os parentes levaram ao delegado a suspeita de que ele poderia ter sido envenenado, afinal era um homem muito rico e alguém seria beneficiado com a sua herança, ainda mais que a morte fora súbita, sem que ele estivesse acometido de alguma doença.

A autoridade policial, por descarrego de consciência e para se eximir de futuras responsabilidades, mesmo não se tratando de morte acidental ou violenta, fez sumária investigação e diligências, inclusive exigindo laudo médico, assinado por uma junta. Não se constatou o menor indício de homicídio ou de envenenamento. Apenas foi

encontrado, na prateleira superior de um armário, um frasco de um litro, contendo uma bebida, que se apurou ser de ervas, sem dúvida para fim medicinal ou afrodisíaco.

Começaram a surgir os mais desconhecidos boatos na cidade. Alguns diziam tratar-se de uma 'garrafada', verdadeira panaceia, produzida pelo Gonçalo Rezador. Gonçalo, ao fazer as suas orações, umedecia o rosto, as mãos e o peito do doente com um molho de vassourinha, que ele molhava numa bacia de suposta água benta. Também fornecia suas famosas 'garrafadas'. O doente lhe dava o quanto podia e queria. Às vezes o pagamento era feito por meio de produtos, como cereais, capões, ovelha, etc.

Outros, mais realistas ou mais maledicentes, chegaram a afirmar que a bebida era um produto afrodisíaco, feito de exóticos ingredientes, que, pelo uso excessivo durante a lua de mel, terminara por envenenar Constantino. Por cúmulo de maldade, alguns levantaram a hipótese de que Ângela, industriada por sua família, poderia ter adicionado algum tipo de veneno, que não deixava vestígio, à 'garrafada'. O suposto afrodisíaco teria sido preparado por um mandingueiro, residente depois do Bairro Floresta. Mas nada disso foi comprovado.

Seja como for, o certo é que os irmãos de Constantino entraram com um processo, invocando a legislação e a jurisprudência vigentes na época, para anular o casamento, sob as alegações de que o comerciante já estava senil e não possuía juízo perfeito na época das bodas, pois já estaria caduco, e que o casamento não se consumara, posto que Ângela continuaria virgem.

Acrescentaram ainda que as núpcias teriam sido apenas um ardil, uma fraude, para que a adolescente e sua família se apropriassem da riqueza do 'de cujus'. Os mais detalhistas, fora dos autos, chegaram a dizer, em linguagem chula e desabrida, que a precária (se é que ainda existia alguma) ereção do comerciante seria insuficiente para romper o hímen de uma cachopa nova e acochada como a viúva.

Devidamente citada para se defender, Ângela contratou os serviços do mais brilhante advogado da cidade, Antenor Vasconcelos, formado na famosa faculdade de Direito do Recife, solteiro, e considerado pelas moças casadoiras de Évora como um bom partido e como um belo tipo de homem.

Em seu bem localizado e bem mobiliado escritório, o causídico conversou longamente com a sua constituinte sobre os fatos alegados pelos autores, inclusive sobre a vida conjugal e íntima dela com seu falecido esposo. Dizem que o doutor Antenor Vasconcelos saiu encantado com a juventude e com a inefável beleza de Ângela, então na flor de suas quinze primaveras, mas já revelando um caráter forte, decidido, ornado por bela inteligência e sabedoria de vida. De fato, ela demonstrava ter muito discernimento e maturidade para a sua idade. Seu sinuoso corpo ainda desabrochava para mais incisiva beleza, a plena beleza do auge da mocidade.

Na contestação, o advogado disse que tudo que a inicial afirmava não passava de mentiras e aleivosias; que a peça estava eivada de maledicências, sem nenhuma prova e sem nenhuma possibilidade de comprovação; que o laudo cadavérico e a sindicância

realizada pela autoridade policial não comprovaram absolutamente nada. Era, portanto, inepta e estapafúrdia a petição inicial, pelo que pedia o seu imediato arquivamento.

Não se sabe ao certo se movido por maliciosa curiosidade ou se porque achasse a diligência relevante para o deslinde da causa, o digno representante do Ministério Público requereu perícia médica para comprovar se Ângela fora ou não deflorada pelo marido, cuja impotência para o coito fora arguida na inicial. Essa providência foi prontamente deferida pelo magistrado. Antenor teve nova e secreta conversa reservada com Ângela. Dizem, aliás, que bastante longa, e a portas fechadas. Não mais voltaram a se encontrar sem que houvesse testemunhas.

Imediatamente, ele ingressou com um requerimento, no qual pedia ao juiz para reconsiderar seu decisum; não foi atendido. Manejou, em tempo hábil, recurso para o Tribunal de Justiça. Cinco meses depois a corte o indeferiu. No mês seguinte Ângela foi submetida à perícia, na forma da lei, inclusive com a participação de assistentes indicados por ambas as partes.

Foi constatado que ela não era mais virgem. Todavia, os peritos não souberam responder a dois quesitos, que eram considerados fundamentais pela parte autora e pelo promotor de Justiça. Não souberam precisar a data do defloramento e nem quem o teria praticado. Portanto, em decisão fundamentada, a Justiça presumiu que ele teria ocorrido logo após as núpcias e que o seu autor só poderia ter sido o falecido marido da periciada.

Meses depois Antenor e Ângela se casaram, em cerimônia discreta, sem festa, e com poucos convidados. Para sempre os eborenses ficaram com a dúvida sobre quem teria efetivamente desvirginado a matronal dona Ângela.

A maioria, contudo, acreditava que o seu defloramento teria sido a única chicana perpetrada pelo notável, competente e conspícuo Dr. Antenor Vasconcelos, que depois veio a ser um dos melhores prefeitos de Évora.”

Capítulo XXVI

Amor sem esperança

Marcos aprendera a dizer versos de improviso. Adquirira essa habilidade, vendo, vez ou outra, os violeiros em seus repentes na feira livre, no lado externo do mercado público. Comprava, de vez em quando, alguns folhetos de literatura de cordel. Com o seu vocabulário bem acima da média, sobretudo levando-se em conta que ele ainda era adolescente, tinha certa facilidade para rimar e não se lhe podia negar ter algum talento para o improviso, cujo dom ele não levava muito a sério, e por isso quase não o exercitava.

Chegou mesmo, numa cantoria, na casa de uns conhecidos, no subúrbio, a participar de um “desafio”, com certo desembaraço, embora tenha reconhecido, no próprio repente, que o cantador adversário lhe era superior, o que nunca acontecia nos blefes e nos hiperbólicos autoelogios dos cantadores profissionais, que por vezes tinham rasgos “condoreiros”, como era o caso de Rogaciano Leite. Não mais teve coragem de enfrentar esse tipo de embate, e passou a nutrir profunda admiração e respeito por esses poetas populares.

Por simples brincadeira, Fabrício, Mário Cunha e outros amigos lhe propunham motes ou temas, para que improvisasse alguns versos rimados a título de glosa. Certa vez, quando passavam perto do Armazém Confiança, do senhor Abdias, Fabrício argumentou, para provocá-lo:

– Marcos, você já notou que nada muda nesta cidade, que é sempre a mesma rotina. Sempre o mesmo sempre velho e tedioso. Sempre o seu Abdias fica com essa amplificadora velha, fazendo as mesmas propagandas mequetrefes, dizendo sempre as mesmas coisas com a sua voz fanhosa...

Não perdeu Marcos a oportunidade de desovar mais um de seus repentes:

– Mudam as noites, e mudam os dias, só não muda a enfadonha voz do senhor Abdias.

Como Marcos tivesse falado alto, no momento em que a amplificadora silenciara, o comerciante ouviu o epigrama, e gritou ao microfone, enfurecido, de modo que todos ouvissem:

– Marcos, você agora virou um moleque, a fazer gaiatices e deboches? Vou contar a seu pai, que é um homem de bem, para ver se ele lhe ensina a respeitar os mais velhos. Você, um rapaz inteligente e estudioso, agora fica a fazer esses versos de pés quebrados e sem pés nem cabeça, a zombar dos outros!...

Os dois amigos trataram de se afastar logo do local, em passos apressados. Marcos passou a ser mais cuidadoso com os seus versos, para não ferir a suscetibilidade de ninguém. Seus pais sempre o advertiam para ter respeito para com os mais velhos, e não tripudiar sobre os defeitos físicos ou morais de quem quer que fosse. Afinal, todos

somos humanos, todos temos os nossos defeitos e fraquezas, todos temos o nosso calcanhar de Aquiles e os nossos pés de barro.

Marcos gostava de ficar à tarde em um posto de combustível, perto da Praça da Rodoviária, para ver as normalistas passarem, na ida para a Escola Normal, ou quando retornavam. Eram jovens, cheias de graça, cheias de vida e de esperança, e tudo lhes sorria. A farda tinha saia azul e blusa branca. Isso lhe fazia lembrar a música de Nelson Gonçalves, verdadeiro poema da Velha Guarda, muito cantada nas serestas e nas libações: “Vestida de azul e branco / Trazendo um sorriso franco / No rostinho encantador...”

Algumas eram belas, de rosto e de corpo. E ele as olhava com encantamento e saudável cobiça. Algumas lhe retribuía o olhar embevecido. Quase todas eram um pouco mais velhas que ele, e já tinham noivos ou namorados fixos. Uma delas, mais atrevida, encarava o seu olhar, e sorria. Tempos depois, através de Fabrício, Marcos fez amizade com um irmão dela. De vez em quando tomavam uns porres na casa desse rapaz.

A normalista incentivava Marcos a dizer os seus poemas. Elogiava-os com muito entusiasmo, sorrindo e batendo palmas. Disse-lhe, quando estavam a sós, que ele se parecia com famoso galã de telenovela, por quem as moças da época suspiravam. Era três anos mais velha que Marcos, o que, no albor da mocidade e na época preconceituosa de então, representava uma significativa diferença. Além do mais, era noiva de um acadêmico de Direito, de família abastada, que estudava na capital, com quem mantinha um namoro morno, insípido, formal, à vista de todos, fosse na sala da casa paterna ou na calçada que dava para a rua movimentada. O futuro bacharel era respeitoso; aliás, excessivamente respeitoso para o gosto da noiva, ardente em sua virgindade estoica.

Era um amor sem esperança, uma doce ilusão, fadada a se desfazer com o seu casamento. Após alguns tragos, quando Marcos já estava mais desinibido, a moça lhe pedia para recitar alguns versos de sua autoria. Ela o aplaudia com muita intensidade e com palavras de vívido entusiasmo, como só ela sabia fazer. Após algum tempo, o rapaz fingia ter sede, e pedia para essa boa e linda samaritana lhe dar o que beber.

Acompanhava-a até a cozinha, onde ficava a geladeira. Mas a sede do jovem não era de beber; estava sedento da taça dos lindos lábios da moça. A sós, lhe sussurrava Marcos ao ouvido os versos de Vespasiano Ramos, que decorara ao ler surrada antologia de sonetos de seu pai: “Sou perseguido pela sede insana / Do amor que anima e que nos faz sofrer: / Tenho sede demais, Samaritana / Tenho sede demais: quero beber!”

Ambos se beijavam e se abraçavam com sofreguidão, quase com loucura e desespero, como se os corpos abraçados e abrasados quisessem se trans/fundir um no outro. Ela mergulhava os seus olhos grandes, castanhos, apaixonados, prenhes de mistério e sortilégio, nos olhos verdes de Marcos, onde boiava tímida esperança, mesmo ante o naufrágio, que era certo.

Sabiam que o tempo seria muito curto, e logo teriam que retornar à sala. Sabiam que era um amor sem esperança, em face da idade de Marcos e do compromisso da moça. Era apenas uma doce ilusão, nada mais. Um frágil, furtivo e efêmero encantamento, que sequer podia se mostrar à luz do sol.

Capítulo XXVII

O voo do Pardal

“Entre as figuras mais notáveis de Évora se destacava o Eugênio. Eugênio Dantas. Fazia jus ao nome. Era um legítimo gênio eborense. Tinha dois ou três anos a mais que eu. Dominava todas as matérias, desde as de Humanidade, como História e Geografia, até as de Ciência, tais como Biologia, Física e Química. Matemática, então, era a sua disciplina predileta. Memória prodigiosa, decorava nomes e datas com facilidade, inclusive as escalas dos principais times brasileiros. Era ainda exímio desenhista e pintor. Foi ele quem idealizou e pintou o escudo do Liceu Eborense. Disso lhe adveio o apelido de Professor Pardal, que depois foi reduzido para Pardal.

Dentre os seus livros, lia com frequência um sobre os grandes inventores, bem como as biografias de Santos Dumont, Thomas Edison e Leonardo da Vinci. De grande habilidade manual, seus papagaios ou pipas se destacavam, tanto pela beleza como pela perfeita aerodinâmica. Em diferentes tamanhos e formatos, alguns imitavam aviões, navios, igrejas, sobrados e discos voadores. Um desses artefatos imitava o famoso 14 Bis de Santos Dumont.

Passou a construir objetos que se moviam ou voavam, com o uso de pólvora e bexigas ou balões, que funcionavam como turbinas de jatos, a impulsionar a geringonça. Num desses experimentos, saiu chamuscado, mas sem gravidade. Certa feita, na época do lançamento da Apollo 11, construiu um foguete, que soltou na praça central.

A engenhoca, impulsionada a pólvora, subiu com considerável rapidez, mas sem controle terminou caindo sobre o sobrado do major Américo Nepomuceno. Foram quebradas algumas telhas, fato que provocou grande descontentamento ao proprietário. O prejuízo foi pago pelo pai de Eugênio. O inventivo professor Pardal o ajudava em sua oficina de eletrotécnica, a de maior clientela do município.

Na época dos festejos juninos, Pardal, com a ajuda financeira de amigos e de pessoas gradadas da sociedade eborense, construía os maiores e mais belos balões, que encantavam as noites eborenses. Todos os rostos se voltavam para cima, para acompanhar os lindos objetos luminosos. Todavia, desde quando um desses balões caiu sobre um pequeno quintal, provocando diminuto incêndio, logo debelado, graças aos moradores e vizinhos, Eugênio não mais os construiu.

Passou, então, Pardal a alimentar outro sonho, que era o de construir uma espécie de asa delta para sobrevoar a Serra do Cachimbo. Seu pai, quando soube desse plano, o repreendeu severamente, e o advertiu para que jamais fizesse uma loucura desse tipo. Entretanto, o pai cada vez dependia mais de sua ajuda, e, conseqüentemente, para incentivá-lo a prestar-lhe serviço, aumentava aos poucos a sua mesada.

Contudo, o rapaz tinha as suas crises emocionais. Tornava-se cada dia mais ensimesmado, mais introspectivo, no seu sonho de se tornar um engenheiro eletrônico,

com o que seu pai não concordava, porquanto desejava que ele o substituísse, no futuro, em sua oficina, mesmo que dividissem o lucro. Mas o fato é que o jovem tinha seus períodos de depressão, que na época as pessoas chamavam apenas de tristeza ou de esquisitice. Embora nunca o seu problema tenha sido diagnosticado por um psiquiatra, suponho que ele começou a ter uma progressiva esquizofrenia, que nunca teve tratamento.

A verdade é que ele, utilizando o galpão da quinta de um amigo, iniciou a construção da sua asa delta. Seguiu como modelo as que via nas ilustrações das revistas e livros, e também num filme de espionagem. Calculou a escala entre o tamanho do piloto e a asa. Após, fez a proporção entre o seu próprio tamanho e o de seu artefato planador. Construiu-o desmontável, dividido em três partes, que se encaixavam com segurança e perfeição.

Certo dia, às nove horas de uma manhã de domingo, Pardal apareceu na quinta a dirigir a perua Rural de seu pai, que em raras ocasiões lhe era cedida. Da melhor maneira possível, acomodou o artefato supostamente voador no carro. Seu amigo não estava, de modo que quem lhe abriu a porta do galpão foi a dona da casa, que não lhe fez nenhuma pergunta, por nada estranhar, na suposição de que o objeto fosse um enorme papagaio.

Quando deram duas horas da tarde, sem que Eugênio aparecesse para o almoço, seus pais começaram a se preocupar. Visitaram os amigos mais chegados do rapaz, mas nenhum soube dar qualquer notícia sobre o seu paradeiro. Um deles, todavia, informou que ele nos últimos tempos vinha tendo muito contato com um garoto residente numa quinta localizada na periferia da cidade. Deu o nome do rapaz e de sua mãe. O pai de Pardal, em companhia de um amigo, foi até essa residência.

Lá ficaram sabendo do projeto da asa delta artesanal e de que ele a recolhera. O amigo de Pardal ainda informou que ele tinha o sonho de sobrevoar a serra. Pretendia saltar do despenhadeiro chamado Boqueirão dos Ventos. Era um lugar visitado por alguns eborenses, embora ainda não pudesse ser considerado como ponto turístico, porque de lá se contemplava uma linda paisagem, com outros morros e paredões em derredor, que formavam um semicírculo, algo semelhante a um imenso anfiteatro, cujas gradações cromáticas, conforme a vista se alongasse ou não, variavam do mais tênue verde azulado ao mais profundo azul. Nas manhãs invernosas, em que o caburé com frio piava, piava, as névoas proporcionavam um mágico espetáculo.

Havia uma espécie de obelisco rochoso no centro do vale, aos pés do qual se descortinava um verdejante tabuleiro, forrado de capim mimoso e arbustos, que bem poderia servir para um pouso de emergência. O rapaz acrescentou que o plano de voo de Eugênio incluía o retorno ao ponto de partida, que tinha a estrada e era um planalto descampado, o que lhe facilitaria o pouso. Sem dúvida o carro estaria nas proximidades desse local.

Como já fosse noite era impossível a busca imediata. Porém, no dia seguinte, policiais, amigos e parentes de Eugênio foram à sua procura. Logo avistaram a Rural, estacionada

perto do abismo do Boqueirão dos Ventos, cujo nome se devia ao fato de que o vento era canalizado pelas encostas circulares e parecia subir exatamente nessa espécie de garganta, que também era chamada de Goela do Eco. Nesse ponto as pessoas gostavam de gritar, para que os gritos se repetissem ampliados.

Todos compreenderam que o rapaz escolhera esse local para o seu voo inaugural porque nessa garganta da serra objetos leves flutuavam e não caíam no abismo, o que poderia ser o local ideal para a planagem de uma asa delta, que na verdade fora construída como um grande papagaio, com armação de tabocas e talas de buriti, recoberta por uma resistente lona encerada. Feita essa constatação e já com o auxílio de um nativo conhecedor dos segredos e mistérios do local, começaram a lenta descida. Fizeram os devidos contornos em busca de lugares menos íngremes e menos perigosos.

Após quatro horas de procura, encontraram a engenhoca voadora. Algumas talas estavam quebradas. Considerando-se o local do salto e o ponto onde o planador foi encontrado, os presentes acordaram em que o voo tivera o percurso de cerca de três quilômetros. Por vários dias ainda tentaram encontrar o rapaz, mas o seu corpo nunca foi localizado. As mais desencontradas e contraditórias hipóteses foram levantadas; algumas não passavam de mera fantasia, outras eram verossímeis, conquanto bastante divergentes entre si.

Alguns defendiam a tese de que Pardal ‘fora encantado pelo feitiço da serra’. Outros, pretensamente mais realistas, afirmavam que o rapaz fora arrastado para alguma gruta desconhecida por uma fera de grande porte. Tinha os que defendiam a suposição de que em lugar de fera algum animal fantástico o devorara com ossos e tudo. Houve ainda os que argumentaram que ele havia sido arrebatado para outra dimensão.

Não faltou quem levantasse a hipótese de que ele se suicidara em lugar esconso, para que seus pais nunca soubessem que ele teria cometido esse ato considerado pecaminoso e abominável. Para outros ele simplesmente simulara um acidente e fora morar em outro lugar distante, onde adotaria outra identidade.

O jornal A Batalha estampou a manchete: ‘O último voo do Pardal’, embora não se tenha notícia de ter havido outro voo anterior. No final da reportagem, o doutor Epaminondas Gondim cunhou a frase de efeito que ainda hoje reboa nas conversas, e se tornou o dístico do monumento erigido em sua memória: ‘Desapareceu em mistério e sortilégio o genial Eugênio, o legendário Ícaro Eborense’.”

Capítulo XXVIII

Moto contínuo

No Sábado de Aleluia o Mário Cunha apareceu na casa de Marcos com uma galinha grande e gorda. Perguntou se dona Rita poderia fazer um frito para que eles levassem para o balneário do Rocio, situado no rio Paraguaçu, a uns três quilômetros do centro da cidade. Na época era costume, sobretudo entre os jovens, a subtração de galináceo na Semana Santa, para a comemoração da morte de Judas.

Não era isso entendido como furto, mas como uma brincadeira, que poderia integrar a parte comemorativa da malhação do velho Iscariotes. E normalmente as vítimas eram parentes, vizinhos ou amigos. Dona Rita indagou sobre a origem da galinha, tendo Mário assegurado que fora sua mãe quem lhe dera a “penosa”. Ante a aquisição haver sido lícita, ela prometeu fazer seu famoso e elogiado frito, já saboreado em outras ocasiões.

Ficou acertado, entre os rapazes, que no dia seguinte, Domingo de Páscoa, Mário seguiria em sua bicicleta Gulliver, mais cedo, e o Fabrício, em sua lambreta, pegaria Marcos (e o frito) na casa deste. Combinaram se encontrar no balneário, por volta de onze horas. Fabrício prometeu levar uma legítima cachaça serrana, de doze anos, que comprara de um mascate, de sua confiança, e mais uma paçoca de carne de sol, preparada em sua casa. De modo que estavam bem abastecidos, em termos de comer e beber.

A região do Rocio, nessa época, era bem preservada, com a mata ciliar exuberante, a proteger o rio, a exibir grandes árvores copadas. O rio se apresentava saudável, estreito e fundo. Na margem direita havia uma espécie de corredeira. A água passava com estrépito por entre grandes pedras, que formavam uma garganta, um tanto apertada, o que imprimia à água uma forte correnteza e turbilhão. Chamavam esse ponto de Passagem da Apertada Hora.

As águas ondulavam e produziam uma toalha de espuma. Um poeta disse que as pedras eram bilros das pedras tecelãs. O turbilhão se transformava em verdadeira hidromassagem. Alguns jovens, no auge da adolescência e da libido, a contemplar as garotas de biquíni na margem próxima, chegavam ao orgasmo sem sequer se tocarem, em verdadeiro onanismo inefável, etéreo, quase imaterial, como corolário de profunda excitação platônica e fantasiosa, proporcionada pela fricção da corredeira.

Mas muitos garotos afoitos, sobretudo no período das grandes chuvas, em que o rio se mostrava mais caudaloso, em lugar de êxtase e prazer, ali encontravam a morte. Eram arrastados e ao caírem num rodaminho não tinham força para vencer a correnteza. Os mais cautelosos se amarravam a uma corda, firmada na margem ou em alguma das pedras. Entretanto, fora desse ponto agitado, as águas eram calmas, e chegavam a formar um remanso na parte mais frequentada, que tinha uma praia de branca, macia e finíssima areia.

Os amigos se acomodaram debaixo de imensa mangueira, que lhes dava uma refrescante sombra. Tomando sol, a pequena distância, estava um pequeno grupo de garotas. Duas mais recatadas estavam de maiô, enquanto as outras quatro usavam biquíni, a exibir suas coxas e feminis curvas. Nessa idade em que tudo sorri e floresce, Marcos achava que uma mulher tinha a obrigação de ser bela, ao menos bonitinha. Fabrício, invocando os versos de Vinicius, achava que a beleza, conquanto efêmera, era fundamental; pelo menos enquanto durasse.

No meio das moças, estava Laura, de estatura mediana, morena clara, de cabelos e olhos negros, de curvas muito bem delineadas, sem faltas e sem excessos. Mesmo de maiô suas formas eram ressaltadas e se destacavam, aliciantes. Seus olhos eram profundos e negros, como nos versos de Castro Alves. Tinham o negrume das noites sem luar, assim como seus ondulados cabelos tinham o encanto do mar.

Marcos já lhe percebera, algumas vezes, quando passava na frente de sua casa, com destino ao campo de futebol que ficava perto, o olhar discreto, mas interessado. Fabrício já comentara a esse respeito, e até dissera que quando tivesse oportunidade iria fazer “o meio de campo” ou a ponte entre eles, pois fora colega dela em um Encontro de Jovens promovido pela igreja Católica. Todavia, Marcos ainda estava encantado com o namoro furtivo e proibido que mantinha com a sua bela normalista.

Três ou quatro alentadas doses depois, Fabrício foi até o local onde estavam as moças, já agora debaixo de um imenso pé de tamboril, que estava muito verde e muito frondoso. A árvore lhes propiciava uma sombra agradável e aconchegante, ainda mais porque bem perto havia um grande cajueiro e uma imensa e odorífera cajazeira.

Marcos sabia que o amigo estava intermediando uma aproximação entre ele e Laura. Ficou um pouco ansioso e apreensivo, mas tentou manter a calma e não saiu de seu lugar, enquanto lhe esperava o retorno. Via-o gesticular e se mover um pouco, como se estivesse em animada conversação. Fazia gestos incisivos, com os quais parecia sublinhar seus argumentos, como se estivesse querendo convencer a garota de alguma coisa que ela tentasse refutar.

Quando voltou estava radiante e exibia seu triunfo com sorrisos e gargalhadas.

– Olha, mestre Marcos, você me deve essa conquista. Não foi tão fácil assim não. Quando eu disse pra menina que você estava a fim dela, ela respondeu que você é meio metido a besta e que nunca olhou pra ela; que sempre passava todo enxerido, como se não a visse, na porta da casa dela. Eu, então, tive que usar toda a minha astúcia e lábia de vendedor, para explicar que no início você é meio encabulado e tinha receio de um fora. Só então ela deu um meio sorriso e disse para você tirá-la para dançar na festa que vai haver no próximo sábado, no Évora Clube; que lá vocês poderão se acertar. E ainda de quebra deixei uma das lebres praticamente abatida, aquela lourinha, cujos cabelos faíscam ao sol. Um encanto de ninfeta deste bosque fluvial.

– Grande Fabrício, que magnífica notícia você acaba de me dar. Meu dia já está ganho. Um brinde a esse excelente presente que você acaba de me ofertar. Obrigado, cara!

Nisso, ao longe, ia passando um ciclista a pedalar com todo vigor para vencer a areia do caminho. Fabrício, contente de haver ajudado o amigo a conquistar a garota, lançou-lhe um desafio:

– Agora, Marcos, prove que é mesmo um poeta. Faça um improviso sobre aquele ciclista, que vai pedalando feito um doido naquele areal.

O poeta, ainda tonto e esfuziante com a alvissareira notícia, não se fez de rogado:

– Ó bicicleta / em ti o ciclista anda / anda, anda, anda...

Com a cabeça já um pouco anuviada pelo álcool e entontecido pela inebriante perspectiva de namoro com a linda cachopa, Marcos se embolou todo e não conseguiu a desejada rima. Ficou nesse desatinado “anda, anda, anda”, tentando ganhar tempo, à procura da inspiração e da rima adequada, até finalizar de forma canhestra, mas que pretendia apoteótica:

– E nunca para de andar!

Fabrício vergastou esses versos de forma abrupta e irônica:

– Porra, poeta, só se esse ciclista tiver um motorzinho na bunda para conseguir andar tanto assim... Ou então se tiver descoberto o moto contínuo do poeta Leonardo de Carvalho Castelo Branco, que você tanto admira e exalta.

E os três amigos prosseguiram na feliz libação, a degustarem o delicioso frito e a não menos deliciosa paçoca, sem outro compromisso a não ser a falta de compromisso da quadra que viviam.

Capítulo XXIX

Revelações

“Quando eu tinha sessenta anos de idade e já morava na capital há muitos anos, ao passar um final de semana em Évora, revi o meu amigo Anselmo Miranda, que fora morar em Brasília há mais de três décadas. Na banca de revista do Louro, situada na Praça Lucas Mendes Furtado, ou simplesmente Praça Central ou da Matriz, soube que ele se encontrava na cidade e estava hospedado na casa de seu irmão Jonas, o secular casarão de seus pais, já falecidos.

Após conversarmos sobre amenidades, cultura e assuntos do cotidiano de nossas vidas, bem como sobre velhos temas eborenses, o Anselmo, sem pruridos de vergonha, receios de censura familiar ou freios inibitórios morais, me narrou a história de sua avó materna, a matriarca de sua família, sustentáculo de sua mãe e de seus tios.

Como desejo fazer um resumo e também por não ter capacidade de reproduzir suas frases com fidelidade, prefiro contá-la com as minhas próprias palavras, da maneira mais simples possível, porque o que tem importância neste texto é a história em si, e não os atavios e figuras de estilo que pudesse lhe colocar.

Disse-me Anselmo que, quando garoto de seus doze anos, ao brincar no quintal com dois irmãos e alguns amigos, acometido na época por certo tipo de verminose, foi procurar no muro um torrão de barro, que lhe parecesse mais saboroso, para comer. O muro era de adobe, malconservado, um tanto desaprumado, pelo menos em certos pontos, e apresentava muitas gretas e furos, em que eventualmente se escondiam carambolos e lagartixas.

Ao procurar a sua ‘iguaria’, acabou encontrando num dos buracos, enrolado num saco plástico, um papel esmaecido, que lhe pareceu ser uma carta, escrita à mão, com caneta tinteiro ou bico de pena. As letras estavam um pouco borradas, mas eram grandes, firmes, bem delineadas e escritas com tinta azul. Anselmo a guardou com cuidado e a levou até sua avó, a quem se dirigia a missiva.

Tudo fazia supor que quem a escrevera tivesse boa instrução, o que era uma raridade na data de sua assinatura: 24 de dezembro de 1936. Estava assinada por Pedro Tavares de Mendonça. Sua avó, com muita delicadeza, retirou a carta do invólucro plástico. Colocou-a sobre a mesa e a desdobrou com toda cautela, para não a danificar.

Mandou que Anselmo se sentasse à mesa, perto dela. Contraindo as feições; seus olhos marejaram um pouco, mas era uma mulher forte, de fibra e logo se recompôs. Afinal, sozinha, sem a ajuda do marido, cujo paradeiro nunca se soube ao certo, criara os nove filhos, lavando, passando e costurando para algumas famílias abastadas de Évora. O jovem imaginou que lhe seria revelado constrangedor segredo familiar.

– Meu neto, esta carta trouxe de volta uma história antiga de nossa família, que eu pensava já estar enterrada há muitos anos. Mas o destino e a sua curiosidade de garoto desenterraram esse segredo familiar. Vou ler a carta para você.

Leu-a com razoável desembaraço e sem se deixar trair pelas fortes emoções que certamente lhe transtornavam o espírito. Anselmo teve a grande surpresa de descobrir que a sua avó não era analfabeta, como ele pensara desde que se entendera por gente. Ela lhe revelou que desde o momento chocante em que leu essa carta, pela primeira e única vez, tomara a decisão de nunca mais ler nem escrever coisa alguma. Por isso todos pensavam fosse ela iletrada, quando na realidade aprendera a ler e a escrever com considerável desembaraço. Ao terminar a leitura, fez o seguinte comentário (a que se seguiu a história de sua vida, que sem dúvida daria um belo romance):

– Esta carta foi o presente de natal que seu avô me deu no ano de 1936. Abandonou-me e fugiu com uma mulher nova para lugar incerto e não sabido, como dizem os advogados como ele. Pelo menos deixou a casa e os móveis. Não deixou nenhum níquel para o sustento de nossos nove filhos, que criei com muito esforço e trabalho pesado. Mas Deus nunca me faltou e nem há de faltar.

A carta era iniciada por um longo e lacrimajante pedido de perdão, a que se seguia uma injustificável justificativa, uma justificativa que na realidade nada justificava. O último parágrafo era um patético e exagerado adeus, algo semelhante a um trecho de dramalhão, em que dizia não ter ‘culpa de haver se apaixonado perdidamente’ por sua nova amada, que ‘ninguém mandava em seu próprio coração’. Encerrando, dizia que fora fraco, covarde mesmo, mas não tivera coragem de lhe contar pessoalmente essa sua incontrolável e irresistível paixão.

Dona Rosa Soares de Mendonça, cujo nome de casada sempre foi mantido, desfiou a sua história como se quisesse mesmo desabafar, botar para fora uma história que escondia há muitos anos. Dizia apenas que o marido fora para o Amazonas, em busca de fortuna, onde teria morrido, já que nunca mais mandara notícias. Nascera ela em Angical. Quando tinha 15 anos, o advogado Pedro Tavares de Mendonça, vindo não se sabe ao certo de onde, apareceu na cidade e botou banca de advocacia. Era dez anos mais velho que ela.

Quando fez 16 anos foi a uma festa e dançou com ele no clube da cidade. Era considerado um bom partido, apesar de as informações sobre as suas origens familiares serem vagas. Alguns rapazes, sem dúvida enciumados, murmuravam que talvez ele tivesse feito ‘mal’ a alguma moça, irmã e filha de valentões, e tivesse fugido. Também alguns pais, ciosos da honra de suas filhas, disso suspeitavam, todavia sem nenhuma informação concreta.

Rosa, no auge de sua juventude, era considerada a moça mais bela de sua cidade. Séria, premedada, diligente, ainda sabia ler e escrever, mesmo numa época em que a instrução pública era muito incipiente e elitista. O doutor Pedro sabia que para tê-la como mulher teria que se casar. Portanto, não perdeu tempo. Logo a pediu em casamento. Um ano após a cerimônia, alegando que seu escritório de advocacia não prosperara, e já com o

primeiro filho nascido, resolveu se mudar para Évora, uma cidade maior, onde com certeza teria mais clientes.

Depois ela passou a desconfiar de que, além dos motivos profissionais, ele desejava uma cidade maior para mais bem dissimular e esconder a sua vocação boêmia, a sua incurável índole de dom Juan. A bem da família e da paz conjugal, procurou não saber de informações e nem de boatos, e tampouco buscou averiguar as suas desconfianças e indícios de infidelidade do marido. O desfecho do seu caráter fora aquela carta e a sua fuga com a amante.

Quando o meu amigo Anselmo terminou o seu relato familiar, aparentemente sem muita emoção, talvez porque tivesse aceitado isso como um fato irrevogável, contra o qual não adiantava se rebelar, imaginei como seria o muro no qual, em esconso furo, ele encontrara a velha e esquecida carta. Não pude deixar de trazer à memória estes versos de Alberto de Oliveira, que li e reli em minha surrada antologia da Fename: 'É um velho paredão, todo gretado, / Roto e negro, a que o tempo uma oferenda / Deixou num cacto em flor ensanguentado'.

Conquanto desnecessária, faço a ressalva: em lugar de cacto, cujos espinhos também pungem, leia-se 'carta em flor ensanguentada', embora com prejuízo da métrica e da rima."

Capítulo XXX

Dança e namoro

No sábado, conforme haviam combinado no balneário, Marcos se preparou para ir à festa no Évora Clube. Sua mãe lhe entregou uma pequena quantia, suficiente apenas para o bilhete de entrada, alguns refrigerantes e, no máximo, três cervejas.

Seguiu para o bar do Zé Afonso, onde já estavam Mário Cunha e Fabrício, bebericando umas cubas-libres, preparadas por eles mesmos (com mais ou menos coca, com mais ou menos limão), conforme o gosto de cada um, no Cantinho dos Inocentes. Faziam a chamada base ou preliminar para as poucas cervejas que tomariam no clube, no intervalo das danças.

Quando terminaram o litro de rum, já quase no horário marcado para o início do baile, seguiram para o centro, não sem antes fazerem uma entrada estratégica na Zona Planetária, como se fosse uma batida de vistoria ou de reconhecimento. Os prostíbulos estavam animados, com muitas raparigas, fregueses e curiosos. As mulheres expunham suas carnes em varais de açougues imaginários, como disse certo poeta, referindo-se a esse meretrício de nome tão sugestivo, quanto poético e apropriado.

O grande cantor de bolero Roberto Müller se esgoelava na vitrola em alto volume. Os copos de cerveja sobre a mesa eram o cenário perfeito para a música que ele cantava, sucesso absoluto nos lupanares da cidade: “Entre espumas”. Os rapazes pouco demoraram. O que mais lhes interessava eram as namoradas, ninfetas em flor, que poderiam conquistar na festa.

Marcos não era um bom dançarino, mas, de qualquer modo, nenhuma garota reclamara, até então, de sua performance. Na verdade, ele usava a dança para arranjar namorada, sem maior compromisso e sem risco de vexame, já que era desnecessária a costureira cantada, que sempre poderia redundar em um fora. Conforme o modo como a garota se lhe aconchegasse, ele saberia se a conquista seria “tiro e queda”, como gostava de dizer.

Se ela aceitasse o aconchego, o enlace dos braços e o afago das mãos a deslizarem em suas costas e cintura, era porque “estava a fim”. Ele, em consequência, a convidaria a ir para a praça, a pretexto de que fazia muito calor, o que de fato era verdade, pois o clube não era climatizado.

Se houvesse recusa, isso não seria entendido como “levar um fora”, já que não a pedira em namoro. Na praça, longe das vistas de curiosos, encostado em uma árvore, canteiro ou mureta, o casal se esbaldaria em abraços apertados, carícias calientes, em escaldantes e invasivos beijos na boca. Era o que se chamava, na gíria dos jovens da época, pinar ou “dar um pino”.

Às vezes a moça, dadivosa, pródiga em amabilidades, quando não havia ninguém por perto, deixava o rapaz lhe tocar os seios, por cima da roupa. Em raras ocasiões, no calor

da excitação, a medo, com certa relutância e muita cautela, o que concorria para mais valorizar o ato dádivo, a garota consentia em ofertar os seios, e os exibia como duas joias preciosas e delicadas; mas, ao menor sinal de passos ou aproximação de alguma pessoa, os recolhia com incrível rapidez e perícia.

O rapaz, ao vê-los túmidos, hígidos, empinados, com a auréola eriçada e os mamilos ressaltados, tinha um verdadeiro alumbramento. E os tocava e beijava com sofreguidão, com a adrenalina a todo vapor, quase como se estivesse a cometer um crime, embora com a permissão relutante e medrosa da “vítima”.

Marcos já possuía essa experiência, desde que fizera dezesseis anos. Porém, em nome de sua liberdade, nunca firmava compromisso para novos encontros com a parceira, conquanto isso pudesse acontecer ao sabor de novas festas e do acaso. Portanto, já praticava o que hoje se chama “ficar”. Contudo, pressentia que, desta feita, haveria certo compromisso, e que certa fidelidade ou exclusividade lhe seria exigida.

Laura, com seu jeito sério, compenetrado, não aceitaria ser mero desfrute de quem quer que fosse. O rapaz logo a enxergou, sentada a uma das mesas do amplo saguão, com três amigas. Foi ao bar, com Fabrício e Mário, onde tomou dois copos de cerveja, a pretexto de criar coragem. Em seguida, se dirigiu até onde a jovem estava. Sem rodeios, a convidou para dançar.

Ela sorriu em cumprimento, e se levantou, sem pressa, mas sem se fazer de difícil. Encaminhou-se em passos lentos, elegantes e firmes até a pista de dança. Marcos a acompanhou, enquanto lhe admirava as belas curvas, que o vestuário, embora discreto, tão bem acentuava.

Capítulo XXXI

O crime do padre Amaro

“O padre Amaro Nascimento da Silva chegou a Évora no final dos anos 1950. Chegou precedido da fama de sacerdote muito dedicado à Igreja, mas também de sedutor, galã e garanhão. Era educado, e tido pelas mulheres como um belo tipo de homem, alourado, esbelto e de olhos azuis. Tinha quase 1 metro e 80 centímetros de altura. Demorou pouco nas paróquias por onde passara, porquanto, logo que se espalhavam os boatos sobre suas investidas amorosas, pedia remoção para outra.

Na verdade, não eram só investidas suas, porquanto algumas mulheres casadas e moças solteiras tomavam, muitas vezes, a iniciativa de tentar seduzi-lo. Tentar, tentar não é bem o termo exato, porque Amaro se deixava cair nessas ‘tentações’ com notável facilidade. Na penúltima paróquia de que foi titular, desencaminhou muitas senhoras e moças, que se deslumbravam com sua beleza e conversa aliciante, melíflua, quase mefistofélica. Contribuíam para isso a sua ascendência de religioso e confessor, e sem dúvida o ‘poder’ de perdoar pecados, que lhe era atribuído. Assim, o pecado do adultério ou o de fazer sexo com um padre era incontinenti perdoado pelo parceiro.

Consta que ao menos cinco mulheres embucharam nessa paróquia. Com relação às casadas, os meninos foram creditados como sendo dos maridos. Uma das grávidas solteiras, quando teve o rebento, ajuizou um pedido de investigação de paternidade cumulado com pensão alimentícia. Todavia, a carta precatória de citação sempre retornava com o certificado de que ele fora transferido para outra paróquia. Por isso mesmo, o escrivão Artaxerxes, que, apesar de tudo, lhe tinha certa amizade, em virtude das centenas de cervejas e vinho que com ele tomara, em diferentes ocasiões, dizia que ‘padre Amaro só não comeu os sinos da igreja, e assim mesmo por causa do badalo, que atrapalhava’.

Logo ao chegar a Évora, Amaro ostentou toda a sua dedicação à Igreja. Nunca faltava às missas. Seus sermões eram brilhantes, eloquentes, fundamentados em citações extraídas da bíblia ou de textos dos doutores da Igreja, e neles pregava o bem, o bom e o belo, que ele dizia consistir numa vida virtuosa, conquanto, como já deve ter ficado implícito, nem sempre seguisse o que ele mesmo exortava. Revitalizou a Liga das Senhoras Católicas e os Encontros de Casais e de Jovens, bem como as obras sociais e de caridade.

Em estrito senso, não se lhe podia atribuir a pecha de não ser um sacerdote virtuoso e gestor dinâmico de sua paróquia. Tornou-se evidente, contudo, que não observava o voto de castidade. Por causa da Liga das Senhoras Católicas e das obras de caridade, Amaro vivia sempre rodeado de mulheres, fosse na Casa Paroquial, na sacristia, na secretaria ou no confessionário. O certo é que, não demorou muitos meses, começaram a surgir comentários sobre as aventuras amorosas do vigário.

Entre esses falatórios, surgiu o rumor de que Amaro estava tendo um caso com dona Selma, casada com o prefeito e médico Bartolomeu Dantas Fontenele, de tradicional estirpe eborense. Não se sabe como, mas o fato é que esses murmúrios chegaram ao conhecimento do marido, que não fez alarde, demonstrando o mais perfeito sangue frio. Era apaixonado pela mulher, por quem se enamorou desde a adolescência. Era ela considerada uma das mais lindas mulheres de Évora.

Selma tinha um retardo mental moderado. Portanto, seu comportamento e percepção eram correspondentes ao de uma pessoa bem mais jovem. Por isso o marido lhe dispensava os cuidados de marido e pai. Segundo se comentou na cidade, Bartolomeu foi à capital, onde contratou os serviços do mais respeitável e competente detetive particular, a quem pediu o máximo sigilo, e lhe recomendou tratasse do assunto apenas com ele.

Um mês e duas semanas depois, o detetive lhe entregou um relatório circunstanciado, com datas, horários e locais dos encontros, acompanhado de várias fotografias, em que Amaro e Selma eram vistos aos beijos e abraços, além de uma fita de áudio, em que ambos trocavam juras de amor. Como ele conseguiu tirar essas fotos e gravar os diálogos amorosos é um mistério, pois esses encontros de amores proibidos são sempre realizados em lugares fechados e recônditos. Contudo, ele tinha vários cursos profissionais, muitos anos de experiência e os mais modernos e eficientes aparelhos eletrônicos para o bom desempenho de sua profissão.

Meses depois, tarde da noite, quando Amaro voltava da casa de uma de suas amantes, cujo marido viajara a serviço de sua repartição, foi rendido por dois homens encapuzados, que lhe apontaram revólveres. O padre, na tentativa de se justificar e de comover seus captores, disse que vinha de bairro distante, onde fora ministrar a extrema-unção a um moribundo. Foi colocado num jipe sem placa, e levado para fazenda longínqua, situada no meio de denso babaçual. Chegaram por volta de uma e meia da madrugada. O padre estava apavorado e estrebuchava muito, e implorou para não morrer. Recebeu a imediata garantia de que não seria morto. Aplicaram-lhe um sedativo e em seguida a anestesia.

Às seis horas da manhã, já desperto, mas muito debilitado e zozno, foi libertado numa estrada vicinal, perto da BR, que na época ainda era de piçarra. Ao ficar só, subiu a batina, que segurou entre os dentes (como costumava fazer, quando era solicitado a 'dar uma rapinha na sacristia'), e desceu a calça. Estarrecido, mas não tanto, constatou então o que já imaginava: fora castrado. A cirurgia fora perfeita e indolor, e devidamente suturada. Dizem que foi realizada pelo Dr. Bartolomeu, exímio cirurgião, com o auxílio de uma enfermeira de sua absoluta confiança.

Na rodovia o padre Amaro tomou um ônibus com destino à capital, sede da Diocese a que pertencia. Confessou-se ao seu bispo, contando o que lhe acontecera. Disse que aceitava a sua emasculação como uma bênção e um merecido castigo; que a sua exacerbada concupiscência o levava muitas vezes a não respeitar o voto de castidade, e a violar a inocência de mulheres ingênuas e até de incapazes e menores.

Pediu a dom Augusto para ser transferido para a mais longínqua e pobre paróquia do bispado. Tornou-se o mais virtuoso sacerdote dos últimos anos. Uns vinte anos depois, um tanto gordo, morreu em estado de santidade. Atribuíram-lhe alguns milagres, e a sua beatificação foi requerida e se encontra em tramitação no Vaticano.

Quanto a Bartolomeu, continuou casado com Selma, com quem teve uma prole numerosa e proeminente de médicos, advogados, engenheiros e um padre. Comentava-se, à boca pequena, que o padre era filho de padre.”

Capítulo XXXII

Aqueles olhos verdes

A música era lenta (e a letra, romântica). Estava em todas as paradas de sucesso dos programas radiofônicos musicais da época. Ao embalo desse hit da Jovem Guarda, Marcos, aos poucos, foi se aconchegando a Laura. A moça, no início, fingiu não corresponder, simulando discreta resistência, mas gradativamente foi deixando que o rapaz a enlaçasse, em sucessivos e aliciantes deslizamentos de mãos e braços. Sem deixarem o salão, dançaram ao som de várias músicas, que a orquestra tocou sem intervalo.

Sob a manjada desculpa de que fazia muito calor, Marcos a convidou para irem “lá pra fora”. Laura assentiu com um movimento de cabeça. Seguiram lado a lado, mas sem enlaçarem as mãos. Na praça estavam vários casais. Alguns estavam sentados, de mãos dadas, a conversarem; outros, se acariciavam sem grande efusão; contudo, alguns, encostados em árvores, canteiros ou postes, se beijavam e se abraçavam com frenesi. Eram os chamados pinos ou amassos.

Quando chegaram à praça, Marcos tomou a mão de Laura, que não fez a menor oposição. Para não dar mostras de ser um “apressadinho”, o rapaz sentou-se em um dos bancos disponíveis, um tanto afastado dos outros casais. Iniciou uma conversa trivial, que não interessava aos dois. Quando um dos casais retornou ao clube, deixando um dos canteiros que lhe servia de encosto livre, Marcos se levantou e, segurando as mãos da namorada, a conduziu para esse local.

Ao chegar, colocou as mãos nas têmporas dela, afagando-lhe os cabelos com suavidade. A seguir, abraçando-a com leveza, encostou a cabeça na sua, para só depois esboçar um beijo na boca. Ela, demonstrando sua inexperiência ou mesmo certo recato e receio, virou o rosto.

Diante desse movimento de esquivança, que fazia parte do jogo amoroso inicial, quase ritualístico na época, beijou-a na face, deslizando a boca até perto da orelha, até lhe morder o lóbulo, ornado com pequeno brinco. Deixou que ela lhe sentisse e ouvisse a respiração, que fingiu estar um pouco ofegante. Após alguns sutis movimentos de idas e vindas, avanços e recuos, marchas e contramarchas – sim, não, não, sim, sim, não, sim, sim, sim – o rapaz a abraçou com força e a beijou com sofreguidão. E ela correspondeu com todo o ímpeto de que Marcos não a julgava capaz.

Iniciaram um namoro que demorou mais de ano. Quase sempre os encontros eram semanais, aos sábados e domingos, algumas vezes em festas e tertúlias. O local dos encontros e namoro era a praça central. Por volta das dez horas ou dez e meia, Marcos ia deixá-la até perto de sua casa. Laura sempre vinha acompanhada de uma irmã ou amiga, que saía à procura do namorado ou de outras companhias. Nunca o rapaz foi à sua casa, pois segundo dizia aos amigos não queria se comprometer.

Numa das vezes em que Marcos iria a uma festa de colação de grau (término do curso ginásial) de um de seus amigos, que aconteceria no Clube da AABB, tomou umas afoitas doses puras de uísque, bebida a que não era acostumado. Foi solicitado a saudar um amigo dele e de seu anfitrião, que havia se mudado para a capital há uns dois anos. Na empolgação da bebida e do discurso, chamou o homenageado de Milton Monteiro. Foi interrompido pela namorada do rapaz, que observou sem nenhuma sutileza:

– Você diz que é muito amigo dele, mas, no entanto, o chamou de Monteiro, quando o seu sobrenome é Moreira.

Marcos não perdeu a deixa de mostrar a sua verve, retrucando:

– Perfeitamente, eu o chamei de Monteiro porque Milton Moreira vem atingindo as mais altas culminâncias do saber e da cultura, e por isso é um monte, um Monteiro de sabedoria e erudição!

Os amigos, algumas doses depois do seu triunfo no desfecho de sua oratória, que provocou risos e congratulações, vendo que ele já estava mais pra lá do que pra cá, ou seja, mais pra lá de Marraquexe, como se dizia na época, lhe recomendaram tomasse um banho. Após, seguiram no fusquinha do pai de Valdemar, que pilotava o apertado veículo, conduzindo cinco marmanjos, inclusive o filho, quando Marcos começou a engulhar, entre soluços. João Fernandes alarmou-se ante o que poderia acontecer ao seu querido fusca:

– Sai, sai, sai todo mundo, não deixa o Marcos vomitar dentro de meu carro.

Saíram todos à pressa, e foi o maior alvoroço quando o rapaz vomitou a valer, ou, como diria o eciano Conselheiro Acácio, “devolveu” o que havia acabado de comer e beber. Desceram à porta da AABB. Fabrício convidou os amigos a irem até um barzinho perto, antes de entrarem no clube. Aconselhou Marcos a passar pelo menos uma hora sem beber, o que foi aceito sem protesto. Disse que chupasse umas balas de hortelã Pipper e mastigasse uns cravinhos, para tirar o mau hálito da bebida e do vômito, já que Laura estaria na festa.

Marcos jamais esqueceria, por toda a vida, o acolhimento carinhoso de Laura, mesmo ele estando um tanto embriagado, e exalando um verdadeiro bafo de onça. Quando foram para o pátio do clube, após algumas danças, ela o beijou na boca, sem a menor demonstração de nojo e sem lhe fazer a menor recriminação. Pelo contrário, nunca ela foi tão carinhosa, e nunca lhe dispensou tanta ternura e atenção como nessa memorável noite em que ele esteve tão frágil e carente, com os cabelos em desalinho e a camisa um pouco amarrotada.

No decurso do namoro, quando estava no último ano ginásial, Marcos, com outro amigo, foi espiar as garotas fazerem ginástica na quadra do Liceu. Viu, então, uma linda garota loura, cujos cabelos cintilavam à luz do sol, como faíscas douradas. Era alta e esbelta. Seus olhos eram duas esmeraldas, de brilho intenso em seu verde profundo de mares cheios de mistérios e enigmas. Não a conhecia, mas procurou colher informações. Logo descobriu que se chamava Isabela, e era filha de um executivo paranaense, que chegara,

fazia pouco tempo, para dirigir uma grande loja de venda de eletrodomésticos e móveis, a maior da cidade.

Trocaram olhares à distância. Nas vezes em que se encontravam nos corredores do Liceu se olhavam com intensidade. Várias vezes o rapaz foi assistir aos exercícios de ginástica só para vê-la à distância. Quando a via em outros lugares, nas ruas, praças e tertúlias, sentia o seu olhar apaixonado, a que correspondia. Mas nunca teve coragem de lhe propor namoro, nem mesmo através de bilhetes ou recados. A garota era cobiçada por vários rapazes da cidade, que lhe admiravam a beleza alva, longilínea, dourada, de ascendência europeia. Talvez para provocá-lo, para lhe forçar a iniciativa, começou a namorar um dos jovens ricos de Évora.

O rapaz começou a mistificar e mitificar a situação, criando fantasias e quimeras, algumas estimuladas por suas leituras da vida de poetas do romantismo. Colocou a moça numa torre de marfim, e a fez intocável e inatingível. Escreveu poemas de amor, que publicava no jornal mural, entre os quais o que tinha estes versos: “eras poeta e criaste uma quimérica / amada imortal e imaginária, inatingível / em sua torre de marfim. / ela talvez também te quisesse, / mas a fizeste intocável.”

Confessou as suas fantasias a alguns amigos. Chegou ao ponto de recitar numa farra, trepado numa cadeira, um poema de sua autoria, cujo título “Isa, a bela” denunciava a destinatária de sua paixão. O certo é que essa paixão de Marcos foi se tornando do conhecimento de vários alunos do Liceu. Um dia a professora de francês, que mesmo ao se casar continuou sendo chamada de mademoiselle Charlotte, radicada em Évora há muitos anos, ao notar o olhar vago e distraído do jovem, disse em sala de aula, com seu sotaque acentuado, provocando a risada geral da classe:

– Atenção Marcos, pareces que estás apaixonado, meu filho...

A frase foi amiúde repetida em todo o colégio. Mesmo alunos de outras turmas a repetiam, imitando o sotaque de mademoiselle Charlotte. Esse amor platônico de Marcos chegou ao conhecimento de Laura, mas, como ela o amasse, nunca abordou esse assunto. Contudo, num dia em que estava numa festa no Évora Clube, notou que Isabela, embora estivesse com seu namorado, furtivamente olhava para Marcos, que também a olhava da mesma forma, pensando não estar sendo notado pela namorada.

Laura tentou conter-se, mas terminou pedindo ao rapaz para que saíssem do recinto. Quando chegaram à praça, e Marcos quis abraçá-la, a moça o deteve com suave firmeza, e perguntou à queima-roupa:

– Marcos, você gosta de mim?

Tomado de surpresa ante a inesperada pergunta, feita de chofre, o rapaz tentou ser engraçado.

– Gosto. Gosto de você, de meus pais, de meus amigos, de minhas irmãs...

Muito séria, mas com voz branda, Laura insistiu:

– Você sabe a que tipo de gostar estou me referindo. Você me ama?

– Não. Amo outra garota – disse o rapaz sem titubeios, em verdadeiro haraquiri amoroso.

Com dignidade, sem dizer uma só palavra, Laura se afastou lentamente, sem se voltar uma só vez. Contudo, em seu íntimo sofria e os seus lindos olhos negros estavam úmidos.

Capítulo XXXIII

Ester, serrana bela

Marcos, apesar de sua postura aparentemente cínica, no modo como terminou o namoro com Laura, ficou triste durante alguns dias. A moça foi concluir seus estudos na capital do país, onde se casou e teve dois filhos. Não mais retornou a Évora, e o rapaz não mais a reviu. Contudo, por muitos anos e talvez para sempre, ficou com remorso da maneira indelicada e abrupta como terminara o idílio.

Quando ouvia nas amplificadoras da cidade e nas dos circos e parques de diversão, que de vez em quando chegavam a Évora, sobretudo na época dos festejos de São Gonçalo, os versos musicais “Quanto sinto em dizer-te / Que me podes desprezar / Logo, logo / Sei que devo deixar-te / Já não posso mais sonhar...” na voz de Márcio Greyck, sentia uma forte emoção, e por vezes seus olhos marejavam, ao meditar sobre o que “podia ter sido e que não foi”, como nos versos de Manuel Bandeira, um dos poetas de sua predileção. E sentia falta dos carinhos, dos cuidados e da inefável ternura de Laura. Para sempre carregou a nostalgia do que não foi, mas poderia ter sido.

No último ano do antigo curso Científico, travou relações de amizade com Maurício Vanderley, um serrano alvarinto, como se dizia na região. Seu pai era um fazendeiro, que resolvera morar na cidade, porque desejava que os filhos estudassem e se tornassem doutores: advogados, médicos ou engenheiros, principalmente. Maurício admirava a inteligência e a conversa de Marcos, suas intervenções oportunas nas aulas, interrogando ou apartando os professores, e o convidou a passar um final de semana na fazenda de seu pai, que ficara sob a responsabilidade de um casal de parentes.

Num dia de sábado, por volta de uma hora da tarde, cada um em sua bicicleta, seguiram viagem. A fazenda Canaã ficava a 45 quilômetros da cidade. A temperatura daquela região serrana era agradável, e chegava a ser fria a partir das nove horas da noite. Faltando cerca de duas léguas para a chegada, começava uma subida um tanto íngreme, apesar das curvas da estrada carroçável, que tentavam driblar as rampas mais acentuadas.

Quando chegaram, por volta de sete da noite, Marcos estava quase morto, como ele disse, após serem recebidos pelo casal, que tomava de conta da propriedade. Maurício Vanderley, acostumado a andar de bicicleta e a cavalo nas estradas e veredas da serra, estava lépido e fagueiro, como ele fez questão de alardear. Tanto o capataz como sua mulher eram alvos; eram primos entre si e de Maurício. Descendiam de um casal de holandeses, que se refugiara na serra, quando os seus patrícios foram expulsos de Pernambuco.

Na velha e imponente casa de fazenda, mais do que centenária, que substituíra o rústico solar anterior, cujas ruínas ainda podiam ser vistas, havia uma pintura retratando os tetravôs de Maurício. Naquela noite de plenilúnio, tudo isso foi relatado e mostrado por João Vanderley, o capataz, que parecia ter certo orgulho de ser descendente desses

marinheiros, como as pessoas da vizinhança diziam. Foi com mal dissimulada empáfia que disse, apontando para o quadro, “esses dois são nossos ancestrais”.

Sua esposa se chamava Ester. Tinha os cabelos louros. Os olhos eram azuis, vivos e luminosos como duas estrelas do significado de seu nome de origem judaica. Tinha traços da tataravó de Maurício, sendo, porém, muito mais bela. Suas caprichadas curvas, de colo altaneiro, se deixavam entrever, não obstante a blusa recatada e a saia que lhe descia até abaixo do joelho; viam-se apenas, desnudas, as panturrilhas grossas e bem torneadas. Estudara na capital, em internato para mulheres, chegando a concluir o curso ginasial. Apareceu na sala Judite, sua irmã, mais ou menos de seu porte, cujo rosto guardava-lhe alguma semelhança, mas sem a sua graciosidade e beleza; era arredia e um tanto acanhada. Foram as duas preparar os dormitórios dos visitantes.

Após a refeição, já por volta de nove horas, João anunciou que iria a uma festa, no povoado Tranqueira, a umas duas léguas de distância. Já com três cavalos selados, na porta do solar, convidou os rapazes a acompanhá-lo. Ao ouvir o convite, Ester ficou como possessa e teve um acesso imediato e incontido de fúria. Fora de si, ensandecida, gritou:

– Eu sei o que tu quer! Tu vai te encontrar com aquela tua rapariga sem vergonha...

– Que é isso Ester? Qual o motivo dessa zanga? Eu vou apenas levar nosso primo Maurício e o amigo dele para essa festinha. Eles são jovens, solteiros, e precisam se divertir.

– Que levar o primo que nada, seu descarado. Maurício nasceu e se criou aqui, e sabe muito bem ir sozinho. Tu quer mesmo é se encontrar com aquela sirigaita, que além de tudo ainda te põe uns chifres. Um dia eu ainda vou aprontar uma boa contigo, pra tu ver se é bom ser enganado...

O marido nada respondeu. Mas aparentou ficar um tanto orgulhoso do ciúme destemperado da mulher. Renovou o convite e marchou firme para onde estavam amarrados os cavalos. Maurício ainda obtemperou que o primo não precisava se incomodar, pois ele conhecia bem demais essas veredas e socavões. Marcos recusou o convite, alegando que estava cansado em demasia, e seguiu para o quarto que lhe estava destinado, onde havia, bem arrumada, uma larga e confortável cama. Logo a casa ficou em completo silêncio e escuridão.

Marcos, em horário que jamais saberia precisar, acordou, um tanto assustado; alguém o tocava. Pelos cabelos longos, percebeu que se tratava de uma mulher, que se debruçava sobre ele. Tocou-a, e lhe acariciou os pomos, grandes, rijos e macios. Os túmidos mamilos lhe espetaram as mãos, até que ele os recolheu na boca faminta e sequiosa. Permitiu que a mulher o cavalgasse. E se deixou possuir, como nunca o fora nessa intensidade.

A mulher gemia e sussurrava palavras desconexas, algumas ininteligíveis, contudo inefáveis, ardentes, aliciantes. O jovem sentiu, ao acariciá-la, que seus olhos estavam úmidos. Talvez chorasse. Talvez chorasse de tristeza ou por remorso. Ou de prazer.

Quedou-se aconchegada a ele, ofegante. Depois, tudo recomeçou, em frenético frenesi. Da cinza da exaustão o cio retomavam, e fênix renasciam. Por fim, Marcos adormeceu.

Quando acordou, estava só. Já era dia. Abriu as janelas e não encontrou vestígio do que se passara. Estava limpo e nenhuma mancha havia sobre a colcha do leito. As serranias, ao longe, já estavam iluminadas, sem as névoas dos amanheceres friorentos. Ester e Judite o cumprimentaram de maneira natural, quase impassível, sem nada que denunciasse a menor intimidade ou cumplicidade amorosa. Colocaram o café e o leite quente sobre a mesa, onde já estavam pedaços de carne, ovos estrelados, beijos e bolos. O rapaz tentou lhes sondar o semblante, mas não lhes notou nenhum sinal de estranheza, inquietação ou receio. Qual das duas teria feito a incursão noturna?

Só mais tarde chegaram João Vanderley e Maurício. Após tomarem o reforçado café matinal, foram dormir, pois estavam sonolentos e cansados, como o semblante denotava, e só foram acordar à boca da noite. Marcos foi dar um passeio pelas redondezas, até encontrar o riacho que lhe indicaram, em que tomou demorado, delicioso e revigorante banho em suas águas borbulhantes e tépidas. O regato corria entre uma mata densa, muito verde e luxuriante, cujas folhagens se debruçavam sobre ele. Formavam uma espécie de túnel ou alameda.

O rapaz se quedou a ouvir a algazarra esfuziante dos bem-te-vis. Recordou que em sua infância sua mãe lhe recomendava nunca aprisionar ou matar pássaros, nem lhes tirar os ovos dos ninhos. Ainda tinha arrependimento por causa de um único bem-te-vi que matara com um tiro de espingarda, no final de sua infância. Vira a ave cair, mas sequer tivera coragem de vê-la morta, no chão. O canto rascante e nostálgico das cigarras tomou conta de tudo. Envolvido por essa música contínua, ubíqua e absoluta voltou a pensar no que lhe sucedera à noite. Mas, ante a impassibilidade das duas irmãs, até mesmo discreta frieza, procurou não pensar mais no caso.

Para se tranquilizar e se livrar de eventual remorso, por haver, talvez, tomado a mulher do próximo, embora, bem apurados os fatos, ele é que fora tomado, julgou que tudo não passara de um sonho, até porque não vira o menor sinal de sexo, em seu corpo ou na cama. Todavia, tudo lhe parecera tão vívido, tão verdadeiro, tão material. Parecia ainda sentir nas mãos a carne palpitante e palpável da mulher. Talvez algum espírito feminino, de alguém que tenha habitado aquela velha casa solarenga, tenha se materializado e lhe proporcionado aquela noite tão cheia de encanto e enlevo.

Contudo, após o almoço, quando estava sozinho no quarto, arrumando sua mochila, por causa do retorno a Évora no dia seguinte, Ester entrou subitamente no dormitório. Abraçou-o com força e o beijou de modo arrebatado, enquanto lhe sussurrava “espero que você, embora seja ainda um rapazinho, guarde o nosso segredo para sempre, e nunca se esqueça do que entre nós se passou”. E o que se passou à noite foi repetido à luz do dia. O rapaz pôde apreciar, então, todo o esplendor escultural da linda serrana.

Marcos guardou, muito bem guardado, aquele segredo, que parecia ser o marco simbólico do final de sua adolescência. E, quando lia ou recitava os camonianos versos – “Sete anos de pastor Jacob servia Labão, pai de Raquel, serrana bela” – a saudade de

Ester, fulgurante estrela e serrana bela, lhe pungia a alma. E por mais que vivesse, jamais a esqueceria.

Capítulo XXXIV

O segredo de Matilde

“Desde garoto conhecia de vista a senhora Matilde, filha do rico comerciante e fazendeiro Vespasiano Rocha. Era uma matrona imponente, alva, de cabelos encaracolados, ainda bonita no alvorecer de sua velhice. Tinha certo orgulho do passado de riqueza de seus ancestrais, contudo sabia ser simpática, e cumprimentava as pessoas sem demonstrar empáfia. Fiquei sabendo que fora casada durante apenas três meses. Nunca alguém teria coragem de conversar com ela sobre tão íntimo assunto, mesmo porque ela jamais permitiria esse tipo de intimidade.

Quando resolvi escrever minhas Histórias de Évora, colhi informações com algumas pessoas idosas, sobretudo com meu amigo Francisco Cardoso, que considero o mais importante arquivo vivo de Évora. Nessa altura ele já havia escrito dois livros sobre nossa cidade, mas, por ter sido amigo de Matilde, de seu pai e de dois de seus irmãos, resolveu não escrever sobre o que sabia a respeito de seu marido e de seu casamento, de tão efêmera duração. Juntando o que ele me contou e o que me disseram outras pessoas, passarei a fazer breve relato sobre esse rumoroso episódio, nunca bem esclarecido, sobre o qual pairam dúvidas e especulações fantasiosas, contraditórias e desencontradas.

No começo dos anos sessenta, Renato Portela montou escritório de representação comercial em Évora. Era natural de São Paulo, e conseguiu se tornar representante de várias firmas paulistas. Foi bem-sucedido em seu empreendimento. Logo fez amizade com os principais comerciantes eborenses, entre os quais Vespasiano, cuja casa frequentava esporadicamente, quando convidado. Também recebeu convite para integrar o Rotary Clube, passando a ser um de seus mais assíduos frequentadores. Tinha ele em torno de 25 anos. Comentava-se que era sócio de seu pai, próspero empresário na Pauliceia.

Consta que logo nas primeiras visitas que fez à casa de Vespasiano, tomou-se de amores e encantamento por Matilde, que na época tinha 15 anos de idade. Brincava ainda de boneca, às escondidas. Aliás, com os seus olhos castanhos e cabelos louros ondulados, parecia uma boneca a brincar com outras bonecas. Não tardou Renato a confidenciar ao pai que gostaria de se casar com Matilde. Nessa época os casamentos ainda eram influenciados pelos pais. O velho foi franco:

– Olhe, por mim não teria problema. Até teria gosto nesse casamento. Mas olhe que a menina é muito novinha e ainda brinca de boneca, como você já deve ter visto.

– Não tem problema. Sou paciente, e espero o tempo necessário.

Ante essa resposta, Vespasiano disse que levaria o caso a sua mulher, para tentarem obter o assentimento da filha. Dias depois, comunicou a Renato que sua mulher concordara, e que iria envidar esforços para conseguir a concordância da filha, que

sequer pensava em namoro, quanto mais em se casar. Seja como for, no ano seguinte, quando a garota completou 16 anos, soube-se que ela, embora com certa relutância, aceitara o namoro, que apenas consistia em o representante visitá-la, sentar-se na cadeira a seu lado, e quanto muito enlaçar suas mãos.

É bem de se ver que isso deveria ser um estorvo para uma adolescente, que às ocultas ainda brincava de boneca e casinha. Quanto a Renato, estava cada dia mais encantado e fremente de paixão. Por isso mesmo, tratou de apressar o casório, que se realizou quatro meses após a jovem completar as 16 primaveras. Foi uma festa estupenda, como tão cedo não se viu outra igual na cidade.

Uma orquestra da capital foi contratada, e executou todas as mais belas melodias em voga. As bebidas eram dos mais diversos tipos, muitas importadas. As iguarias foram elogiadas por todos. Fogos de artifício iluminaram e embelezaram a noite eborense. Na cerimônia religiosa, não havia outra comparação, Matilde, em seu lindo vestido branco de noiva, ostentando véu e grinalda, parecia uma boneca. Aliás, o imenso bolo confeitado, em forma de castelo, tinha dois bonecos na ponte levadiça: o noivo e a noiva. Em suma, foi uma esplêndida ostentação de luxo e beleza.

Por razões desconhecidas, Renato passou a viajar com certa frequência para a capital do estado, e foi a São Paulo em duas ocasiões, no curto intervalo de três meses. Quando retornava trazia umas caixas com as mais lindas bonecas, que dava para Matilde. Não tinha mais a alegria de antes. A moça também já não saía à rua. Portanto, ambos pareciam bem infelizes com o matrimônio. Três meses após a festa nupcial, Renato anunciou que iria a São Paulo, para fazer algumas compras e alguns contatos do interesse de seu escritório de representação. Foi e não mais retornou a Évora.

As especulações dos fofoqueiros eram desconhecidas e até mesmo cheias de contradições. Uns defendiam a hipótese de que Matilde, ainda amenizada na época e muito apegada às suas bonecas, não aceitara as investidas sexuais do marido. Outros levantavam a tese de que o problema era dele; ao ver a esposa como uma boneca, por causa de sua aparência física e modos, com sua feição de menina, e ainda a brincar com bonecas, achou que seria um verdadeiro sacrilégio desvirginá-la. Entretanto, alguns afirmavam que eles chegaram a ter conjunção carnal, ainda que insípida ou insatisfatória, e de que não resultara gravidez.

Houve mesmo quem levantasse a suspeita de que a garota não era mais virgem, e que fora isso que fizera o marido tomar a decisão de ir embora, abandonando a firma, que depois foi vendida por prepostos de seu pai. Surgiu ainda a incrível hipótese de que a jovem tinha o hímen demasiado resistente, impedindo uma satisfatória penetração. E isso provocara o desgosto de Renato, que se sentiu frustrado, conquanto um simples bisturi pudesse ter resolvido o problema. O certo é que, o que quer que tenha acontecido, o caso ficou em família e permanece até hoje como um segredo indevassável.

Mesmo quando o casamento foi desfeito, através de divórcio consensual, muitos anos depois, nunca Matilde voltou a namorar, muito menos contrair novas núpcias, embora

finos e ricos pretendentes não lhe tenham faltado. Persiste a dúvida sobre a sua virgindade. Esse ponto nunca, jamais, foi esclarecido. Nem será.”

Capítulo XXXV

Uma história da cera de carnaúba

Vamos dar um salto na história de Marcos Azevedo. O rapaz, após concluir o antigo científico, fez o curso de Direito em sua cidade natal, também como aluno do Liceu Eborense. Na época, o campus da Universidade Federal na cidade ministrava apenas os cursos de Ciências Jurídicas e Sociais (Direito), Administração de Empresas, Economia, Contabilidade, História e Letras.

Dois anos após a conclusão de seu curso superior, foi aprovado, em concurso público, para o cargo de Fiscal de Tributos Federais. Conseguiu ser lotado na Agência da Receita Federal de Évora, em cujo prédio funcionava a Alfândega local. Nela se tornou colega e amigo de José Parentes de Sampaio, de conversa agradável, com sua voz grave, sonora e erudição de almanaque, do jornalista Epaminondas Lemos, sempre elegante, sem nunca descurar de vistosa e cara gravata, e do professor Barreto, conhecido na intimidade como Barretão de guerra.

Eles eram bem mais velhos que Marcos, mas como este tinha boa cultura, mormente literária, e colaborava na imprensa local, logo fizeram amizade com o novel colega. Em muitas sextas-feiras, após o término do expediente da tarde, saíam para tomar algumas cervejas no barzinho do Pimpão ou no Recanto da Saudade, do comandante Augusto, ambos localizados na Munguba, à beira-rio. Às vezes integrava a turma Francisco Eduardo Aires, que embora fosse mais reservado também tinha boa conversa.

Numa dessas libações, Marcos leu um poema que fizera naquele dia, que, entre outros versos de molde existencialista, dizia: “Quisera ter a humildade de um leproso.” Ao ouvi-lo, Barretão, que muitas vezes era bizarro e teatral, caiu por terra; prostrado, em posição que imitava os irmãos maometanos, exclamou com muita ênfase, com seu vozeirão de trombone, como era do seu feitio:

– Grande, caramba! Grande humildade, grande poema! – E beijou o chão, sem nenhuma vergonha ou nojo. Sem dúvida, hiperbólico como sempre e como nunca, Barreto exagerava; o poema não era tão bom assim.

Foi através desses amigos que Marcos obteve detalhes sobre um caso empresarial rumoroso, de que ouvira falar em sua meninice, mas ao qual não dera maior importância na época, como era natural. Pretendia, agora, narrá-lo num de seus projetados livros. José Parentes, vendo o grande interesse que o caso despertara em Marcos, deu ao rapaz uma fotocópia de todo o processo administrativo, que já dormia nos arquivos da Delegacia da Receita Federal há vários anos. Foi a verdadeira batalha empresarial que se travou entre James Cavalcante Taylor e Carlos Teles Bacelar. O primeiro, além da Casa Britânica, com várias filiais no estado, comandava a Indústria Vegecera S/A, e o segundo, a Teles Bacelar Indústria e Comércio.

A rivalidade empresarial que existia entre ambos também os tornou adversários na vida particular e social. Isso se refletiu até mesmo no futebol. James fundou o Industrial Atlético Clube, de cores azul e branca, e Carlos, o Évora Futebol Clube, de farda alvirrubra. Ambas as agremiações tinham seu próprio estádio. James não era atleta, mas apenas incentivador do esporte, ao passo que Carlos Teles Bacelar, além de ser considerado o introdutor do esporte bretão em Évora e de haver trazido a primeira bola a solo eborense, era um grande atacante, e, não raras vezes, o artilheiro em disputas locais e estaduais.

Quando a importância da comercialização da cera de carnaúba começou a declinar, em face da Segunda Guerra Mundial e depois em virtude da descoberta de substitutivos, Carlos diversificou sua atividade industrial, com a fabricação de novos produtos, usando outras matérias primas nativas, como o jaborandi e o babaçu, além de ter criado um grande sistema de vendas por atacado, com capilaridade em toda a região.

Além disso, de forma surpreendente, começou a comprar borra de cera de carnaúba, numa época em que tanto a cera parda como a cera flor estavam com seus preços em baixa. As hipóteses sobre essa iniciativa eram as mais diversas possíveis, e não faltou quem achasse que o grande empresário estaria dando um tiro no pé, ou até mesmo na cabeça. Alguns acharam que ele perdera o juízo, ou pelo menos o tino comercial.

Depois de alguns meses, o verdadeiro objetivo de Teles Bacelar foi descoberto. Ele, o irmão Adalberto, que era engenheiro mecânico, e o primo Mauro, formado em Química, em cujo curso tirara as mais altas notas, sendo mesmo considerado um legítimo alquimista da contemporaneidade, descobriram um processo para aproveitar a borra da industrialização da cera de carnaúba, clarificando-a, e dando-lhe quase a mesma qualidade, textura e coloração da cera flor, cujo preço sempre fora mais alto. Aliás, Mauro Machado Bacelar, em fase experimental, inventou um sistema mecânico e químico para transformar a palha da carnaúba, após a retirada do pó, em celulose, num grau de aproveitamento jamais alcançado. Infelizmente, os concorrentes e os adversários políticos dos Teles Bacelar impediram que o governo federal financiasse esse projeto, de forma que ele nunca pôde ser implementado.

Deram-lhe a classificação de cera parda/flor, e entraram com requerimento para exportar várias toneladas desse produto para países da Europa. Logo, através de amigos, James Taylor soube desse processo administrativo e denunciou ao chefe da alfândega local que essa tal cera era uma fraude industrial, e que isso terminava sendo uma verdadeira concorrência desleal e predatória para com as outras indústrias ceríferas. Todavia, diante de laudos laboratoriais, e ante a documentação de que empresários europeus assumiam o compromisso de comprar o produto, sem nenhuma restrição e por um preço superior à da cera parda, o titular da alfândega deferiu o pedido, em despacho muito bem fundamentado.

Contudo, Taylor apelou para congressistas amigos, um deles parente de sua mulher, que se reportaram ao ministro da Fazenda. Quando várias alvarengas e barcaças, carregadas com várias toneladas da dita cera parda/flor já se preparavam para descer o Paraguaçu

em demanda do porto marítimo, que ficava a cerca de 30 quilômetros, perto da praia de Amarração, chegou um telegrama do ministro determinando a suspensão do deferimento alfandegário, até ulterior decisum.

Depois de longa demanda, tanto no âmbito do Poder Judiciário, como no do Ministério da Fazenda, com interferência de políticos de ambos os lados empresariais, Teles Bacelar pôde remeter o seu produto para países da Europa, bem como para algumas indústrias brasileiras. Novos pedidos foram feitos, o que demonstrou a boa qualidade da cera. A Teles Bacelar recebeu muitos elogios pela qualidade de seu produto e pelo maior aproveitamento da matéria-prima. Tudo isso foi intensamente repercutido nos jornais da época, como uma grande conquista e inventividade da indústria eborense.

James Taylor terminou desistindo da fabricação de cera de carnaúba, enquanto a Teles Bacelar Indústria e Comércio ainda resistiu bravamente por algumas décadas, até a sua derrocada final, por motivos diversos, que não vêm ao caso.

Capítulo XXXVI

E assim se passaram os anos

Quando Marcos concluiu o curso ginasial, encontrou uma turma de ginasianos que se comprometeu a dar continuidade ao jornal mural O Arauto. Conseguiu ainda publicar o jornal mimeografado O Liberal até o final de seu curso de Direito. Já então Mário Cunha fora morar no Rio de Janeiro, onde seu talento artístico foi reconhecido, passando a trabalhar como capista e ilustrador de grande editora nacional, que publicava revistas e livros didáticos e literários. Fabrício, que já vinha auxiliando seu pai na administração de sua loja de eletrodomésticos, fora cursar Administração de Empresas na capital.

Em virtude de O Liberal ter uma linha editorial independente e criticar com contundência as três esferas de governo, terminou perdendo vários anunciantes, o que foi inviabilizando a sua publicação regular, que se foi espaçando cada vez mais, até o seu extemporâneo último número, cujo editorial teve o título poético de O canto do cisne, em que anunciava melancolicamente a sua própria extinção. Nesse número, a exemplo do que fazia nos demais, denunciou várias mazelas e corrupções da política estadual, nacional e municipal, além da derrubada e descaracterização de vários prédios e logradouros do patrimônio arquitetônico e artístico municipal.

Com a decadência do extrativismo e da construção de estradas asfaltadas, interligando as cidades circunvizinhas, a navegação do Paraguaçu foi definhando, definhando, até quase extinguir-se de todo. Já não se viam as grandes chalanas, barças e alvarengas ancoradas no cais do Porto do Charque, cujo nome era devido às charqueadas que ali existiram num passado já distante. As duas maiores indústrias de óleo de babaçu e de cera de carnaúba – a Vegecera e a Teles Bacelar – entraram em processo falimentar.

Quando James Cavalcante Taylor, proprietário da primeira, parou suas máquinas e caldeiras, seu grupo empresarial já estava em grandes dificuldades financeiras; disso resultou ficar em atividade apenas a matriz da Casa Britânica, fixada em Évora, que ainda resistiu por alguns anos. Carlos Teles Bacelar, por sua vez, emborcou o facho de suas fábricas de cera e de óleo babaçu; passou a fabricar outros produtos e diversificou suas atividades.

Os pequenos fabricantes, geralmente pequenos e médios fazendeiros da região, também não puderam prosseguir com essa produção cerífera. Outros produtos, cultivados ou coletados, como jaborandi, tucum, oiticica, babaçu, maniçoba, algodão, ao longo dos anos, também perderam valor comercial, e foram substituídos por outros produtos, naturais ou sintéticos. A grande fábrica têxtil dos Dias Bezerra, que comprava quase toda produção algodoeira do entorno de Évora, entrou em colapso, e não mais se viu penacho de fumo em sua imensa e suntuosa chaminé.

Com a instalação de grandes lojas de departamento em Évora, com preços mais atraentes e sistema de crediário de prazo mais alongado, muitas lojas concorrentes locais, de nomes imponentes como Império dos Móveis, Ditador da Moda, Palácio de

Variedades, fecharam as portas. Os chamados profetas do apocalipse anunciaram que a cidade entraria em total decadência, e passaram a chamá-la de “a cidade do já teve”, de “bela adormecida”, de “finada Princesa do Paraguaçu”, etc.

Contudo, o rebate das trombetas foi falso, e os profetas apocalípticos fracassaram em seus presságios. Tal como aconteceu com outras cidades de mesmo porte, Évora voltou a se desenvolver em outros setores, sobretudo no turismo, prestação de serviço e comércio. Assim, surgiram novos hotéis e pousadas; instalaram-se vários estabelecimentos de ensino, mormente de nível superior, inclusive com faculdades de medicina, odontologia, enfermagem, agronomia; fundaram-se mais clínicas e hospitais; grandes empresas atacadistas e de supermercados surgiram na cidade, atraindo consumidores e varejistas de todos os municípios da região. Eclodiram muitas empresas não pertencentes às famílias tradicionais da cidade. Évora se expandiu em novos e afastados bairros, inclusive com a construção de luxuosos condomínios fechados. Foi nesse embalo que, já formado, Fabrício conseguiu transformar a loja de seu pai numa grande rede estadual de lojas de departamento, o que demonstrou a sua inteligência, liderança e capacidade empresarial.

Em meados da década de 1980, Marcos associou-se a alguns amigos intelectuais e fundou a Academia Eborense de Letras. Na qualidade de seu idealizador, foi aclamado pelos seus confrades como seu primeiro presidente. Na solenidade de sua instalação, realizada no auditório da Câmara Municipal, no prédio onde funcionara o desativado Évora Clube, onde dançara tantas vezes, proferiu notável discurso, no qual denunciou que alguns prédios antigos e históricos da cidade já haviam sido derrubados ou descaracterizados, sobretudo por comerciantes gananciosos, ávidos apenas por lucro e mais lucro. Alertou que as velhas casas (os “planetas”) da Zona Planetária estavam com seu estado de conservação bastante comprometido, podendo ruir num “inverno” mais rigoroso.

Acrescentou que o poder público municipal deveria promover concurso no ramo da historiografia, para que algum pesquisador ou historiador ficasse estimulado a escrever a história de Évora. Falou da degradação ambiental da cidade, sugerindo que um parque florestal fosse criado, sobretudo para preservação das matas ciliares do Paraguaçu. Também apresentou a sugestão para que um parque de preservação ambiental fosse criado na região da Serra do Cachimbo, com a criação e instalação de piscinas, bicas, trilhas, teleférico e outros equipamentos, que, sem dúvida, fomentaria o turismo no município.

Por fim, defendeu a ideia de que o Cemitério da Igualdade, de nome tão justo quanto apropriado, já inativo há mais de duas décadas, fosse transformado num museu e memorial a céu aberto, com a preservação dos túmulos e a criação de alamedas, jardins, caramanchões e um espaço para meditações e palestras temáticas. Seu discurso, com as suas denúncias e sugestões, foi acolhido com longa e intensa salva de palma. O jornal A Batalha o publicou na íntegra e a rádio Princesa do Paraguaçu o divulgou em vários horários. Posteriormente, foi publicado em forma de folheto.

Após o seu discurso, houve um lauto coquetel. Quando Marcos se postou, sozinho, a uma das janelas ogivais, perto de onde dançara tantas vezes, quando o auditório era a pista de dança do saudoso Évora Clube, veio cumprimentá-lo uma moça loura, um tanto gorda, de olhos azuis, meio enevoados pelo que poderia ser o prenúncio de alguma doença ocular; apresentava sinais de espinhas, sardas e varíola no rosto. Elogiou-lhe o discurso e tentou entabular uma conversa. Olhava-o como se tentasse seduzi-lo. Não tendo gostado da conversa e não se sentindo nem um pouco atraído pela mulher, Marcos, conquanto a tenha tratado com cortesia, inventou uma desculpa qualquer e se dirigiu para a mesa onde estavam Fabrício e outros amigos.

Soube, então, que aquela mulher era uma neta de James Cavalcante Taylor, já falecido há alguns anos, despojado da fortuna que tivera outrora. Viera passar alguns dias em Évora, após longos anos de ausência, em visita a familiares. Marcos, consternado, teve a certeza de que por trás daquela ruína precoce se escondia a inefável e precária beleza daquela menina linda, mas tola e presunçosa, que tanto o encantara no início de sua adolescência, e que tanto o magoara com o seu estúpido desdém.

Tomou um longo gole de cerveja, porém a bebida lhe pareceu mais azeda que de costume, como se fora um cálice de amargura e de fel. Não teve nenhuma sensação de vitória, revanche ou vingança. Ao contrário, como lamentou esse reencontro e a beleza esvaída nas formas transitórias, imperfeitas.

Com o coração confrangido, lembrou-se destes versos de um jovem poeta amigo seu:

recordas a menina que te golpeou
com um não, apenas por capricho e maldade.

(...)

lamentas a namoradinha jovem e esbelta
que envelheceu e engordou.

debalde procuras a sua cintura
para ternamente lhe pousares as mãos.

antes não mais a tivesses revisto.

Capítulo XXXVII

Seus olhos são negros, negros

Poucos meses após a instalação da Academia Eboreense de Letras, Newton Azevedo, pai de Marcos, então chefe da agência local do IBGE, recebeu convite para ser o diretor desse Instituto no Estado. Seria o coroamento de sua carreira de funcionário público federal, além de que ainda poderia incorporar a gratificação aos seus proventos, quando se aposentasse. Aceitou o convite e imediatamente fixou residência na capital. Marcos, que já recebera insistentes convites para exercer seu cargo na sede da Delegacia da Receita Federal no estado, requereu também a sua remoção, pois ainda desejava continuar morando com os pais.

Não se pode dizer que Marcos tenha sido insensível ao filho que Madalena lhe disse levar em seu ventre para as Alterosas. Apenas aceitou como fato consumado e irreversível a circunstância de que talvez nunca o veria e de que essa criança seria criada por ela e pelo marido, sem a sua participação e sem a sua lembrança. Contudo, alimentava a esperança de que algum dia poderia ver o filho, ainda que incógnito e à distância.

Muitos anos depois, quando Marcos já completara cinquenta anos de idade, e exercia, pela segunda vez, a função de delegado da Receita Federal, recebeu, em seu gabinete, a visita de um guapo rapaz, que se anunciara como uma pessoa que desejava tratar de urgente assunto pessoal. O jovem, bem vestido e elegante, após os cumprimentos iniciais e apresentação, com certo embaraço e discretas hesitações, lhe contou ser filho de Madalena, e que era formado em medicina, como seu pai.

Disse que o pai, quando sentiu que estava à morte, um ano atrás, pedira à mulher que, após o seu falecimento, revelasse a Lucas da Mota Dias Júnior, que lhe herdara o nome e a profissão, quem era seu pai biológico. Recomendou que o filho o visitasse, caso o desejasse. O rapaz, após colher as necessárias informações da mãe, quando esta lhe revelou o segredo familiar, fez pesquisas na internet, tendo conseguido o endereço funcional de Marcos, sem maiores dificuldades.

Desejando ser sintético e não querendo emocionar o meu leitor, direi que ambos se comoveram, se abraçaram e mesmo derramaram discretas lágrimas. Marcos o convidou para se hospedar em sua casa, mas o rapaz, que viera acompanhado de sua jovem esposa, em viagem de lua de mel, preferiu ficar hospedado no Luxor Hotel, no centro da cidade.

Todavia, aceitou almoçar com o pai, na residência deste, onde foi muito bem recebido por sua esposa e pelos dois filhos do casal. Coroando tudo, em perfeito final feliz, após conversa e deliberação entre eles, Marcos foi com Lucas ao Cartório competente onde o reconheceu como filho. Os expedientes e termo foram enviados ao cartório de Belo Horizonte, onde Lucas fora registrado.

Feitas as averbações, o rapaz passou a constar como filho de Lucas da Mota Dias e de Marcos Azevedo, seus pais afetivo/adotivo e biológico. Pouco se falou em Madalena, mas o jovem médico informou que ela se encontrava em bom estado de saúde e ainda se mantinha bela e em forma. Pai e filho passaram a se comunicar, com admirável frequência, por telefone e pelas redes sociais da internet, inclusive com envio de fotos familiares.

* * *

Marcos nunca esqueceu a linda e loura paranaense de olhos de esmeralda. Ela lhe ficou como uma bela e inatingível miragem de sua adolescência. Seu pai fora transferido para outra loja, sediada na capital, e ele não mais a reviu. Porém, mais de uma década depois, quando ele já residia na capital, voltou a vê-la, talvez por acaso, se é que o acaso existe.

Estava, em companhia de Antônio Francisco Sousa, colega fiscal, assistindo a um artista de rua, quando uma magnífica balzaquiana, de cintilantes cabelos louros e refulgentes olhos verdes, começou a olhá-lo de forma insistente e intensa. Embora estivesse acompanhada de uma menina de cerca de cinco anos, chegava ao ponto de quase se voltar para trás, para melhor fitá-lo.

Ele também a fitou, com intensidade e alumbramento, com paixão e ternura no olhar, mas logo convidou o colega a se retirarem, temendo este notasse alguma coisa. Mas, não andaram muito, Antônio Francisco, que também era perspicaz cronista, lhe perguntou, com ar divertido e malicioso:

– Marcão, você pensa que eu não vi, que eu sou cego e insipiente? Quem é aquela suntuosa e esplêndida “balzaca”, com aquela linda aliança no anelar esquerdo, que te olhava com tanta insistência e admiração? Parecia te conhecer e estar cheia de amor para dar...

Marcos, recordando-se dos seus tempos de adolescente, preferiu responder de forma enigmática e poética:

– É um fantasma, um vulto de mulher que me persegue desde minha adolescência. Prefiro deixá-la numa torre ebúrnea, alta, distante, e inalcançável como um unicórnio, para que em mim permaneça indelével a nostalgia de quanto a amei, e de quanto a fiz inatingível em minha timidez e loucura de poeta adolescente, embora ela também me quisesse... Assim foi melhor, porque sempre permanecerá a doçura do enlevo e da devoção, e jamais a amargura da decepção...

* * *

Quando Marcos completou 32 anos de idade, assumiu o cargo de auditora-fiscal uma moça de nome Lívia Maria. Esbelta, de boa estatura, chamava a atenção por sua beleza e simpatia. Embora concentrada nos serviços que desempenhava e focada em seus deveres funcionais, tinha senso de humor e o usava com inteligência, discrição e notável senso de oportunidade. Fora analista na Justiça do Trabalho. Corria o boato de que tinha um namorado ou noivo em sua antiga repartição.

O rapaz logo percebeu que, além de diligente em seus deveres funcionais, ela tinha bom caráter e uma exemplar formação moral, mas sem preconceitos e farisaísmos. Nas horas de folga, estudava com afinco a legislação tributária, especialmente as mais direcionadas a seu cargo. Tratava todos os contribuintes com urbanidade e presteza, sobretudo os mais humildes.

Quando Marcos entrava em discussão intelectual com algum colega, ela parecia lhe admirar a cultura e a habilidade argumentativa, a sua capacidade de análise, a maneira como ele falava das variáveis que poderiam ser seguidas e as suas possíveis consequências. Poucas vezes ela participava dessas controvérsias, avessa que era a polêmicas e dissensões.

Todavia, em suas poucas e comedidas intervenções, demonstrava sempre conhecimento da matéria e muita racionalidade em seus fundamentos, sempre pautados pela lógica, proporcionalidade e razoabilidade. Uma vez ela confidenciou ao colega que o que mais admirava num homem era a inteligência e o caráter. E, se não fosse querer demais, o bom humor.

Algumas vezes, quando fazia um novo poema, e se encontrava bem-humorado e eufórico, o rapaz o recitava para um ou outro colega interessado. Lívia parecia ouvi-lo com admiração e certo embevecimento. Ele, para testar os seus pruridos de pudor e talvez preconceitos, quando fez um poema erótico, aliás, inspirado em sua beleza sinuosa, lhe entregou uma cópia, e ficou a lhe observar as reações faciais.

Notou que ela enrubesceu levemente, talvez presentindo ser a musa daqueles versos eróticos ou por estar sendo observada, mas o leu com muita atenção e sem demonstrar contrariedade. Fez duas ou três perguntas, e em seguida emitiu comentários argutos e pertinentes, em que se percebia a sua inteligência e os seus conhecimentos de quem gostava de literatura, conquanto não fosse poeta ou escritora, mas assídua leitora de poemas, contos, crônicas e romances, como esclareceu.

Certa ocasião, antes do início do segundo turno, Marcos foi até a sua sala. Encontrou-a sozinha. O rapaz, apesar de não cultivar a vaidade, percebeu que ela o olhou de cima a baixo. Pareceu admirar o que viu. O rapaz a consultou sobre certo assunto de trabalho, sobre o qual tinha dúvida, e depois lhe contou uma de suas anedotas engraçadas, supostamente verídicas, ao menos em parte, retornando a seu local de trabalho. Ficou pensando naqueles cabelos negros, ondulados, e naqueles olhos negros, cheios de fascínio e mistério, que lhe faziam recordar os versos do condor Castro Alves: “Teus olhos são negros, negros, / Como as noites sem luar... / São ardentes, são profundos, / Como o negrume do mar”. Seu pensamento divagava, como a barcarola do poeta.

A moça foi em seu encalço. O rapaz também estava sozinho em sua sala, sentado à sua mesa, com o olhar sonhador, pensativo. Ela, às suas costas, pousou as mãos sobre seus ombros, afagando-os com muita suavidade. Marcos ficou surpreso, porquanto Lívia sempre fora muito contida e discreta em seus gestos e palavras. Não sabendo bem o que fazer, pousou as suas sobre as dela, que não as retirou.

Porém, quando Marcos se levantou e tentou lhe afagar o rosto, ela se afastou e disse, com suavidade, mas com voz firme e peremptória:

– Não, Marcos, não... Eu te toquei porque te amo, mas você tem uma linda noiva, com a qual vai em breve se casar.

Para não entrar em delongas tão enfadonhas quanto desnecessárias, direi apenas que nesse mesmo dia Marcos terminou o noivado, que, por sinal, já vinha muito morno, quase adormecido, e logo iniciou apaixonado romance com Lívia, que se mostrou terna, carinhosa e ardente, como ele sempre sonhara.

Capítulo XXXVIII

Epílogo

Com a continuação do namoro, Marcos e Lívia puderam se conhecer melhor, em suas qualidades positivas e defeitos. Sentiam a falta um do outro, e não perdiam a oportunidade de estar juntos. Mesmo em seus silêncios, o rapaz sentia que a moça o compreendia, como nenhuma mulher antes o compreendera.

Passou a lhe frequentar a residência, e observou quão ela era boa irmã e excelente filha, afetiva e atenciosa. Na verdade, formavam uma exemplar família de classe média, muito bem constituída. Seus pais eram unidos, e nunca os viu discutindo, ou um levantando a voz além do estritamente necessário.

Não demorou a compreender que Lívia era a sua “cara metade”, e que parecia feita para ser a sua esposa. Não tinha nenhuma dúvida, era Lívia a sua mulher ideal, conquanto a notasse levemente possessiva e um tantinho ciumenta. Mas esses eram pecadilhos quase virtudes, e a seu ver facilmente perdoáveis. Na verdade, isso quase lhe proporcionava certo júbilo.

No começo do ano, quando fizera 33 anos de idade, ainda com aparência jovem em seu início de maturidade, Marcos combinou o casamento com Lívia para o final de maio, o mês das noivas, embora não tenham formalmente firmado esse compromisso, com trocas de aliança e tudo mais que a praxe recomendava.

Sabia que sua vida mudaria bastante, e que a sua liberdade minguaria, pois Lívia lhe despertava todo respeito, atenção e carinho. Mesmo porque, disso tinha plena consciência, as relações afetivas, sobretudo as conjugais, eram feitas de trocas e correspondências, e se ele desejava esse tratamento, deveria de igual forma tratá-la.

Por isso mesmo, no final de semana que antecederia o de seu casamento, resolveu ir a Évora, para comemorar a sua despedida de solteiro, o seu bota-fora da condição de homem livre, sem freios e peias conjugais. Cauteloso, para não criar nenhum problema antes de seu casório, convidou-a a ir em sua companhia. Mas ela, mulher sábia, ouviu os conselhos da mãe, e o deixou partir sozinho, pois reconhecia que aquele deveria ser

um momento só dele e de seus amigos, contanto não houvesse nenhuma sirigaita pelo meio.

Preparou uma trilha sonora de sua despedida de solteiro, gravada com esmero na melhor fita K7 da época, e seguiu a ouvi-la no toca-fitas de seu Monza prateado. Ao chegar em Évora, um pouco depois do meio-dia daquele sábado, percebeu que a sua despedida seria a de um homem só; a sua despedida seria de si mesmo, ou melhor, da vida livre, leve, solta, sem amarras e cabrestos, que levava até então. Mas sabia que o casamento tinha lá as suas vantagens, senão ninguém casaria, lógico.

Mário Cunha já se tornara carioca há um bom tempo, Fabrício viajara em inspeção a uma de suas lojas, os boêmios Dourado e Cazuza já haviam partido para o infinito, e Maurício Vanderley fora passar o final de semana em sua fazenda na Serra do Cachimbo. Marcos, conquanto se policiasse, não pôde deixar de lembrar, com saudade, de Ester, prima do amigo, linda serrana, de estelares olhos azuis, que nunca mais reviu e jamais voltaria a rever.

Resolveu fazer o seu périplo nostálgico, elegíaco, poético, patético e sentimental sozinho. Foi iniciá-lo no Recanto da Saudade, à beira do Paraguaçu. O comandante Augusto se mostrou muito feliz e honrado com a sua visita, e incontinenti lhe trouxe um copo americano gelado e uma cerveja “empoada”, ou “véu de noiva” ou “pescoço de água americana”; ou, para resumir, gelada até o ponto ideal.

Augusto, já de posse de sua flanela vermelha, para limpar os seus discos de Vinil, pelos quais nutria um ciúme doentio, perguntou a Marcos qual a música que ele gostaria de ouvir, tendo este respondido:

– Por favor, caro amigo Augusto, peço que ponha para tocar o Juramento de Playboy, de Carlos Gonzaga. E, se possível, desde que não aborreça os seus outros fregueses, repita essa música duas vezes, pois estou me despedindo de minha vida de solteiro... No próximo sábado, passarei a ser um homem sério, ou seja, enforcado ou algemado pelo casamento.

Ambos sorriram, e em pouco tempo se ouvia, na bela e inconfundível voz de Carlos Gonzaga:

Eu jurei fazer de tudo pelo nosso amor

Eu jurei deixar a minha vida de playboy

Eu jurei trocar meu pé de bode por um Volks

E as calças justas por um terno de senhor (...)

Quando Marcos foi pagar as duas cervejas que tomara, dom Augusto pediu:

– Por favor, deixe, desta feita, que este pobre dono de bar e garçom pague a conta por você.

Os dois se abraçaram, e Marcos, após contemplar as águas morosas e amorosas do Paraguaçu, nas quais banhara vezes sem conta, partiu, em seu carro, ouvindo sua exímia trilha sonora, para o centro histórico da cidade, que fora recentemente tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Tinha certo orgulho de haver contribuído, com seus artigos e crônicas para que isso tenha acontecido. Participou da comitiva de artistas e intelectuais que entregara fundamentado e circunstanciado memorial, por ele redigido, à diretora desse órgão no estado.

Foi até a Praça Lucas Mendes Furtado, para abraçar o amigo Louro, sempre muito simpático em sua frequentada banca de revistas e jornais. Mais uma vez lamentou que um alcaide, “prefeito jumento e jumento perfeito”, como vociferou notável poeta satírico, a tenha destruído, e reconstruído em linhas modernas, tão diferentes do traçado belo e elegante, que lhe marcara a infância, a adolescência e a juventude.

Quanta saudade sentia da velha praça, dos momentos que ali passara. Lembrança das quermesses, dos volteios, das primeiras namoradas, dos primeiros amores tão cheios de mágoas... Quem lhe traria de volta o belo e velho coreto e a sua linda cúpula? Quem lhe traria de volta a saudosa pérgula, em cujo tanque sinuoso os peixes e a tartaruga nadavam, provocando-lhe tanto encantamento em seu tempo de criança? E o odorífero caramanchão, em cuja sombra aconchegante estivera algumas vezes, a abraçar e beijar, com muita ternura, a inesquecível namorada de sua perdida inocência?

Tudo, como no filme, o tempo levava, menos em sua memória, “lâmina de desassossego / cornucópia insana insaciável / a jorrar o passado / que não morre nunca / sempre ressuscitado / no eterno regresso / a nós mesmos”. Olhou em volta da praça. Alguns casarões foram demolidos, por ignorância dos donos ou por apego aos metais.

Pensou nos amigos de outrora e do futebol. Alguns partiram para lugares distantes, em busca de melhores dias, iludidos, muitas vezes, por falsas promessas e acenos enganosos de sereias. E os amigos mortos, que nos acompanham cada vez mais vivos? Amigo, como diz a canção, é coisa para se guardar, no lado esquerdo do peito.

Reviu o prédio onde funcionara o Évora Clube. Lembrou as tertúlias dançantes e as gatinhas de sua época, jovens, belas e felizes. Hoje, tudo era apenas saudade. Saudade de uma época morta, que não mais existiria, em que fora tão emotivo e tão sentimental. A matriz ainda se mantinha bela e imponente, e isso lhe trouxe mais recordações. Seguiu a pé para a Zona Planetária, que ficava bem ali, a dois quarteirões apenas.

Teve um choque. Era o início do pôr do sol; as nuvens já se mostravam avermelhadas e a melancolia já se lhe infiltrava na alma, quando viu que vários casarões ou “planetas” haviam caído. Um passageiro lhe informou que a velha zona meretrícia tombara durante uma chuva torrencial, um verdadeiro dilúvio que desabara sobre Évora, dois dias atrás. Não bastasse o aguaceiro, uma violenta ventania açoitou a cidade, fustigando de forma impiedosa as velhas casas do lupanar.

Marcos não teve como não lembrar os versos iniciais de A Zona Planetária:

Anfion percorre os sulcos

dos discos das vitrolas e as
emoções são alinhadas pedra a pedra.

Apolo é qualquer moço feio
que nos vitrais Narciso se julga.

(...)

Nas calçadas altas da Zona Planetária
meretrizes expõem suas carnes
em varais de açougues imaginários
aos transeuntes ou faunos eventuais

Ao olhar aqueles escombros, ao andar pelas ruínas das telhas e dos frágeis adobes dos velhos cabarés, onde andara muitas vezes em sua ardente adolescência, sentiu-se o rapaz o próprio Jeremias, da evocação do poema Saudade, de Raimundo Correia:

Tudo passou! Mas dessas arcarias
Negras, e desses torreões medonhos,
Alguém se assenta sobre as lájeas frias;

Em torno os olhos úmidos, tristonhos,

Espraia, e chora, como Jeremias,

Sobre a Jerusalém de tantos sonhos!...

Marcos Azevedo parecia ouvir os acordes vívidos, vibrantes e, contudo, melancólicos da marcha turca Ruínas de Atenas, do inigualável Beethoven, que não fazia parte de sua trilha temática. Sentiu então, como jamais sentira antes e como jamais sentiria depois, o pungir agridoce da saudade. Presentiu que a sua vida e a de Évora tomariam novos rumos.

Os punhais de seda da saudade lhe golpearam as entranhas mais profundas de sua alma. Punhais de seda, sim, macios sim, mas que feriam, como um néctar venenoso – doce, inebriante e letal.

ANEXO

Outras Histórias de Évora

Ao completar 62 anos de idade, Marcos Azevedo publicou o livro *Outras Histórias de Évora*. Eram textos curtos, densos, que a crítica e os doutos não souberam classificar ao certo se seriam crônicas memorialísticas, contos ou apenas simples “causos” anedóticos. Segue, abaixo, uma pequena amostra desses artefatos literários.

Marechal

Vi-o muitas vezes a percorrer as ruas e praças de Évora. Metido em velhas fardas que lhe davam, algumas vezes esfarrapadas e amarrotadas, não andava, marchava. Com um velho quepe na cabeça, parecia participar de um desfile na caserna. Certa feita, em meados de 1980, entrou em minha repartição. Os colegas mais brincalhões foram logo tirando lorotas com ele, chamando-o de soldado, que para ele tinha uma conotação pejorativa e de menoscabo. Vendo que eu não sorria, veio até onde eu estava e disse baixinho: “Eles não sabem quem eu sou... Sou alta autoridade do planalto”. Pedi-lhe, então, que lhes perdoasse, tendo ele assentido. Perdi-o de vista; achei que tivesse ido para outra cidade. Muitos anos depois soube que passara a morar no abrigo para idosos. Fui visitá-lo. Recebi a informação de que fugira, dois dias antes. Como certos animais que voltam para morrer no lugar em que nasceram, o velho Marechal fora morrer em seu pago, no meio dos seus.

Roberto Carlos

Seu nome era Raimundo, mas desde que enlouquecera, dizem que por causa de uma paixão não correspondida, adotara o “nome artístico” de Roberto Carlos. Um dia, em minha adolescência, vi-o nas calçadas altas da Zona Planetária, bem na esquina de Júpiter, o principal “planeta”. Fazia mímicas para ninguém ou talvez para o vento ou para espíritos que só ele via. Simulava segurar um microfone; acenava para a turma do gargarejo e para “ouvintes” do fundo da inexistente plateia. Fazia meneios, trejeitos e requebros dignos de um pop star.

Julguei fosse mais feliz do que eu, imerso na ilusão de sua loucura. Muitos anos depois perguntei ao acadêmico e psiquiatra Humberto Guimarães se o Raimundo, o nosso popular Roberto Carlos, não seria mais feliz do que qualquer um de nós, porquanto ele viveria na melhor realidade que imaginara para si. Humberto disse-me que não, pois quando um louco melhora de sua doença e volta a piorar, e sente que vai perder a consciência de si mesmo, sofre muito. Em minhas palavras e interpretação: é como se

ele sentisse o aniquilamento de seu mais profundo eu; é como se fosse a morte da consciência de seu verdadeiro eu.

Tobago

A primeira vez que o vi, ele se encontrava no Bar Carnaúba. Fazia gestos e esgares. Acenava e fazia reverências, como se estivesse cumprimentando alguma pessoa no recinto. Não o conhecia e jamais ouvira falar dele. De repente, olhou em minha direção, e acenou. Respondi-lhe, mas notei que ele não me via. Com efeito, seus olhos vagos fitavam o vazio, talvez o infinito de algum ponto imaginário. Informei-me a seu respeito, e soube que, de segunda a sexta-feira, era um funcionário exemplar do Banco do Brasil, rigorosamente pontual e que nunca faltava, sempre monossilábico, introvertido, ensimesmado. Mas no final de semana se transformava naquele excêntrico e sociável boêmio, a cumprimentar espíritos ou, talvez, os fantasmas de si mesmo. Ou talvez fosse apenas um esquizofrênico dos finais de semana, a evadir-se da rotina e do tédio.

Paru

Quando o ricoço Roland Jacob se deslocava para a capital ou de lá retornava, estacionava seu Land Rover na frente de sua filial da velha urbe. Paru, então, doido manso, ia limpar o carro. Quando indagado a respeito, invariável e laconicamente respondia: "Estou lavando meu carro." Tinha o sonho de ser o prefeito da cidade. A principal meta de sua plataforma eleitoral consistia em levar o riacho Pintadas para Parnaíba e em recompensa trazer o "mar da Parnaíba", como ele dizia com ênfase, a abarcar o mundo com os braços bem abertos. Sem se despedir de ninguém, desapareceu da cidade, como por encanto. Filho da estrada e do vento, nunca se soube de onde vi/era, nunca se soube para onde foi. Ou talvez tenha ficado - encantado.

Ester

Hoje bem sei quanto é triste a loucura. Mas em minha infância, sem a devida consciência dessa enfermidade, achava alegre quando a Ester estava "atacada". Nos surtos mais severos de sua doença, ela parecia a encarnação da própria primavera, pois se cobria de ramos e flores, e saía a dançar, a cantar e a pular pelas ruas de Évora. Ela era a alegoria viva da flora – das folhas, das flores e das ramadas. Um séquito de moleques a seguia. Alguns, mais extrovertidos, dançavam com ela. Às vezes, no paroxismo de sua loucura, tirava a roupa, e mostrava os seus "recantos mais secretos, mais seletos". Sem dúvida, muitos adolescentes se "vingavam", na prática do vício solitário. Hoje, tenho

arrependimento de ter sentido alegria dos seus “ataques”, que nunca soube se ocorriam apenas na época de plenilúnio. Hoje sei quanto a loucura é triste.

Vangogue

Lindalva fazia jus a seu nome: era linda e alva. Além de alva e linda, era loura e simpática. Sempre que passava pelo seu vizinho Ribamar, doente mental, chamava-o de “meu noivo”, a cujo cumprimento ele correspondia com paixão. Sucede que um dia Lindalva noivou de verdade, com seu primo Clemilton, médico e guapo rapaz, com quem veio a se casar. Riba, quando soube da notícia, surtou, e num impulso trágico, como se fosse um novo e diferente Van Gogh, cortou o próprio pênis, cerce, rente à base, como se dissesse em seu gesto tresloucado que se “ele” não fora de Lindalva não seria de nenhuma outra mulher. Medicado a tempo, a hemorragia foi estancada e ele escapou. O rábula Possidônio Vogado, quando soube do acontecido, exclamou em admirável arroubo retórico: “O Riba vai continuar tendo desejo, porém como um direito fulminado pela prescrição ou como um revólver municiado, mas sem gatilho. Como no dizer do poeta, será um fósforo que não dará luz”.

Mudinha

Certo dia em que eu estava no Isabelão, ouvi, vindo de uma das espeluncas, um forte alarido, uns gritos que se assemelhavam a um bodejar. Um tanto apreensivo sobre o que poderia estar acontecendo, perguntei a uma das mulheres o que significavam aqueles sons desconexos e guturais, que sequer pareciam humanos. Obtive a seguinte e concisa resposta: “É a muda gozando. Quando ela goza parece que ela ou o mundo vão se acabar. Toda vez é essa latomia!”

Dourado

Além de boêmio, era compositor, carnavalesco, humorista e exímio churrasqueiro. Em cada período momesco, ele se caracterizava como um personagem nacional, que estivesse em evidência. Certa feita, encarnou PC Farias. Ficou tal e qual. Era múltiplo. Era plural. Dourado era ele próprio e seus “heterodoxos heterônimos pessoanos”.

Romualdo

Era um triste “rapaz alegre”. Patético e passional, era condecorado por inúmeras cicatrizes ao longo dos braços, feitas por ele próprio. Eram as marcas visíveis e concretas das cicatrizes que lhe feriam a alma, a cada amor desfeito ou não correspondido. Pelo que se via estampado na pele, foram inumeráveis as suas decepções amorosas. Viveu intensamente, creio, e cedo morreu.

Hermes e Afrodite

Em minha juventude, sempre que eu e meu amigo Raimundo íamos para o povoado Cantagalo, passávamos pela casa de uma sua tia, onde morava uma moça muita feia e triste, sua prima. Era mais do que feia; na verdade, era uma verdadeira assombração. E o que era pior, tinha um buço, que lhe realçava a fealdade. Seu corpo magro era linheiro como uma estaca, e não tinha nada que pudesse atrair um homem, nem mesmo o vestígio dos seios, que parecia não ter. Fui morar em outra cidade e a esqueci. Três décadas depois, ao reencontrar o meu amigo, perguntei-lhe por sua prima feiosa. Ele foi curto e grosso: “Minha prima se tornou primo, e com certeza já comeu mais mulheres do que nós dois juntos”. Creio esse rapaz fosse hermafrodita. E depois, com cirurgia ou não, se tornou Hermes, libertando-se da Afrodite em que seus pais tentaram transformá-lo.

Mistério

Era a mais bela rapariga do lugar. Contudo, era um enigma; os homens só ficavam com ela uma única vez. E nunca nenhum dos fregueses revelava o que acontecera na alcova. Alguns anos depois, um desses clientes frustrados contou o segredo dessa linda mulher. Apesar de sua enorme beleza e de sua anatomia perfeita e completamente feminina, com curvas acentuadas e belos seios, tinha um avantajado clitóris, que provocava a repulsa da clientela. Terminou se casando, alguns anos depois, com um freguês que lhe apreciou o “defeito”.

Pompoarismo

Quando não se conhecia essa palavra e muito menos se sabia existir o que ela significava, apareceu na cidadezinha uma rapariga que arrebanhou enorme clientela. É que ela tinha uma importante novidade; tinha o que passaram a designar como sendo “bezerro”. E era um bezerro famélico, tal a voracidade e vigor como ele sugava e espremia o membro masculino. Comentava-se que era um verdadeiro torniquete. Quando Possidônio Vogado explicou que a mulher podia ser treinada na arte do

pompoarismo, um seu assíduo e ardoroso cliente explicou que o dela era natural, e acontecia quando ela ficava excitada, e ela era muito fogaosa. Vogado fez então magistral trocadilho: “Ela não se excitava; se exercitava”.

Engate

Romildo passou a frequentar a casa de Dolores, sua namorada. Muito formal e sisudo, ganhou a confiança dos irmãos e pais da moça. Certo dia em que ambos ficaram sozinhos na casa, o namoro, que se não era casto era pelo menos cauto, avançou muito, e os dois terminaram indo às vias de fato, com uma completa conjugação carnal. Quando eles estavam no bem bom, já no segundo ou terceiro round, os pais da moça entraram, de súbito, na sala. Com o susto, Dolores teve uma rigorosa contração vaginal, e ensarilhou o sexo do namorado. Não houve maneira de apartá-los, de sorte que foram levados ao hospital da cidade, numa maca, cobertos por um lençol, onde foi providenciado o desengate. O fato apressou o casamento dos jovens, para que a moça não ficasse mal falada.

A papa-anjo

Cremilda era uma “moça velha”, como se dizia na cidade. Não casara e nem tinha amantes. Ganhava a vida ensinando deveres de casa aos pequenos alunos da redondeza. Comentava-se que tinha os seus favoritos, que ela aliciava aos poucos, para os seus propósitos libidinosos. Só se interessava por menores de doze anos, com medo de engravidar. Fazia o garoto jurar pela salvação de sua alma e pela vida de sua mãe que não revelaria o que se passasse entre eles. Na primeira vez, masturbava-o, para ter certeza de que ainda não tinha líquido seminal. Só após se certificar disso, permitia que o infante a penetrasse, e só até o ponto em que não lhe tirasse o cabaço. Ainda tinha o sonho de se casar virgem, de branco, e com véu e grinalda.

Morcego

Foi o maior e melhor goleiro de Évora. Era uma espécie de Higuíta antes de Higuíta. Em suas “voadas” espetaculares e espetaculosas, parecia planar ou até mesmo levitar. Daí dizer que somente ele, helicóptero e beija-flor paravam no ar. Mais louco que Higuíta, inventou o chute jornada nas estrelas, ao chutar a bola vertical e vertiginosamente para cima, com o bico da chuteira. Num desses chutes, a bola venceu a barreira da gravidade, e ganhou o espaço sideral; hoje, orbita a Lua, como satélite de nosso satélite. Às vezes,

deixava sua meta e ia para o campo adversário jogar de atacante, chegando ao ponto de driblar e fazer gols.

Nas ocasiões propícias, simulava deixar a bola passar, quando então saltava para trás para executar a defesa, o que deixava os torcedores assustados e com os nervos em frangalhos. Vez ou outra, com a bola encaixada nas mãos ou ao peito, fazia verdadeiras acrobacias, inclusive dando saltos mortais e outras cambalhotas. Seu curioso apelido se devia ao fato de que, não raras vezes, ao saltar para fazer uma defesa, conseguia ficar dependurado no travessão, à imagem e semelhança de um morcego.

SÍNTESE BIOGRÁFICA DE ELMAR CARVALHO

José Elmar de Mélo Carvalho nasceu em Campo Maior, em 09.04.1956. Residiu por vários anos em Parnaíba, onde se formou em Administração de Empresas (UFPI). Reside em Teresina, desde 1982, na qual se bacharelou em Direito (UFPI). Exerceu o cargo de Fiscal de Abastecimento e Preços (SUNAB), por concurso público. Filho de Miguel Arcângelo de Deus Carvalho e Rosália Maria de Mélo Carvalho. Casado com Fátima, com quem tem dois filhos: João Miguel e Elmara Cristina.

Colaborou com os seguintes jornais e revistas: A Luta, O Dia, Jornal da Manhã, O Estado, Meio Norte, Folha do Litoral, Norte do Piauí, Inovação, Almanaque da Parnaíba, Presença, Cadernos de Teresina, Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado, revistas do Instituto Histórico de Oeiras e da Academia Piauiense de Letras etc.

Participou das seguintes obras coletivas: Poesia do Campus, Salada Seleta, Em Três Tempos, Galopando, Poemágico, Poemari(t)imos, Poesia Teresinense Hoje, Postais da Cidade Verde, Andarilhos da Palavra (I e II), A Poesia Piauiense no Século XX, de Assis Brasil, Baião de Todos, de Cineas Santos, Nordeste (SESC/SP), Crônicas de Sempre, de Adrião Neto, Antologia dos Poetas Piauienses, de Wilson Carvalho Gonçalves, entre outras. Coautor do livro A Poesia Parnaibana (2001), juntamente com Adrião Neto e Alcenor Candeira Filho.

Autor, entre outros, dos livros Cromos de Campo Maior (1990 e 1995), Noturno de Oeiras (1994), Rosa dos Ventos Gerais (3 edições: 1996, 2002 e 2016), Sete Cidades – roteiro de um passeio poético e sentimental (2000), Parnaíba no Coração (2006), Lira dos Cinquentanos (2006), Noturno de Oeiras e outras evocações (2009), Bernardo de Carvalho – o Fundador de Bitorocara (2 edições: 2012 e 2016), Amar Amarante (2013), Retrato de minha mãe (2013), Confissões de um juiz (2014) e Retrato de meu pai (2016).

Presidiu o Diretório Acadêmico 3 de Março e a União Brasileira de Escritores do Piauí (UBE/PI). Um dos fundadores do jornal mimeografado Abertura. Coordenador do espaço literário Textos e Pretextos, do suplemento do D.O.E. É mencionado nos seguintes livros: Grande Dicionário Histórico-Biográfico Piauiense, de Wilson Carvalho Gonçalves, Dicionário Biográfico Escritores Piauienses de Todos os Tempos, de Adrião

Neto, Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Piauí, de Cláudio Bastos, Geração Campo Maior – anotações para uma enciclopédia, de Reginaldo Gonçalves de Lima, Aspectos da Literatura Piauiense, de Alcenor Candeira Filho, Visão Histórica da Literatura Piauiense, de Herculano Moraes, e Dicionário de Poetas Contemporâneos etc.

Recebeu, entre outras, as seguintes honrarias e distinções: Medalha do Mérito Visconde da Parnaíba (Instituto Histórico de Oeiras), Comenda do Mérito Da Costa e Silva (UBE/PI), Personalidade Cultural (UBE/RJ) e Comenda do Mérito Renascença do Piauí (Governo do Estado). Cidadão honorário de várias cidades.

Foi citado no livro Teoria e Prática da Crítica Literária, de Assis Brasil. Além de poeta, é contista, cronista e crítico literário. Foi membro do Conselho Editorial da Universidade Federal do Piauí, coordenador de Literatura e Editoração e presidente do Conselho Editorial da Fundação Cultural Monsenhor Chaves.

Membro da Academia Piauiense de Letras, da Academia Parnaibana de Letras – APAL, da Academia de Letras do Vale do Longá, da Academia Maçônica de Letras do Estado do Piauí, da Academia de Letras da Magistratura Piauiense, da Academia de Letras e Belas Artes de Floriano e Vale do Parnaíba, da Academia Campomaioreense de Artes e Letras – ACALE, da Academia de Letras do Médio Parnaíba, da Academia de Ciências, Artes e Letras de Piri-piri e da Associação Nacional de Escritores - ANE. Sócio correspondente do Instituto Histórico de Oeiras e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro. Pertenceu ao Conselho Estadual do Grande Oriente do Estado do Piauí. Juiz do Tribunal de Justiça Maçônico – GOB-PI.

O seu livro Rosa dos Ventos Gerais (1ª edição) recebeu o Prêmio Ribeiro Couto (obra reunida), conferido pela União Brasileira de Escritores – Rio de Janeiro. Um de seus maiores orgulhos é ter pertencido ao Movimento Social e Cultural Inovação, que editava o jornal de mesmo nome, cuja saga gloriosa narrou em ensaio, publicado na revista Cadernos de Teresina e no livro A Poesia Parnaibana.

Ao aposentar-se, no dia 19 de dezembro de 2014, quando fazia exatamente 17 anos de magistratura (e mais de 39 de serviço público), publicou o livro Confissões de um juiz. Tem vários livros publicados na www.amazon.com.br. Desde janeiro de 2010, é titular do blog poetaelmar.blogspot.com.br. Em seus quase 40 anos de serviço público, nunca sofreu pena disciplinar, nem mesmo de advertência ou repreensão.